UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA (PPGSP)

ANDRIK BARBOSA RISSO

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA HOMENS COMO FORMA DE DOMINAÇÃO EM CONTEXTOS DE GUERRA:
uma análise das dinâmicas de silenciamento no conflito russo-ucraniano

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
2025

ANDRIK BARBOSA RISSO

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA HOMENS COMO FORMA DE DOMINAÇÃO EM CONTEXTOS DE GUERRA:
uma análise das dinâmicas de silenciamento no conflito russo-ucraniano

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Sociologia Política.
Orientadora: Prof.ª. Dr.ª. Wania Amélia Belchior Mesquita.

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
2025

FICHA CATALOGRÁFICA
UENF - Bibliotecas
Elaborada com os dados fornecidos pelo autor.

R596 Risso, Andrik Barbosa.

"A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA HOMENS COMO FORMA DE DOMINAÇÃO EM CONTEXTOS DE GUERRA : uma análise das dinâmicas de silenciamento no conflito russo-ucraniano" / Andrik Barbosa Risso. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2025.

154 f. : il.
Inclui bibliografia.

Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2025.
Orientadora: Wania Amelia Belchior Mesquita.

1. Violência sexual masculina. 2. Masculinidade Hegemônica. 3. Silêncio. 4. Análise do Discurso. 5. Conflito Armado. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA HOMENS COMO FORMA DE DOMINAÇÃO EM CONTEXTOS DE GUERRA:
uma análise das dinâmicas de silenciamento no conflito russo-ucraniano

ANDRIK BARBOSA RISSO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Sociologia Política.
Orientadora: Prof.ª. Dr.ª. Wania Amélia Belchior Mesquita.

Aprovada: 26/05/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
FATIMA REGINA CECCHETTO
Data: 05/09/2025 12:20:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª. Dr.ª. Fátima Regina Cecchetto (Saúde Coletiva – UERJ)
Fundação Oswaldo Cruz

Documento assinado digitalmente
gov.br
DENIS GONCALVES FERREIRA
Data: 04/09/2025 14:24:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Denis Gonçalves Ferreira (Saúde Coletiva – FCMSCSP)
Centro Universitário de Várzea Grande

Documento assinado digitalmente
gov.br
SERGIO ARRUDA DE MOURA
Data: 04/09/2025 21:39:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Sérgio Arruda de Moura (Literatura Comparada – UFRJ)
versidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br
SHIRLENA CAMPOS DE SOUZA AMARAL
Data: 08/09/2025 20:57:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª. Dr.ª. Shirlena Campos de Souza Amaral (Sociologia e Direito – UFF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br
WANIA AMELIA BELCHIOR MESQUITA
Data: 04/09/2025 04:22:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª. Dr.ª. Wania Amélia Belchior Mesquita (Sociologia – IUPERJ)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro
(Orientadora)

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
2025

DEDICATÓRIA

Ao primeiro homem que busquei sentido em seu silêncio: meu pai

AGRADECIMENTOS

Mesmo sem saber o que eram mestrado e doutorado, ainda criança, eu já dizia à minha mãe: “quando eu crescer, eu vou fazer mestrado e doutorado”. Eis-me aqui, na reta final desse sonho. Agradeço à minha criança interior a ter me motivado a prosseguir, mesmo nos momentos mais críticos que atravessei durante esse processo.

Agradeço aos meus pais, Lucenilce e André Luis, que se tornaram mãe e pai muito novos e não tiveram as mesmas oportunidades que eu. Que de alguma forma, sabiam da importância da educação e que ela seria transformadora em nossas vidas. Deram o que tinham e o que não tinham para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha prima Joyce, que foi minha parceira fiel, quem nunca soltou a minha mão, mesmo nos meus momentos mais sombrios, até mesmo quando eu achei por um momento que a minha vida não fazia mais sentido.

Agradeço ao meu namorado Filip, que me conheceu no último ano dessa jornada, mas cujo apoio fez total diferença, e logo compreendeu a importância do meu trabalho e me ofereceu seu companheirismo ímpar.

Agradeço aos meus orientadores Wania e Dimitri, que abraçaram esse tema desafiador junto a mim.

Agradeço ao Prof. Denis Ferreira, que me apresentou a ONG Memórias Masculinas, e me fez mergulhar de vez no tema a partir do nosso grupo de estudos. E aos meus colegas do grupo, que me inspiraram a cada encontro.

Agradeço à Prof.ª Fátima Cecchetto, que me ajudou a dar os primeiros passos sobre o tema e me disse que sim, minha pesquisa seria possível.

Agradeço ao meu eterno Prof. Orientador Sérgio Arruda, quem abriu as portas da UENF para mim. Obrigado por todos os abraços que me confortaram nessa jornada.

Agradeço à Prof.ª Karoline Truchon, que me ajudou a construir os caminhos metodológicos da pesquisa.

Agradeço à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por ter financiado esta pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por ter financiado meu período sanduíche de 10 meses na Université du Québec en Outaouais (UQO). Esse período no Québec foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente nos meus dias de trabalho na Grande Bibliothèque du Québec.

O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas.

Eni Orlandi

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL

Esta tese trata de temas sensíveis, como violência sexual, tortura e experiências traumáticas vividas por homens em contextos de guerra. Algumas passagens contêm descrições de episódios de sofrimento físico e psicológico que podem gerar gatilhos emocionais.

Recomenda-se cautela na leitura, especialmente para pessoas que passaram por experiências similares ou que estejam em situação de fragilidade emocional.

Caso você se sinta afetado(a) pelos conteúdos abordados, procure um canal de acolhimento ou ajuda psicológica. No Brasil, o Disque 100 é um serviço gratuito e sigiloso que oferece apoio e recebe denúncias de violações de direitos humanos.

Sua saúde mental é importante. Cuide-se.

RESUMO

RISSO, Andrik Barbosa. **A violência sexual contra homens como forma de dominação em contextos de guerra:** uma análise das dinâmicas de silenciamento no conflito russo-ucraniano. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2025

Esta tese analisa o silêncio em torno da violência sexual contra homens no contexto do conflito armado entre Rússia e Ucrânia, iniciado em 2022. A partir de depoimentos publicados em veículos de imprensa internacionais, a pesquisa investiga como o corpo masculino é utilizado como arma de guerra e de que modo as construções da masculinidade hegemônica contribuem para o apagamento dessas vítimas. Utilizando a Análise do Discurso de linha francesa, são discutidos conceitos como *ethos* masculino, poder, silêncio e emasculação simbólica. A pesquisa revela que, apesar de representarem a maioria dos relatos de violência sexual em determinados períodos do conflito, os homens seguem invisibilizados pelas normas sociais de gênero, pelo discurso midiático e pelas estruturas institucionais. A tese contribui para o reconhecimento dos homens como vítimas legítimas de violência sexual em cenários de guerra e propõe uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de dominação, virilidade e resistência.

Palavras-chave: Violência sexual masculina. Masculinidade Hegemônica. Silêncio. Análise do Discurso. Conflito Armado.

ABSTRACT

RISSO, Andrik Barbosa. **Sexual Violence Against Men as a Form of Domination in Wartime Contexts:** An Analysis of Silencing Dynamics in the Russo-Ukrainian Conflict. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2025

This dissertation analyzes the silence surrounding sexual violence against men in the context of the armed conflict between Russia and Ukraine, which began in 2022. Based on testimonies published in international media outlets, the research investigates how the male body is used as a weapon of war and how hegemonic masculinity contributes to the erasure of these victims. Drawing on French Discourse Analysis, the study addresses key concepts such as masculine ethos, power, silence, and symbolic emasculation. The findings reveal that, although men represented a significant portion of reported victims during certain phases of the conflict, they remain rendered invisible by gender norms, media discourse, and institutional structures. This dissertation contributes to the recognition of men as legitimate victims of sexual violence in war and offers a critical reflection on dynamics of domination, virility, and resistance.

Keywords: Male Sexual Violence. Hegemonic Masculinity. Silence. Discourse Analysis. Armed Conflict.

RÉSUMÉ

RISSO, Andrik Barbosa. **La violence sexuelle contre les hommes comme forme de domination en contextes de guerre :** une analyse des dynamiques de silenciation dans le conflit russo-ukrainien. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2025

Cette thèse analyse le silence entourant les violences sexuelles contre les hommes dans le contexte du conflit armé entre la Russie et l'Ukraine, déclenché en 2022. À partir de témoignages publiés dans la presse internationale, la recherche examine comment le corps masculin est utilisé comme une arme de guerre et comment les constructions de la masculinité hégémonique contribuent à l'effacement de ces victimes. En mobilisant l'Analyse du Discours d'inspiration française, l'étude aborde des concepts tels que l'ethos masculin, le pouvoir, le silence et l'émasculation symbolique. Les résultats révèlent que, bien que les hommes constituent la majorité des victimes dans certains épisodes du conflit, ils restent invisibilisés par les normes sociales de genre, les discours médiatiques et les structures institutionnelles. Cette thèse contribue à la reconnaissance des hommes en tant que victimes légitimes de violences sexuelles en temps de guerre et propose une réflexion critique sur les dynamiques de domination, de virilité et de résistance.

Mots-clés : Violence Sexuelle Masculine. Masculinité Hégémonique. Silence. Analyse du Discours. Conflit Armé.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Ucrânia com as organizações que participaram da pesquisa
Figura 2 – Mapa da Ucrânia com as regiões atacadas pela Rússia em 2022
Quadro 1 – Organização dos dados
Quadro 2 - Jornais
Quadro 3 - Jornalistas
Gráfico 1 – Sexo dos jornalistas
Gráfico 2 – Nacionalidade dos jornalistas
Figura 3 – Fusão das identidades
Figura 4 – Enunciação e enunciado
Quadro 4 – Homem russo x Homem ucraniano
Figura 5 - Identidade visual da associação Alumni
Figura 6 - Descrição do perfil da Alumni no Facebook
Figura 7 - Imagem publicada na página da Alumni no Facebook
Quadro 5 - relato 1
Quadro 6 - relato 2
Quadro 7 - relato 3
Quadro 8 - relato 4
Quadro 9 - relato 5
Quadro 10 - relato 6
Quadro 11 - relato 7
Quadro 12 - relato 8
Quadro 13 - relato 9
Quadro 14 - relato 10
Quadro 15 - relato 11
Quadro 16 - relato 12
Quadro 17 - relato 13
Quadro 18 - relato 14
Quadro 19 - relato 15

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

ASP – All Survivors Project

CNN – Cable News Network

HRW – Human Rights Watch

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OHCHR – Office of the High Commissioner for Human Rights (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos)

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

WRC – Women's Refugee Commission

Sumário

INTRODUÇÃO *17*

1. VIOLENCIA SEXUAL CONTRA HOMENS EM CONTEXTO DE GUERRA: exercendo poder e dominação sobre o inimigo *22*

1.1. Violência sexual contra homens no contexto da guerra russo-ucraniana **22**

1.2. Definição de violência sexual **28**

1.3. Violência sexual contra homens **37**

1.4. Violência sexual contra homens em contexto de guerra **42**

1.5. Tipos de violências sexuais à luz do direito internacional **46**

1.6. Uma Questão de Poder e Dominação **48**

1.7. Definição de guerra **49**

1.8. A guerra: um conflito social? **52**

1.9. Guerra e tortura: o gozo da violência **53**

2. DO PERCURSO METODOLÓGIO À ANÁLISE DO DISCURSO: buscando o silêncio *58*

2.1. A coleta de dados: **58**

2.1.1. O contato direto a uma das vítimas 60

2.1.2. Organização dos dados 61

2.2. Discurso das mídias: quem informa? quem relata? **62**

2.3. Percurso metodológico **66**

2.4. O *ethos* masculino **68**

2.5. Buscando sentido no silêncio **74**

3. MASCULINIDADES: do phallus à hegemonia *83*

3.1. O *phallus* **83**

3.2. Um problema de gênero **85**

3.3. Masculinidade hegemônica **91**

3.4. A violência sexual contra homens em contexto de guerra à luz das masculinidades: por que homem não fala? **97**

3.5. Emasculação **101**

3.6. Homem russo x Homem ucraniano **103**

4. PERFORMANCES DO SILÊNCIO E DA DOMINAÇÃO: uma leitura discursiva dos relatos de guerra *105*

4.1. Análise discursiva **105**

4.1.1. O silêncio como apagamento e como resistência 106

4.1.2. Da crise do *phallus* e da virilidade à ruptura do *ethos* masculino: a emasculação... 112

4.1.3. Violência sexual e performatividade do poder: o gozo do agressor 117

4.1.4. Fragmentos de resistência e deslocamento de *ethos* masculino: a ressignificação 119

4.2. Considerações parciais.....124

CONCLUSÃO.....126

REFERÊNCIAS 129

APÊNDICE 133

APÊNDICE – Quadros de organização dos dados.

INTRODUÇÃO

“Cobra, homem
Pega, come
Porque eu sou é homem”
Ney Matogrosso, “Homem com H”, 1981.

Foi em 2022 que o mundo presenciou o território ucraniano ser invadido pela Rússia. Iniciou-se um conflito armado entre os dois países, o que gerou uma grande comoção na Comunidade Internacional, com efeitos na economia mundial, crises políticas, discussões na Organização das Nações Unidas (ONU), e embates envolvendo a Rússia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), afetando ainda mais diretamente os países europeus. Criou-se uma tensão global.

Com o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, com um avanço significativo da presença russa no território ucraniano por meio de bombardeios, invasões, captura de soldados e civis, ataques diretos, o mundo voltou-se com os olhos para o conflito, principalmente para monitorar as ocorrências de crimes de guerra e as violações contra os direitos humanos e do direito internacional. Órgãos da ONU investigaram e encontraram evidências de diversos crimes de guerra que infringem diversas normas e condutas, tais como a violência sexual como arma de guerra (CNN Brasil, 2022).[1]

Em um relatório[2] publicado pela ONU em 2024, dados importantes sobre os casos de violência sexual no conflito russo-ucraniano foram revelados. Segundo o documento, entre junho e agosto do mesmo ano, foram relatados 342 casos de violência sexual, em que quase 70% foram denúncias de homens. Apesar desses dados alarmantes, a violência sexual contra homens continua sendo um tema invisibilizado, pouco debatido, o que traz graves consequências como o estigma, o silenciamento e a impunidade. O reconhecimento de homens como vítimas de violência sexual seria o primeiro passo para oferecer apoio, acolhimento e tratamento

[1] Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/investigacao-da-onu-conclui-que-crimes-de-guerra-foram-cometidos-na-ucrania/ Acesso em 6 de maio de 2025.
[2] *40th Periodic Report of the OHCHR*

especializado, como a disponibilidade de médicos urologistas e apoio psicológico direcionado.

Em um dos relatos coletados para esta pesquisa, um dos homens denuncia:

> Eu perguntei a eles: "Eu deveria procurar um ginecologista?" Fiquei chocado. Estamos em guerra desde 2014 [quando forças russas proxies ocuparam a Crimeia e partes do leste da Ucrânia], e ninguém sequer pensou nas vítimas masculinas de violência sexual. (The Guardian, 2024, identificado como Oleksii Sivak)

Segundo o relatório *40th Periodic Report* da Organização das Nações unidas, homens são maioria nos casos de violência sexual, porém ainda são tratados como inexistentes, e isso pode ser entendido pela impossibilidade de reconhecer que homens podem ser vítimas de violência sexual, dado os papeis sociais de gênero em que os homens sempre são colocados no lugar de agressor e as mulheres no lugar de vítima. E ainda, é dado aos homens o dever social de proteger as mulheres de outros homens, e quando eles mesmos se tornam as vítimas, dadas relações hegemônicas em torno das masculinidades, eles temem pelo julgamento e o isolamento que podem surgir como consequência de uma emasculação simbólica.

Deste modo, podemos justificar a relevância do debate acerca deste tema, partindo do ponto de vista sociológico, pois embarca nas relações sociais de gênero. Também do ponto de vista político, uma vez que a violência sexual se torna neste sentido uma estratégia de guerra em um jogo de poder e dominação. E ainda, dos direitos humanos quando os crimes surgem violando as normas e diretrizes do direito internacional, afetando diretamente a dignidade de vida de combatentes e civis em campo de guerra. Para além disso, podemos identificar um apagamento histórico e discursivo dos homens vítimas de violência sexual.

Portanto, a pergunta que permeia esta pesquisa é: por que os casos de violência sexual contra homens no conflito russo-ucraniano permanecem amplamente silenciados, e de que maneira o uso do corpo masculino como arma de guerra desafia as narrativas tradicionais sobre violência de gênero em cenários de conflito armado? A hipótese é de que existe um silenciamento e uma invisibilidade sobre as discussões dos casos, consequência de uma sociedade amplamente influenciada pela construção da masculinidade heteronormativa.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o silêncio que envolve os casos de violência sexual contra homens no conflito russo-ucraniano, compreendendo o uso da violência sexual como uma arma de guerra, à luz das teorias sobre masculinidade hegemônica e a análise do discurso. E ainda, os objetivos específicos são:

- discutir os casos de violência sexual contra homens em contextos de guerra de forma ampla, identificando padrões e exceções na literatura existente;
- explorar o conceito de masculinidade hegemônica e como ele influencia a compreensão da violência sexual contra homens em cenários de conflito;
- analisar o silêncio em torno da violência sexual contra homens no conflito russo-ucraniano, utilizando a Análise do Discurso para identificar as dinâmicas que o sustentam;
- examinar os dados disponíveis sobre violência sexual contra homens no conflito russo-ucraniano, mapeando como o *ethos* masculino é construído discursivamente;
- analisar os efeitos de sentido do silêncio nos discursos das vítimas.

O corpus desta pesquisa de tese é composto por depoimentos publicados em veículos de imprensa internacional entre 2022 e 2024, extraídos em língua inglesa e francesa, traduzidos para o português e analisados com base na Análise do Discurso. Foram selecionados elementos que continham relatos em discurso direto para garantir que a análise fosse feita com base nas narrativas exatas contadas pelas vítimas, e não pela interpretação dos jornalistas.

À luz de Eni Orlandi (2007), José Luiz Fiorin (2012), Dominique Maingueneau (2008 e 2013), Michel Foucault (2014 e 2019) e Patrick Charaudeau (2015 e 2017), usamos a Análise do Discurso de linha francesa com base na articulação entre linguagem, poder e silêncio, para realizar o arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa.

No Capítulo 1, propomos uma contextualização aprofundada sobre o problema, trazendo informações importantes dos casos de violência sexual contra homens no contexto da guerra russo-ucraniana. Diante disso, apresentamos a definição de violência sexual para esta tese, aplicado posteriormente ao recorte masculino.

Também trouxemos em uma perspectiva mais ampla, uma análise dos casos de violência sexual contra homens em conflitos armados, e como ela se torna uma arma de guerra nesse contexto. Além disso, à luz do direito internacional, apresentamos diferentes tipos de atos possíveis que podem ser caracterizados como violência sexual, e como isso reflete em um jogo de poder e dominação.

Também vimos necessário conceituar a guerra e trazê-la para uma perspectiva de conflito social. E por fim, falamos cobre a aplicação da violência sexual como método de tortura em guerras, e como ela se converte em um ato de prazer e satisfação para o agressor.

No Capítulo 2, explicamos como realizamos as coletas dos dados e a experiência do pesquisador em entrar em contato direto com uma das vítimas, que por mais que tenha se recusado em colaborar na pesquisa, se tornou um protagonista por sua opção em manter o silêncio. Neste capítulo também explicamos como os dados foram organizados por meio de um quadro de informações. Esses quadros estão disponíveis na íntegra no Apêndice desta tese.

Também discorremos sobre o discurso midiático e sobre os perfis dos jornais e jornalistas que publicaram as matérias usadas na pesquisa. Em seguida, explicamos em detalhes o percurso metodológico até chegar na Análise do Discurso. A partir daí, entramos no campo mais teórico, desdobrando o conceito de *ethos*, até chegar no que proponho discutir como "*ethos* masculino", conceito em que me baseio nos autores da Análise do Discurso de linha francesa que discutem sobre a identidade social e psicológica e a identidade discursiva, aplicando ao "ser homem" para elaborar esta proposta conceitual. E ainda, introduzimos a discussão sobre a busca do sentido do silêncio à luz da Análise do Discurso e como isso se dá por meio de relações de poder.

No Capítulo 3, trouxemos uma discussão em torno do conceito de masculinidade, apresentando a princípio o império do *phallus* como raiz das origens da dominação masculina. Discutimos a masculinidade como um problema de gênero, entendendo primeiramente a relação de dominante/dominado entre homens e mulheres, suas diferenças e papeis sociais. Em seguida, entramos em uma discussão sobre a masculinidade hegemônica, que discorre mais um problema de gênero, mas seguindo as relações apenas entre homens, da pluralidade do que é "ser homem" e como alguns podem acessar papeis hegemônicos em detrimentos de outros. Trouxemos esse debate principalmente para o contexto militar.

Com isso, trouxemos a discussão das masculinidades para o campo da violência sexual contra homens em contexto de guerra, para entender como os papeis sociais de gênero estigmatizam os homens, os limitam e os silenciam, a ponto de não serem reconhecidos como vítimas, e tendo que viver o sofrimento do trauma em silêncio. Deste modo, entramos na discussão da emasculação, quando o homem, simbolicamente, perde sua masculinidade e rompe seu "*ethos* masculino". Por fim, trouxemos um panorama das relações de poder que envolvem a masculinidade hegemônica do que é ser um "homem russo" e um "homem ucraniano".

No Capítulo 4, chegamos finalmente à análise dos dados. Depois de ter feito o percurso teórico-metodológico nos três capítulos anteriores, apresentamos trechos dos relatos encontrados com as análises com base nas teorias discorridas anteriormente, cumprindo estritamente o método da Análise do Discurso, buscando sentido no próprio discurso.

Este capítulo foi separado em quatro eixos temáticos para discorrer a análise sobre os relatos. Esses foram: a identificação do silêncio como apagamento e como resistência, trazendo um debate sobre a política de nomenclatura das violências, a hesitação e a obrigação de dizer o que não se quer; discorremos sobre a crise do *phallus* e da virilidade até chegar à ruptura do *ethos* masculino, tendo como resultado a emasculação; também identificamos nos relatos a performatividade do poder, e como se dá o gozo do agressor, descartando a relação com o prazer sexual e se aproximando das dinâmicas de dominação.

E por fim, trouxemos os fragmentos de resistência ao sofrimento e a ressignificação do evento traumático, apresentando também o nascimento da associação Alumni, criada pelos próprios homens vítimas de violência sexual na Ucrânia, com o objetivo de oferecer acolhimento e dar voz aos que ainda se encontram como prisioneiros de guerra nos cativeiros russos.

1. VIOLENCIA SEXUAL CONTRA HOMENS EM CONTEXTO DE GUERRA: exercendo poder e dominação sobre o inimigo

"Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come
Porque eu sou é homem."
Ney Matogrosso, "Homem com H", 1981.

Neste capítulo, vamos começar contextualizando a violência sexual contra homens durante o conflito armado russo-ucraniano e trazer conceitos fundamentais sobre as principais características da violência sexual contra homens e sobre como entendemos a guerra como um fenômeno social, que vai do sofrimento e o estigma da vítima até o gozo do agressor/torturador. Abriremos também uma discussão sobre o conceito de tortura, e da violência sexual como método para obter informações e humilhar prisioneiros de guerra, até ser entendida como uma prática de para se exercer poder e dominação. Essas reflexões se mostrarão de importância ímpar para entendermos de que forma o silêncio permeia os homens, o problema da subnotificação dos casos, e os impasses para se realizar pesquisa neste campo.

1.1. Violência sexual contra homens no contexto da guerra russo-ucraniana

Para melhor contextualizar e trazer dados empíricos relevantes para esta pesquisa, analisamos dois relatórios produzidos por organizações que se dedicam a monitorar o que acontece na Ucrânia durante o conflito armado.

Para a análise dos relatórios internacionais utilizados nesta pesquisa — *Service Barriers Faced by Male Survivors of Sexual Violence in Ukraine* e o *40th Periodic Report of the OHCHR* — adota-se o referencial de análise documental proposto por André Cellard (2012). Partindo da concepção de que documentos não são espelhos neutros da realidade, mas sim produções sociais situadas e atravessadas por discursos e relações de poder, esta pesquisa interroga os documentos a partir de cinco

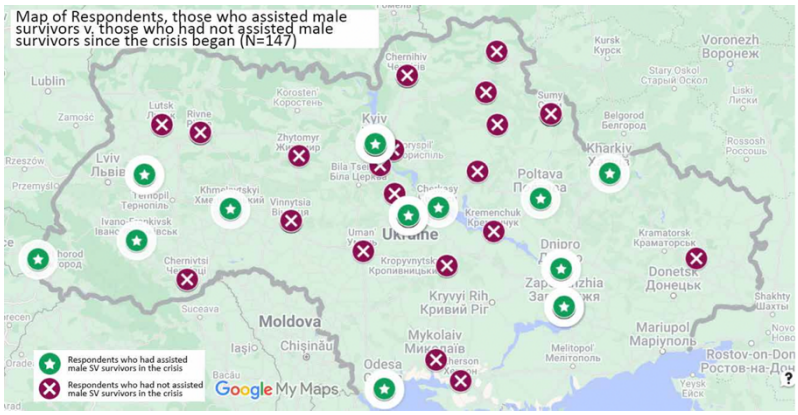
dimensões fundamentais: sua origem, natureza, destino, contexto de produção e legitimidade. Esses elementos permitem compreender como o discurso institucional sobre homens vítimas de violência sexual é construído, quais silêncios são mantidos e que tipo de reconhecimento (ou apagamento) é conferido a essas vítimas nos registros oficiais e internacionais. Assim, o documento não é tratado como uma fonte neutra, mas como um objeto discursivo que participa da produção de sentidos sobre gênero, guerra e violência.

O primeiro relatório, intitulado *Service Barriers Faced by Male Survivors of Sexual Violence in Ukraine*, foi publicado pela *Women's Refugee Commission (WRC)* em dezembro de 2023. Este documento teve como objetivo analisar as barreiras enfrentadas por homens e meninos sobreviventes de violência sexual na Ucrânia, no que se refere ao acesso a serviços de saúde, apoio psicossocial e proteção, principalmente durante a guerra.

O relatório da *All Survivors Project* tem origem em uma organização não governamental internacional voltada à documentação e denúncia de violência sexual em contextos de conflito, com especial atenção às vítimas masculinas. Trata-se de um documento técnico e político, baseado em entrevistas com sobreviventes e agentes humanitários, que articula dados qualitativos e quantitativos. Seu destino institucional é amplo, voltado a organizações internacionais, governos e prestadores de serviços, com o objetivo de influenciar políticas públicas e práticas de acolhimento. Produzido em um contexto de intensificação das denúncias de abusos durante a guerra na Ucrânia, o relatório ganha relevância justamente por romper com o silêncio histórico em torno das vítimas masculinas. Embora não provenha de uma instituição estatal, sua legitimidade é reconhecida no campo dos direitos humanos, especialmente por abordar um tema negligenciado tanto em nível acadêmico quanto institucional.

A organização realizou a coleta de dados entre junho e julho de 2023 por meio de um questionário online com 147 profissionais de organizações humanitárias e estatais que atuam na resposta à crise na Ucrânia. Essas organizações trabalham principalmente no setor de violência baseada em gênero. Entre essas, apenas 26% dos respondentes haviam atendido homens sobreviventes desde 2022.

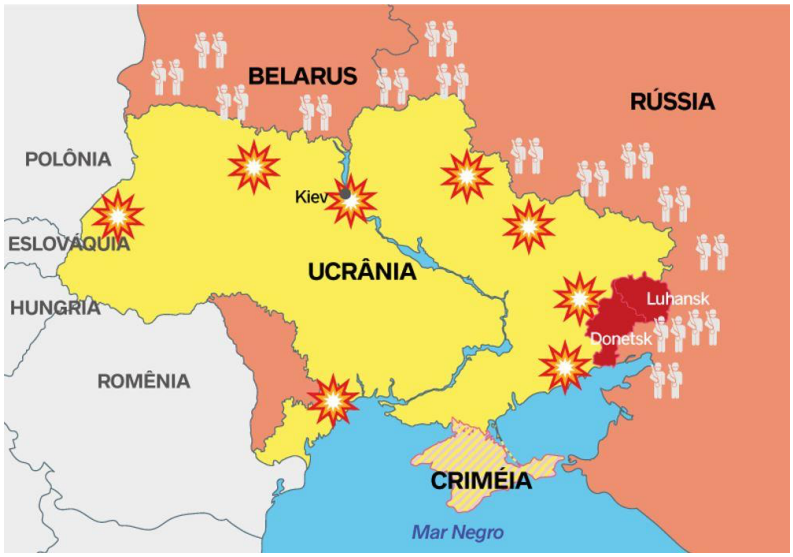
Figura 1 – Mapa da Ucrânia com as organizações que participaram da pesquisa



Fonte: *Women's Refugee Commission (WRC)*

Os pontos com sinais de estrela mostram a localização das organizações que atenderam homens e meninos vítimas de violência sexual, e em xis, as que não acolheram nenhum homem/menino. A seguir, um mapa da Ucrânia que mostra os avanços e ataques das frentes russas.

Figura 2 – Mapa da Ucrânia com as regiões atacadas pela Rússia em 2022



Fonte: Jornal Diário do Nordeste[3]

[3] https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/mapa-mostra-regioes-da-ucrania-atacadas-pela-russia-e-posicao-das-tropas-veja-1.3196729 Acesso em 30 de abril de 2025.

Importante notar que ao comparar os dois mapas, podemos identificar que as regiões em que se encontram as organizações que acolheram homens e meninos vítimas de violência sexual, estão posicionadas em árias que sofreram ataques diretos da Rússia.

Os resultados da pesquisa foram bastante promissores. De acordo com os dados coletados, observamos que a maioria casos de violência sexual contra homens e meninos aconteceram nas casas das vítimas, mas também houve números expressivos de casos ocorridos durante cativeiro militar ou como prisioneiro de guerra, até mesmo durante interações civis com militares, e em menor grau, em contexto de combate.

Por meio das respostas dos questionários, também pudemos identificar que homens adultos na maioria das vezes não procuram nenhum tipo de ajuda, ou usam algum tipo de serviço online e anônimo. Já os adolescentes além de procurarem ajuda online, também procuram grupos de apoio entre pares ou familiares. Segundo o relatório, o medo de estigma, homofobia e culpabilização são as barreiras centrais que os impedem de procurar ajuda e adotarem o silêncio.

Das principais barreiras ao acesso aos serviços, o relatório apresenta principalmente o medo de ser identificado como vítima (mais de 70% dos casos), além do medo de ser visto como homossexual, da falta de informação sobre onde buscar ajuda, da falta de espaços seguros (especialmente para homens adultos), e ainda, os profissionais que acolhem relatam desconhecimento sobre como apoiar sobreviventes do sexo masculino.

Sobre os serviços de acolhimento disponíveis, podemos identificar lacunas. A maioria das organizações não sabem se há serviços de saúde especializada para atender a esse público. Além disso, menos de 30% relataram existência de abrigos ou espaços seguros para homens/meninos. Apenas 48% relataram ter algum tipo de apoio psicológico para homens adultos. As organizações também relataram que os serviços online e linhas diretas são os canais mais acessíveis para esse público.

O relatório traz recomendações a essas organizações, e sugerem: treinar profissionais para apoiar homens e meninos de forma ética e não discriminatória; expandir serviços confidenciais e anônimos como grupos de apoio entre pares; criar campanhas para reduzir estigmas de gênero e homofobia; garantir acessos a serviços médicos e psicológicos especializados, adaptados a todas as identidades de gênero;

melhorar os sistemas de referência intersetorial entre saúde, proteção infantil e violência de gênero.

O relatório da *Women's Refugee Commission* traz evidências de que homens e meninos que sobreviveram à violência sexual na Ucrânia podem enfrentar diferentes tipos de barreiras estruturais e simbólicas para conseguirem acolhimento. Além disso, o estigma de gênero, a homofobia, a ausência de serviços sensíveis às suas necessidades e a falta de preparo das equipes humanitárias, são revelados como agravantes.

O segundo documento que analisamos foi o relatório da Organização das Nações Unidas *(40th Periodic Report of the OHCHR[4])* sobre a situação dos direitos humanos na Ucrânia entre 1º de junho e 31 de agosto de 2024. O objetivo do documento é trazer uma avaliação da situação dos direitos humanos na Ucrânia no contexto da guerra com a Rússia, se atentando principalmente ao tratamento aos prisioneiros de guerra e às violações cometidas no território invadido.

O *40th Periodic Report* da ONU tem origem em um órgão oficial das Nações Unidas, com legitimidade internacional consolidada e papel central no monitoramento das violações de direitos humanos. Trata-se de um documento institucional, de linguagem técnica e jurídica, produzido periodicamente com base em evidências coletadas em campo. Seu destino são os Estados-membros da ONU, instituições internacionais, juristas e formuladores de políticas públicas. O relatório é produzido em um contexto de preocupação crescente com crimes de guerra e abusos cometidos em territórios ocupados. No entanto, embora possua alta legitimidade, o modo como a violência sexual contra homens aparece no relatório — de forma marginal, e muitas vezes diluída entre categorias genéricas — revela limites discursivos do aparato institucional da ONU, ainda atravessado por normas de gênero que dificultam o reconhecimento pleno dessas vítimas.

Foram 169 ex-prisioneiros de guerra entrevistados pela Organização das Nações Unidas, que a partir dos relatos, foi identificado um padrão de tratamento baseado em maus-tratos e tortura: choques elétricos, espancamentos, diversas formas de violência sexual, privação do sono e alimentação, simulação de execução.

No relatório, apontam que as práticas foram coordenadas por diferentes entidades estatais russas e ocorreram em dezenas de locais de detenção. Pelo menos

[4] Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos

11 ucranianos foram mortos nas prisões por más condições e falta de atendimento médico. Por outro lado, a Rússia nega acesso a monitores independentes e aprovou leis que isentam soldados de responsabilidade penal, no que acaba por gerar impunidade.

A Organização das Nações Unidas também ouviu prisioneiros de guerra russos, que foram 205 entrevistados, dos quais 104 relataram tortura e maus tratos. Dentre os métodos de tortura, relataram espancamento, choques elétricos e ameaças. Esses ocorreram em locais não oficiais. Quando acontecia em locais de aprisionamentos oficiais, o tratamento seguia os padrões das leis internacionais. De um lado, a Ucrânia permite que a ONU acesse os locais de detenção, porém ainda existem casos de impunidade e investigações pendentes. Os russos não relataram casos de violência sexual por parte do exército ucraniano, e por esse motivo, apenas coletamos relatos de ucranianos para esta pesquisa de tese.

No que se refere aos casos de violência sexual relacionados ao conflito, desde fevereiro de 2022, a Organização das Nações Unidas documentou 342 casos, sendo das vítimas 236 homens, 94 mulheres, 10 meninas e 2 meninos. A maioria foi em contexto de detenção. Podemos observar que apesar do número de vítimas homens ser mais do dobro do das mulheres, o país se encontra em total despreparo para acolher homens e meninos.

Segundo o relatório, a violência sexual é usada como instrumento de dominação e humilhação, na maioria das vezes com motivação política ou punitiva. E ainda, a Rússia não investiga nem pune crimes cometidos por seus militares. Por outro lado, apesar da Ucrânia ter aberto investigações contra seus próprios soldados, nenhum deles foi acusado formalmente até agosto de 2024.

A partir da leitura crítica desses dois documentos, observa-se que mesmo quando há disposição institucional em dar visibilidade às vítimas masculinas de violência sexual, ainda há resistência discursiva, apagamentos e tensionamentos entre a linguagem do direito internacional, a lógica humanitária e as normas sociais de gênero. A análise documental, assim, revela-se essencial para compreender não apenas o que é dito, mas também como e por que certos discursos são autorizados, silenciados ou deslocados dentro de campos de poder institucionalizados.

Os dados desses relatórios nos revelam importantes contribuições para reforçar a relevância desta pesquisa de tese, e contextualiza toda a situação do país no que se refere a concretude dos dados empíricos, dos quais observamos uma

prevalência maior de homens vítimas de violência sexual no contexto do conflito armado, e que, no entanto, o país estaria despreparado para oferecer o apoio necessário ao acolhimento das vítimas.

A partir desses dados, podemos começar a gerar alguns questionamentos a cerca do porquê de a violência sexual contra homens não ter a mesma repercussão de a das mulheres, além das dificuldades dos homens em relatarem o ocorrido e procurarem ajuda, ainda assim quando conseguem falar, não é oferecido a eles o acolhimento especializado que eles deveriam receber.

1.2. Definição de violência sexual

Welzer-Lang (1988) fez uma reflexão teórica acerca do estupro. Ele desconstrói o que ele chama de “mito do estupro”, que são estereótipos criados sobre o assunto e que ele busca romper, que segundo o autor, são representações de senso comum. Um desses estereótipos é considerar o estupro como uma violência que se detém aos papeis de gênero, em que sua definição é dada como um problema de gênero, tendo como “uma violência do homem contra a mulher”. Daniel Welzer-Lang foi um dos pouquíssimos sociólogos que encontramos que aborda a temática do estupro para diferentes possibilidades de agressão (homem contra mulher, mulher contra homem, homem contra homem e mulher contra mulher). Deste modo, o autor nos oferece um importante referencial teórico para este trabalho, tendo em vista sua visão mais abrangente sobre o tema, e nos surpreende com um material com um debate ainda atual e necessário que foi publicado na década de 1980.

Para podermos iniciar uma reflexão sobre o mito do estupro, é importante trazer aqui as características estereotipadas que o constituem apresentadas pelo autor:

a. o estupro é uma pulsão sexual incontrolável;
b. os estupradores são monstros, loucos, homem sem vida sexual ativa, imigrantes, Árabes, heróis (para outros homens);
c. a mulher que é estuprada tem características especificas: bonita, provocante, que deseja inconscientemente ou conscientemente o estupro, que consente;

d. o estupro como um ato violento que acontece a noite por um homem armado, e se torna “a morte” da mulher (por meio do trauma);

e. o estupro é um problema de gênero, é uma agressão sexual cometida pelos homens contra as mulheres.

Para desconstruir esses estereótipos, Welzer-Lang conclui que “o estupro é primeiramente uma situação de dominação entre duas pessoas independentemente do seu sexo social (seu gênero); os estupradores, longe de serem monstros ou loucos munidos de uma pulsão sexual incontrolável, são homens normais que integram perfeitamente os moldes eróticos” (Welzer-Lang, 1988 p. 23 - tradução nossa).

Welzer-Lang explica que é no campo jurídico que a definição de estupro se encontra como um problema da identificação de uma prática como não discursiva, pois é um conceito com diferentes interpretações, tais como: agressão, ataque, ato sexual, “brincadeiras” entre amigos…

Deste modo, é importante identificarmos a partir de um histórico, o que a prática jurídica entende por estupro e o que ela desconsidera. Assim, apresentamos aqui diferentes níveis em que a instituição judiciária pode definir e tratar uma parte das representações de estupro:

- Definição jurídica do fenômeno social e atores: quem pode se definir como estuprado, como estuprador?
- Proposta e acompanhamento da punição;
- Pessoas ou instituições encarregadas de definir as regras jurídicas (instituições políticas);
- Pessoas encarregadas de colocar em prática as regras jurídicas: os juízes, os advogados;
- Pessoas qualificadas como vítimas: as estupradas (os);
- Pessoa inculpada: os estupradores.

No campo jurídico, podemos identificar diversas possibilidades de discurso. Cada discurso deve ser elaborado de acordo com o lugar que se fala, deste modo, as estratégias discursivas e seus sentidos vão tomando forma do lugar que emerge. Por exemplo, no campo judiciário, seus atores são encarregados de determinar a punição do estupro, desconsiderando suas representações.

Welzer-Lang nos apresenta três estudos possíveis para analisarmos o discurso do estupro e da punição do estupro como especificas na prática judiciária:

a. pela definição do crime;
b. pelos interesses políticos em jogo;
c. pelo lugar do desejo.

Welzer-Lang discute sobre problemas específicos sobre a definição de estupro, uma vez que se comparado a outros crimes, podemos identificar que esse não traz uma materialidade como os demais, e é preciso que a vítima diga que houve algo de errado. Em uma perspectiva da sociologia das instituições penais, identifica-se uma problemática muito particular. Entre os magistrados que julgam os casos de estupro, existe uma “dúvida sistêmica” sobre a pessoa que se autodenomina vítima. A partir daí, também entram em jogo interesses políticos ligados a problemas estratégicos. O autor articula que sua definição detém dois níveis: local e social:

a. local: quando o fenômeno do estupro atravessa classes sociais, a divulgação dos atores (o que pode gerar desequilíbrios sociais, como em contextos familiares, profissionais, religiosos, ou de qualquer grupo de intervenção política local). Ainda levando em consideração o lugar que ocupa as pessoas em causa: representantes institucionais, políticos, pessoas de negócios, representantes de classes ou de grupos de luta etc.). Deste modo, a inculpação de estupro pode ser um processo vergonhoso para as pessoas envolvidas, sendo elas criminosas ou vítimas (e ainda pode refletir no grupo social em que fazem parte).
b. social: em sua definição, o estupro ficou conhecido simbolicamente como opressão exercida dos homens contra as mulheres. O autor não julga a veracidade dessa informação, já que ele também acontece (e na maioria das vezes) dessa forma, mas ele também aponta que o estupro é um crime político, assim como descrevem as feministas. O tratamento que é dado a definição de estupro, assim como o discurso que envolve o tema, faz-se acreditar que esse seria um crime sobre as relações de forças entre grupos de sexo (homens contra mulheres). Esse ponto pode influenciar as práticas judiciais.

Mas qual é o lugar do desejo diante disso? Falar de estupro, seria falar de atos sexuais, sexualidade; mas também de desejos? Vai depender de muitas variantes,

que deixam em aberto, distintas interpretações para chegar a uma possível inculpação, tais como, a educação, a sexualidade do locutor, se ele pertence ao grupo de homens ou de mulheres… esses são pontos que podem interferir na representação do ato como “normal” ou “monstruoso”. Outros pontos práticos que podem ser afetados, são: quando os advogados rejeitam um tribunal feminino; quando o inculpado escolhe uma advogada (ou seja, uma mulher para defendê-lo); quando um magistrado define o estupro conjugal. Nota-se, portanto, que o campo judiciário é carregado de diferentes possibilidades de discursos e conceitos, que articulam estratégias em função do locutor. Um campo onde a neutralidade não existe, onde há: o acusador que fala em nome da sociedade, os defensores, os acusados, e os que julgam, todos em torno de um debate para chegarem a uma definição do crime. Deste modo, entende-se que para chegar à definição do estupro e a inculpação, a cena judiciária faz uso de estratégias discursivas baseadas em gênero.

“O que produz o estupro, não é a pulsão, é primeiramente uma situação ou uma pessoa em domínio de outra.” (Welzer-Lang, 1988, p. 73 - tradução nossa)

Deste modo, seria correto pensar que o estupro estaria ligado a causas sexo-pulsionais? Welzer-Lang explica que esse conceito centrado sobre a pulsão e que é usado por homens dentro e fora do judiciário para justificar os crimes, pode legitimar o ato como uma prática da sexualidade masculina, do homem que não consegue controlar seus impulsos sexuais. O autor explica que essa concepção, isola o tema da sexualidade e do estupro aos assuntos que realmente interferem na questão, como: relações de dominação e de poder, onde a pulsão sexual em relação ao estupro se coloca de maneira simbólica face a dominação masculina. Para o autor “o estudo dos fenômenos de estupro e dos discursos sobre o estupro se torna um lugar estratégico de estudos das relações de dominação entre os sexos sociais (gêneros)”.

Deste modo, o autor conclui que a sexualidade é um dispositivo de controle usado para a manutenção de poder, e o estupro está integrado enquanto ato sexual deste dispositivo.

Para Saffioti (1989), a categoria subalterna no Brasil é caracterizada por mulheres, negros, pobres e crianças. No topo: o macho branco, rico e adulto. Este ela chama de ‘macropoder’. O contrário disso, seria a ‘síndrome do pequeno poder’, que é aquele funcionário publico de baixo salário, insatisfeito, que se apresenta superior ao usuário do serviço público que precisa de ajuda. As categorias sociais determinam

quem pode exercer essa síndrome de pequeno poder. Uma mãe sobre o filho, o pai/marido sobre sua família etc.

Saffioti (1989) explica que o pequeno poder se intensifica quando usado pelos homens, pois ele pode ser aplicado de forma mais ampla. A incidência sobre casos de violência sexual contra meninas é o dobro do caso de meninos. É um dado importante, mas devemos atentar para o fato de que os casos dos meninos são mais subnotificados

Para Saffioti (1989), são as desigualdades as maiores causadoras do efeito de dominação do pequeno poder. Ela argumenta que seria reduzindo as desigualdades compostas entre homem/mulher, branco/negro, rico/pobre e adulto/criança, que as violências diminuiriam.

Importante abrir um espaço para falar dos estupradores. Para Welzer-Lang (1988), o estupro não é sexual, e que ele pode ser caracterizado como uma “caricatura miserável” do que realmente é a dominação masculina: sendo algo relacionado de forma limitada à ejaculação. Uma sexualidade centrada na ejaculação, e ainda se houver prazer, parte para o campo social, para o a-sexual. Assunto que está entre as conversas entre homens como algo engraçado, no domínio como objetos que se “goza”. Pensar uma correlação entre prazeres sexuais dos homens e ejaculação, se inscreve uma lógica de consumo, o que questiona o modelo heterossexual de fecundação.

> As práticas do estupro, as representações discursivas do estupro, do consumo de corpos, são analisadoras do erótico masculino cujo modelo tradicional, ordinário e banal, é a heterossexualidade fecundante, inscrita em uma relação de consumo onde o outro é apenas objeto. (Welzer-Lang, 1988, p. 94 - tradução nossa)

Os estupradores seriam eles heróis e guerreiros? Na Grécia antiga, deuses como Zeus, Apolo, Poseidon, Hades, entre outros, eram estupradores. Um exemplo de violência sexual de um homem contra outros homens, se encontra na Bíblia Sagrada, em 1 Samuel 18:27, que diz:

> Então Davi se levantou, e partiu com os seus homens, e feriu dentre os filisteus duzentos homens, e Davi trouxe os seus prepúcios, e os entregou

> todos ao rei, para que fosse genro do rei; então Saul lhe deu por mulher a sua filha (BÍBLIA, 1993)[5].

Davi é um herói bíblico, e nesta passagem, identificamos um ato de mutilação sexual contra seus inimigos, na qual parte de seus órgãos genitais foram apresentados como “troféu” da vitória de um conflito.

Daniel Welzer-Lang fala sobre a hipervalorização do pênis do homem, que começa na assimilação do corpo do menino ao seu órgão genital, a uma arma feita para conquistar, vencer, massacrar, romper etc. Os homens são colocados em uma posição de dominantes, eles são os guerreiros, como James Bond e os personagens de filmes de cowboys, heróis dos tempos modernos que são conhecidos por conquistarem o máximo de parceiras ao longo dos longas-metragens. Fazem prova de homens “ativos”, que têm o controle de seus objetos sexuais, demonstram virilidade.

O contrário disso (ativos), encontramos os passivos, homens “arrombados”, “bichas”, “mulherzinhas”, que são utilizados como objetos de discurso em contextos masculinos (prisões, exército, grupo de homens em geral etc.).

Para Welzer-Lang, existe uma relação entre virilidade, papeis sociais e ideal de relação, que são transversais em suas práticas cotidianas nas famílias, nas relações que eles receberam, a representação ideal de parceiras, e, por fim, as ideias de virilidade que a eles foram concebidas. Desta forma, o autor trata a violência masculina como uma “doença social”.

O autor também traz à luz a questão do consentimento, que tem uma ligação muito forte com a dominação, e que o dominado deveria ser necessariamente uma mulher. Welzer-Lang nos explica que a linha entre ceder e consentir é muito tênue. A primeira seria: ela diz não, mas depois ela diz sim… ou ela não disse nada, então o silêncio é interpretado como um sim. O segundo é: ela não disse nada, então o silêncio é interpretado como um não. Porém, o consentimento diante dos desejos do homem, expressa o fato de que a mulher não tem seu desejo próprio, isso quer dizer que independentemente se ela disser sim ou não, os homens sempre ouvirão um sim.

---

[5] BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

O autor também traz o debate da classificação do que é e não é estupro, e explica que a discussão é social e política. Desse modo, ele define que: “o estupro é uma situação em que uma pessoa penetra, de qualquer forma que seja, o território físico de uma outra, sem o desejo dela” (p. 159).

Para o autor, após vivenciar a experiência traumática do estupro, a vítima se vê estrita pelo medo, pela vergonha e pelo silêncio. Isso acontece da seguinte forma:

a. o medo: esse está inscrito no consciente de dominação, a vítima tem medo de sair sem proteção, medo de agressões, principalmente as mulheres, que ao se verem em espaços públicos, se dão conta que esses espaços são dominados por homens, um medo fantasmagórico.
b. a vergonha: a pessoa estuprada, é uma pessoa morta; muitas das vezes as vítimas se veem assim, olhando para o trauma com arrependimento de não terem reagido para evitar, de não terem gritado, de não terem lutado até a morte; daí parte a vergonha e a dificuldade de falar do trauma vivenciado.
c. o silêncio: se uma pessoa foi estuprada, ela vivenciou um assassinato nesse contexto, portanto, ela não existe mais, e ela deve se calar; o silêncio é produto da vergonha, da culpabilidade de ter sido estuprada(o), que integra a potencialidade do repúdio simbólico ou real.

O silêncio também é imposto pelas pessoas próximas da vítima, cria-se uma atmosfera de segredo, o que reforça a ideia de que a vítima está “morta”. Se a vítima se dispõe a falar, a se mostrar “viva”, correrá o risco do mito de que a vítima está mentindo ou que ela está exagerando os fatos. Desse modo, o que pode acontecer também é que os próximos da vítima aceitarão o estupro caso ela decida se calar e aceite o papel de vítima descrita pelo mito.

Existe uma dificuldade de as vítimas falarem e expressarem o que elas vivenciaram, que foram estupradas e que elas não estão mortas. “O efeito de silêncio, de segredo, reforça o não conhecimento dos fenômenos de estupro e a impregnação do mito [...]. Uma mulher estuprada, é uma mulher morta fisicamente e simbolicamente” (Welzer-Lang, 1988, p. 165, tradução nossa). E quando se trata de homens estuprados? O papel de gênero e a masculinidade também poderia contribuir para que o medo, a vergonha e o silêncio os assassinem simbolicamente.

Os autores Célyne Lacerte-Lamontagne et Yves Lamontagne (1980) buscam definir o estupro em uma perspectiva social, jurídica, médica e psicológica. A definição se faz necessária para entendermos melhor a dinâmica dos fatos que envolvem o ato que constitui o amplo campo das violências sexuais. Uma interessante perspectiva de uma mulher e um homem escrevendo juntos sobre esse assunto.

Para o Célyne e Yves Lamontagne (1980), o ato do estupro se caracteriza principalmente por uma questão de poder e raiva. A todo o momento, o agressor busca obter o controle sobre a vítima, onde a sua maior arma é a intimidação, pela ameaça de agressão física e corporal. Assim, ele torna a vítima submissa. O objetivo é fazer com que por meio do ato sexual, seja concretizada a conquista, e muitas vezes, a vítima precisa ser sequestrada e amarrada.

Existem casos em que o agressor demonstra sua raiva na vítima, batendo, xingando, rasgando suas roupas, humilhando, isso ao mesmo tempo atacando-a sexualmente, e forçando-a a executar atos degradantes. Para o agressor, são nesses atos que eles podem manifestar conscientemente a raiva e seus instintos mais sádicos, onde o objetivo por muitas vezes é ferir a vítima, onde vemos que muitos casos se terminam em homicídio.

Deste modo, mesmo que o fim seja sexual, podemos identificar aqui que o estupro é sobretudo um ato de poder, de poder exercer a dominação sobre a vítima, e ainda, um ato de raiva.

Para os autores, as vítimas podem ter sequelas físicas e psicológicas após vivenciarem a agressão do estupro, tais como: dificuldade de concentração, forte culpabilidade, desgosto pela sexualidade, incapacidade de retomar as atividades sexuais com o parceiro, desvalorização de si e a presença de pesadelos.

Os autores publicaram o livro em 1980, e a definição de estupro no Código Penal do Canadá ainda considerava que o ato se baseava apenas em uma relação em que o homem é o agressor e a mulher é a vítima. Deste modo, eles se posicionaram alegando que

> nenhuma razão justifica o favoritismo acordado as mulheres nas acusações de estupro; a realidade atual não consagra mais essa atitude protecionista em relação as mulheres; o estupro de um homem é possível, plausível, real e também traumatizante; a mulher e o homem necessitam de uma igual proteção diante da lei e nenhuma discriminação é justificável; é hora de mudar a imagem do homem-agressor e da mulher-vítima; como se trata de desmistificar o estupro e de proibir todo comportamento sexual agressivo, é

> portanto conveniente de proteger igualmente os dois sexos. (LACERTE-LAMONTAGNE; LAMONTAGNE. p. 97, tradução nossa)

Na data de publicação do livro, ainda em 1980, era vigente o Art. 143 do Código Penal Canadense de 1892, que definia estupro como:

> uma pessoa do sexo masculino comete um estupro tendo relações sexuais com uma pessoa do sexo feminino que não é sua esposa, a) sem o consentimento dessa pessoa do sexo feminino, ou b) com o consentimento dessa última, se o consentimento i) é tirado por meio de ameaças ou pelo temor de lesões corporais, ii) é obtido por alguém se fazendo passar por seu marido ou, iii) é obtido por falsas e fraudulosas representações sobre a natureza e a caracterização do ato. (Código Penal Canadense, artigo 143, revogado em 1983)

No Brasil, o Decreto-Lei n. 2.848, de 07 de dezembro de 1940, segundo o Artigo 213, a definição de estupro é “constranger mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”. E ainda, o Artigo 215 diz que posse sexual é “ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude”.[6]

Foram feitas recentes modificações no Código Penal pela Lei n. 12.015 de 2009, que agora, segundo o Artigo 213, estupro é: “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Redação dada pela Lei n. 12.015, de 2009)[7]

Podemos analisar que antes de 2009, a violência sexual era um crime que reconhecia apenas mulheres como passíveis de serem vítimas. Com a mudança, a vítima não tem sexo específico, não ignorando mais a possibilidade de homens serem vítimas de violência sexual.

E, por fim, Michel Dorais (1997) menciona a expressão “abuso sexual”, por muitas vezes usada para fazer menção a violência sexual. O autor argumenta que essa expressão deve ser usada de forma mais critica. Se tratando de abuso de confiança e abuso de poder, o termo “abuso” convém bem. Abusar é ultrapassar os

---

[6] BRASIL. Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 31 dez. 1940.

[7] BRASIL. Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Código Penal e a Lei de Execução Penal para tipificar o crime de estupro e estabelecer outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 10 ago. 2009.

limites, também podendo significar mau uso, ou uso agressivo. Desse modo, “abuso” seria o termo que ele acha conveniente usar em sua obra.

1.3. Violência sexual contra homens

Pudemos identificar na literatura, alguns dados importantes para compreendermos a ausência de denúncias de homens vítimas de violência sexual, como esses sobre o caso da França: segundo Véronique Le Goaziou (2011), os homens representam apenas 19% do total dos casos de vítimas de violência sexual, mas esse dado é sub-representado em relação à realidade. De acordo com as pesquisas da autora, as mulheres declaram três vezes mais que os homens que foram vítimas de violência sexual, e de 4 a 5 vezes mais se tratando especificamente de estupro. Na França, por exemplo, apenas 5% das mulheres denunciam nas delegacias de política os casos de estupro, e em relação aos homens, esse número cai para 0,6%. Segundo a autora, os homens se calam sobre o que ocorreu com eles, pois para ela, a questão da masculinidade do homem é atingida ao denunciar esse tipo de agressão, a além disso, essa é uma questão que ainda não está inscrita na agenda social e política.

Já no caso do Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou um estudo publicado em 2013 que revela que apenas 10% dos casos de violência sexual são notificados. Por outro lado, pesquisadores apontam uma evolução de 291,92% nas notificações de violência sexual contra homens e meninos entre 2009-2013. A subnotificação dos casos continua a ser um problema latente. (Ferreira et al., 2023)

Ainda segundo Denis Ferreira et al. (2013), é possível explicar a subnotificação por fatores como:

> confusões em relação a orientação sexual, porque os abusos são majoritariamente cometidos por homens; a cultura machista e patriarcal que impossibilita os homens de se perceberem como vítimas e falar sobre suas emoções; medo da ruptura familiar; medo do agressor; a escolha dos agressores por meninos muito jovens, ou seja, sem maturidade suficiente para compreender que está sendo vitimizado; e o medo da reprodução do abuso. (Ferreira et al., 2013 p. 11)

A subnotificação da violência sexual contra homens e meninos se apresenta como um grande problema, e que a partir das normas culturais que permeia o gênero masculino, estabelece impasses para o avanço dos estudos na área.

Michel Dorais (1997) também menciona a escassez de material escrito sobre as violências sexuais cometidas contra homens e meninos, principalmente nos limites da francofonia, que segundo ele, é um tema desconhecido e subestimado. Poucos pesquisadores se empenham no tema, uma vez que essa violência se mostra cada vez mais significativa e afeta de fato jovens e adultos. O autor indaga que o silêncio permeado pode vir a contribuir para a reprodução da violência, sobretudo contra meninos mais jovens.

O estupro pode ser vergonhoso e assustador, e até os homens, em posição de dominantes, estão de acordo. Como já dito, os agressores não são necessariamente loucos, doentes mentais, ou com falta de sexo, nem as mulheres vítimas não são as belas invioláveis pelo desejo. O estupro é um evento social e ele se traduz de diversas formas socialmente no funcionamento das estratégias masculinas e femininas, e é exatamente disso que se trata (Welzer-Lang, 1988).

O grande mito: “o estupro é uma violência sexual dos homens contra as mulheres”. A desconstrução desse enunciado se vê necessária, pois a violência do estupro abrange a todos, e não representa a realidade social (Welzer-Lang, 1988).

Deste modo, é importante apontar para o homem como objeto e/ou sujeito a ser dominado. Existem casos de estupro em contextos masculinos como nas prisões e nos exércitos, que aceitam bem a ideia de homem dominado, como uma forma de romper com o mito pela substituição do objeto sexual. Assim, veremos que parte da desconstrução do mito e da aceitação de que um homem pode ser dominado, que abriremos uma margem para discutir o conjunto de práticas discursivas dos estupros dos homens (Welzer-Lang, 1988).

Para Welzer-Lang, “os homens estuprados e o estupro de homens, aparecem como um fenômeno raro, atípico, uma excrescência do evento social que atinge as mulheres” (1988, p.180). Portanto, a discussão do estupro é difícil para os homens, pois colocar o estupro como um problema exclusivo das mulheres, tende a tornar aparente o discurso de um corpo ausente ou expressão desencarnada. “Estupro de

homem", segundo o autor, é algo estranho a se dizer e a se ouvir, um segredo vergonhoso ainda menos verbalizado do que o de mulher.

Analisar cenas de expressão de estupro contra homens, significa identificá-los como vítimas, que se apresentam em um segredo individual, em um trauma mental, escondido no lugar mais profundo do consciente (Welzer-Lang, 1988).

A virilidade impõe ao homem que ele deve ser dominante. O machismo e toda a dominação pseudo-natural dos homens sobre as mulheres não se estruturam diante do segredo? Os homens podem também vivenciar períodos e episódios na vida onde eles podem ser dominados fisicamente. "Nem sempre o homem é dominante" (Welzer-Lang, 1988, p. 189).

Todo o tabu em relação ao estupro, relativiza os papeis sexuais da virilidade e nos mostra que a evolução nos assuntos de grupos de sexo (tanto trajetórias individuais como coletivas) não possuem formas lineares que alguns discursos proféticos nos apresentam (Welzer-Lang, 1988).

Como no caso das mulheres, o estuprado se identifica em uma situação em que o homem está em posição de dominação. Com o estupro de homem acontece o mesmo, principalmente em zonas onde a dominação patriarcal e viril é disseminada. Homens estuprados não pertencem a uma classe social específica (Welzer-Lang, 1988).

Naturalizar o estupro como um crime do homem contra a mulher, também é ocultar o estupro de homem contra homem (ou de mulher contra homem), é trazer um ar de naturalidade ou culturalidade para as análises de questões sociais de sexo, é taxar o aspecto homem/dominante contra mulher/dominada, uma segregação sexuada (Welzer-Lang, 1988).

Tende também a apresentar a heterossexualidade como a única orientação naturalizada, se baseando em preceitos que têm como base a fecundação como uma prática social natural. Uma percepção naturalista, que limita as implicações mentais das formas de sexualidades possíveis (Welzer-Lang, 1988).

Entender o estupro como um fenômeno de dimensão heterossexual dominante, é reduzir a realidade de seu conteúdo enunciativo de sua definição. A definição do estupro é muito ligada à emergência política dos movimentos feministas, que buscam autonomia em relação ao sistema patriarcal e de dominação masculina (Welzer-Lang, 1988).

A definição se estende quando a luta de homens legitima movimentos minoritários homossexuais em suas lutas para o reconhecimento das agressões cometidas como os membros da comunidade. Deste modo, também é possível reconhecer que o estupro de homem é político. Estabelece-se um sistema onde todo homem e toda mulher pode viver sua subjetividade sobre os aspectos sociais, culturais, sexuais, independente de cor de pele, da fisiologia de seu sexo e de suas preferências sexuais, uma sociedade que não segrega nem homens nem mulheres (Welzer-Lang, 1988).

Perguntamos: apresentar o estupro de homens como um fato social seria trazer, portanto, uma série de problemas teóricos para as ciências sociais? Pressupor que o estupro é masculino e que as mulheres não podem ser estupradoras, é separar os gêneros por “bom/ruim”. Portanto, é essa versão naturalista que reforça o mito do estupro (Welzer-Lang, 1988).

É comum associar o masculino ao dominante, sem aceitar outras definições que envolvem gênero. Assim, recusando que o homem pode ser colocado no lugar do dominado, e por conseguinte, induzir ao extremismo na excepcionalidade das situações de dominação masculina (Welzer-Lang, 1988).

Para Welzer-Lang (1988), o “homem estuprado” seria o ponto de distorção do discurso generalista da dominação dos homens sobre as mulheres. Se uma pessoa estuprada é associada às mulheres, portanto a algo frágil, nos remete a uma imagem da sexualidade onde o gênero é associado aos papéis sexuais. Esses papeis (Welzer-Lang, 1988) são vistos a partir da seguinte forma:

- “masculino = ativo = estuprador = penetrar = apropriador = dominante”;
- “feminino = passivo = estuprado = buraco = apropriada = dominada”.

Associar homens estuprados a mulheres, é reafirmar uma lógica generalista e exaustiva da bipartição dos papeis sociais de gênero, portanto, manter a mulher sempre no papel de dominada. Uma narrativa que sustenta conscientemente as relações naturais de dominação entre pessoas de gêneros diferentes (Welzer-Lang, 1988). Uma particularidade de se estudar casos de violência sexual entre homens, é que, a identidade e a orientação sexual da vítima é sempre posta em jogo (Dorais, 1997).

Para Dorais (1997), quando um caso de uma violência sexual de uma mulher contra um homem ou menino, o autor alega como um caso de maior tolerância social. O estudo de casos quando a mulher é agressora se torna ainda mais escasso, uma vez que existem muitas sub declarações.

As relações de dominação tais como elas são expostas a partir dos enunciados de senso comum, tendem a descrever o estupro como uma figura paradigmática das relações sociais de sexo, onde o homem se mantém como dominante e a mulher como dominada, apesar de terem sido as feministas que denunciaram o estupro como uma opressão política dos homens sobre as mulheres (Welzer-Lang, 1988).

Não estamos colocando em questão os espaços de dominação (onde de fato as mulheres são as principais vítimas da dominação masculina sobre seus corpos), mas tratar o estupro de homem, também requer discutir as questões de sexo biológico, gênero e relações de dominação, e analisar a simetria da dominação (Welzer-Lang, 1988).

É preciso reconhecer o fato de que homens também podem sofrer opressões físicas e mentais devido a essa lógica de segregação sexual, dada como uma permanente e alienante obrigação social de sempre se apresentarem como viris, dominantes e fortes. Assim, abre-se aqui uma brecha para pensarmos como homens e mulheres podem ser aliados, entre dominadas permanentes e dominados ocasionais, entre oprimidas e alienados, contra o sistema social que se produz (Welzer-Lang, 1988).

Dorais (1997) reconhece que existem sequelas físicas, mentais e relacionais que são significativas, mas que ainda assim, as discussões sobre essas questões ainda são embrionárias. São diversas as sequelas de uma vítima, tais como a depressão, ansiedade, alcoolismo, vicio em drogas, hipersexualização etc., mas não podemos ignorar como elas se desenvolvem e se conectam.

Para Welzer-Lang, “o fenômeno do estupro, tanto nas práticas discursivas ligadas a seu mito quanto nas realidades não discursivas que ele engloba em função de sua definição, aparece como um indicador pertinente e estratégico das cenas de dominação” (1988, p. 203). Contrariamente ao seu mito e a enunciação do senso comum, o estupro não é um fenômeno de gênero.

Sempre que nos referirmos em um espaço de dominação de homens sobre as mulheres, todos os homens vão se colocar, em algum momento, no lugar de dominante em suas práticas discursivas (Welzer-Lang, 1988).

1.4. Violência sexual contra homens em contexto de guerra

A violência sexual contra homens foi por muito tempo largamente invisibilizada. Homens sempre foram estuprados, castrados e atacados sexualmente, no entanto eles continuam fora da jurisprudência internacional sobre violência de gênero durante guerras, sendo ignorados pelos direitos humanos, pelo direito internacional e pela teoria (Vojdik, 2014).

A violência sexual contra homens civis e combatentes não é uma novidade isolada, mas sim um fato que já ocorreu muitas vezes na história, atravessando culturas e lugares diferentes. Porém, homens vítimas sofrem com o estigma e a vergonha, o que consequentemente fazem com que eles não procurem ajudas física e mental para lidar com o sofrimento (Vojdik, 2014).

Assim como no caso das mulheres, a violência sexual contra homens não é amplamente discutida, e isso é brutal. O silêncio nos casos de violência sexual contra homens em conflitos armados encontra suas origens em questões sobre os corpos masculinos, gênero e poder. A discussão sobre a violação sexual de homens em guerras nos proporciona uma oportunidade de discutir nosso entendimento sobre a relação entre violência sexual, construções de gênero, e a negociação de poder durante conflitos armados (Vojdik, 2014).

Definir o estupro como uma violência feita por um homem contra uma mulher, apenas alimenta o estereótipo de que homens serão sempre os perpetradores e as mulheres sempre as vítimas, negando a ideia de que um homem pudesse sofrer um estupro (Vojdik, 2014).

A violência sexual contra homens em conflitos armados pode ter diversas funções, como manter o estabelecimento de uma ordem de gênero, para desmoralizar e destruir coletivos de pessoas, e para construir etnicidade, nacionalismo e outras formas de identidade coletiva e para resistir a dominação de atores globais. Deste modo, a violência sexual serve para empoderar o perpetrador. Contra homens ou mulheres, os dois casos têm a função de empoderar grupos de homens dentro de um específico espaço social (Vojdik, 2014).

Foram constatados, em diferentes conflitos no mundo, práticas de violência sexual contra homens durante conflitos armados, em países como: República Democrática do Congo, Iraque, Sri Lanka, Chechênia, República Central Africana, Irã, Quênia, a antiga Iugoslavia, Ruanda e Uganda. Na Iugoslavia, por exemplo, 50% dos prisioneiros homens denunciaram que vivenciaram tortura sexual, incluindo 80% dos homens que passaram pelo campo de concentração de Sarajevo. Em El Salvador, 76% dos presos políticos experenciaram tortura sexual, e no Sri Lanka foram 21% que relataram o mesmo durante a detenção. Na Libéria, 32,6% de homens combatentes vivenciaram violência sexual. Na República Democrática do Congo, foram relatadas violências como estupro anal e escravidão sexual (Vojdik, 2014).

Em um relatório de 2011, a Human Rights Watch (HRW) reportou sobre os casos de sequestro, escravidão e exploração sexual que ocorreram no Afeganistão e na Uganda, uma prática chamada *"bacha baazi"*, que traduzindo literalmente, seria "menino-brinquedo". Segundo a organização, rapazes menores de 18 anos eram forçados, ou pagos, par se vestirem de meninas e dançarem para membros das milícias locais. A HRW também explica que perpetradores de violência contra meninos são raramente perseguidos por causa do tabu que envolve a questão, e não causa o mesmo impacto quando as vítimas são meninas (Human Rights Watch, 2011).[8]

Hoje, em 61 países a homossexualidade é dada como um crime, e em 12 deles, a pena de morte é a punição prevista. Em muitos casos, a violência sexual com pessoas do mesmo sexo é considerada como "estupro homossexual", o que desencoraja muitas vítimas a denunciarem a violência sofrida. Também foi constatado que homens vítimas de violência sexual são mais propícios de desencadearem problemas de depressão e a cometerem suicídio, principalmente os que sofreram mutilação (Vojdik, 2014).

A jurisprudência criminal internacional invisibiliza os casos contra homens, e a comunidade internacional foca apenas nas violências sexuais contra mulheres e meninas em conflitos armados, ignorando os casos contra meninos e homens. Além disso, é preciso observar que existem diversas formas de violência sexual, e que nem sempre envolvem penetração ou contato físico (Vojdik, 2014).

[8] https://www.hrw.org/report/2011/09/12/just-dont-call-it-militia/impunity-militias-and-afghan-local-police

Durante o levantamento de dados, constatamos que a violência sexual quando cometida contra homens, não seja retratada como tal, mas sim como “tortura”, quando na verdade, se trata de uma violência de gênero.

Em julho de 2013, em Nova Iorque, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou um fórum para discutir as violências sexuais em conflitos armados, e foi colocado um acento sobre a questão dos homens como vítimas: "As repercussões devastadoras do estupro em tempos de guerra são arrasadoras para as mulheres, mas nossos filhos e irmãos, que são vítimas também, sofrem em silêncio", disse o Secretário-Geral da Especial Representativa sobre Violência Sexual em Conflitos, Zainab Hawa Bangura[9].

A Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU condena veemente a violência sexual em conflitos armados, porém está especificado que são as mulheres que devem ser protegidas:

> Pede a todas as partes de um conflito armado de tomar medidas particulares para proteger as mulheres e as meninas contra os atos de violência sexista, em particular o estupro e outras formas de serviços sexuais, assim como contra tosas as outras formas de violência nas situações de conflito armado. (NAÇÕES UNIDAS, 2000, art. 10, tradução nossa)[10]

E ainda, em 2009, com todas as denuncias e relatos de violência sexual que aconteceram na guerra da Iugoslavia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas publicou a Resolução 1888 que ainda possuía termos que condenavam a violência sexual apenas contra mulheres e crianças:

> Acolhendo o relatório do Secretário-Geral de 16 de julho de 2009 (S/2009/362), mas permanecendo profundamente preocupado com a falta de progresso na questão da violência sexual em situações de conflito armado, particularmente contra mulheres e crianças, notadamente contra meninas, e observando, conforme documentado no relatório do Secretário-Geral, que a violência sexual ocorre em conflitos armados em todo o mundo. (NAÇÕES UNIDAS, 2009, tradução nossa)[11]

---

[9] https://news.un.org/en/story/2013/07/445842

[10] NAÇÕES UNIDAS. **Resolução 1325 (2000)**. Conciliação entre mulheres, paz e segurança. Conselho de Segurança, 31 de outubro de 2000. Disponível em: https://www.un.org/womenwatch/osagi/wps/. Acesso em: 21 set. 2024.

[11] NAÇÕES UNIDAS. **Resolução 1888 (2009)**. Mulheres, paz e segurança. Conselho de Segurança, 30 de setembro de 2009. Disponível em: https://undocs.org/S/RES/1888(2009). Acesso em: 21 set. 2024.

E apenas em 2013 que o Conselho de Segurança viu a necessidade de promover serviços para homens vítimas de violência sexual em conflitos armados. No contexto do Fórum, Bangura ainda afirmou que

> são necessários mais monitoramento e informações sobre vítimas masculinas e os tipos de violência sexual perpetrada contra elas para adaptar iniciativas de prevenção, campanhas de sensibilização, protocolos de tratamento e serviços para sobreviventes. (NAÇÕES UNIDAS, 2013, tradução nossa)[12]

O ativismo feminista foca nas violências contra as mulheres, no entanto homens vítimas de violência sexual são mais estigmatizados. O estupro de homens foi normalizado como tortura ou como algum desvio das leis de guerra. Violência sexual contra homens detentos ou inimigos, acontecem fora e dentro dos muros dos campos de detenção, até mesmo em espaços públicos.

De acordo com Vojdik (2014), a única forma de persuadir as cortes internacionais para que elas começam a reconhecer os crimes de violência sexual contra homens como um crime sexual, requer explorar e teorizar a natureza de gênero e as consequências dessa violência.

Além disso, Émilie Beauchesne (2018) nos explica que o violador da história narrada é “o produto de uma construção social”, sendo um modelo que encarna a masculinidade hegemônica militar. Deste modo, essas violências sexuais são entendidas pela autora como um produto da construção social da masculinidade que responde a um modelo da masculinidade hegemônica militar.

Ainda para a autora (2018), essa transformação dos homens em militares representa a passagem para se tornar um “homem de verdade”, se trata da desumanização do outro, e cria-se um sentimento de estar “por cima das leis”, ou seja, podem fazer o que bem desejam e não serem punidos.

---

[12] NAÇÕES UNIDAS. UN forum highlights plight of male victims of sexual violence in conflict, in urging collective global action. UN News, 30 jul. 2013. Disponível em: https://news.un.org/en/story/2013/07/445842 Acesso em: 21 set. 2024.

Segundo Émilie Beauchesne (2018), o Estado é cúmplice dessas violências, assim como a mídia, por ocultar e os casos e não os punir.

Já foram feitos vários registros e notificações de violência sexual em diversos países em diversos conflitos pelo globo, tais como: a Antiga Pérsia, as Cruzadas, a Antiga Grécia, Antiga China, Antiga Amaleque, Antigo Egito, antigo exército viking, e nos países como El Salvador, Chile, Guatemala, Argentina, Grécia, Irlanda do Norte, Chechênia, Turquia, antiga Iugoslávia, Siri Lanka, Iraque-Kwait, Coalisão iraquiana, e a guerra sino-japonesa. Também ocorreram na Líbia, Serra Leoa, Kenia, Sudão, República Central Africana, Burundi, Uganda, Ruanda, República Democrática do Congo, Zimbábue e África do Sul (Sivakumaran, 2007).

Existe também a questão da subnotificação dos casos, portanto, a prática da violência sexual contra homens acontece com mais frequência do que podemos imaginar.

Existe uma grande conexão entre a análise da violência sexual contra mulheres e a violência sexual contra homens, pois ambos estão ancorados na questão da masculinidade e da feminilidade que envolvem estereótipos. Os papeis de gênero também se aplicam nos conflitos armados, pois naturalmente a mulher é posta no local de vítima, e o homem como o protetor/agressor, e uma vez que ele se torna vítima, ele é emasculado e feminizado.

Devido ao estigma, nos relatórios das organizações não governamentais e das organizações internacionais, o assunto é pouco discutido. Portanto, o primeiro passo seria reconhecer que as violências sexuais contra homens em conflitos armados existem, e posteriormente, considerar que os números de casos são subnotificados.

1.5. Tipos de violências sexuais à luz do direito internacional

É importante trazermos aqui o entendimento do significado do termo “violência sexual” para o direito internacional, o que não há uma definição exata nos diferentes documentos. O Relator Especial da Organização das Nações Unidas (ONU) fala sobre estupro sistemático, escravidão sexual e praticas semelhantes a escravidão durante conflitos armados, trouxe a definição de violência sexual como “qualquer violência

física ou psicológica, realizada por meio de meios sexuais ou direcionada à sexualidade", e isso inclui "ataques físicos e psicológicos direcionados a características sexuais de uma pessoa, como forçar uma pessoa a se despir em público, mutilar os genitais de uma pessoa ou cortar os seios de uma mulher", e ainda, "situações em que suas vitimas são forçadas a realizar atos sexuais uma com a outra ou a se machucar de maneira sexual".[13]

Outra definição seria a do Tribunal Penal Internacional, em que traz no Estatuto de Roma, o estupro, a escravidão sexual, prostituição forçada, gravidez forçada, esterilização forçada e qualquer outra forma de violência sexual como um crime contra a humanidade:

> um ato de natureza sexual contra uma ou mais pessoas ou que levou essa(s) pessoa(s) a se envolver a um ato de natureza sexual por meio de força, ameaça de força ou coerção, como o causado pelo medo da violência, coerção, detenção, opressão psicológica ou abuso de poder contra essa(s) pessoa(s) ou outra(s) pessoa(s), ou tirando vantagem de um ambiente coercitivo ou da incapacidade dessa(s) pessoa(s) de dar consentimento genuíno. [14]

O Tribunal Penal Internacional (TPI) não especifica com clareza o que seria um "ato de natureza sexual", o que abre margem para livre interpretação, e podendo até mesmo sofrer influência das leis domésticas. Além disso, nota-se que aponta também atos que são de sexo específico, como a gravidez forçada, para mulheres, no entanto, não existem expressões específicas para os corpos masculinos. O não uso de expressões sexo específica para esses corpos, reforça o tabu e o silenciamento dos casos de violências sexuais contra os homens.

Alguns tipos de violências sexuais apontadas pelo TPI:

1. **Estupro:** homens podem ser obrigados a terem relações sexuais com o perpetrador ou com uma outra pessoa; o perpetrador pode penetrar o ânus da vítima ele mesmo, fazer uso de objetos, ou até mesmo forçá-la

---

[13] Final report submitted by Ms Gay J McDougall, Special Rapporteur, Contemporary forms of slavery: systematic rape, sexual slavery like practices during armed conflict, 1998. Disponível em: http://hrlibrary.umn.edu/demo/ContemporaryformsofSlavery_McDougall.pdf

[14] TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL. *Elementos dos Crimes*. Brasília: Ministério da Justiça, 2011. Disponívelem: https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/estatuto_roma_tpi.pdf. Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

a penetrar outras vítimas (o estupro forçado: quando a vítima é obrigada a estuprar).[15] O estupro é descrito pelo Tribunal Penal Internacional como a penetração forçada em qualquer parte do corpo de outra pessoa, seja com um órgão sexual ou outro objeto.[16]

2. **Esterilização forçada:** este compreende a castração e outras formas de mutilação sexual. No conflito da Iugoslávia, esta foi a forma de violência sexual mais investigada (Sivakumaran, 2007).
3. Outras formas de violência sexual: **violência genital** (agressões diretas aos órgãos sexuais da vítima, com uso de força física ou de objetos, como o eletrochoque; **nudez forçada:** forçar a vítima a se despir na presença de outras pessoas, geralmente acompanhado de agressões verbais e humilhações, e muitas vezes pode vir antes da violência genital e do estupro; **masturbação forçada:** as vítimas são obrigadas a se masturbarem, e muitas das vezes é fotografada e filmada, ou podem ser forçadas a masturbarem outras pessoas, e essa agressão é uma das mais comuns entre as formas de violência sexual vivenciada por homens. (Sivakumaran, 2007)

Portanto, à luz do direito internacional, a violência sexual é um conceito amplo que abrange diversos atos mais específicos. O Tribunal Penal Internacional trata a violência sexual e suas diversas formas como crimes de guerra ou como crimes contra a humanidade.

1.6. Uma Questão de Poder e Dominação

[15] CARPENTER. Recognizing Gender-Based Violence Against Civilian Men and Boys in Conflict Situations. 37 Security Dialogue 83, page 98-99, 2006.
[16] ESTATUTO DE ROMA DO TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL, 17 jul. 1998. Art. 7, § 1, alínea (g). Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/atrocity-crimes/Doc.18_Statute%20of%20Rome.pdf. Acesso em: 5 mar. 2025.

A violência sexual contra mulheres se dá a partir de uma dinâmica de poder e dominação, como também acontece em relação a violência sexual contra homens, independentemente de tempos de guerra ou paz. Aqui, abordamos algumas semelhanças que permeiam os casos com homens e com mulheres.

Algumas violências acontecem para a manutenção e o equilíbrio de uma balança de poder, e a violência sexual sempre se dará em tempos de desequilíbrio, ou seja, quando o poder do homem e da mulher se desestabilizam. Portanto, a violência sexual contra homens, assim como a contra mulheres, pode se dar quando um grupo de homens se sente ameaçado pelo desequilíbrio da balança de poder (Sivakumaran, 2007).

Porém, dentro dos papeis sociais de gênero, cabe ao homem proteger a mulher, e quando ela é estuprada, é reforçada a conquista masculina de um grupo de homens contra outro. Deste modo, o estupro de uma mulher é uma comunicação entre homens: de um lado, os conquistadores, e do outro, o status de impotência masculina (Sivakumaran, 2007).

Essa impotência é ainda mais acentuada quando a vítima de violência sexual é o próprio homem, pois a construção da masculinidade também envolve exercer poder sobre o outro, particularmente usando o uso da força. Uma violência que tem por objetivo desempoderar a vítima, atingindo diretamente sua masculinidade (Sivakumaran, 2007).

1.7. Definição de guerra

Caplow e Vennesson (2000) dissertam com base na seguinte pergunta: o que é a guerra? Em uma resposta mais direta, eles nos explicam que a guerra é o recurso às forças armadas, uma prática frequente entre os Estados há séculos, que representaram destruições humanas e materiais consideráveis ao longo dos séculos.

Para além dos custos de vidas humanas, as guerras desempenham um papel importante que influencia nas ações dos Estados nas relações internacionais, pensando na perspectiva que ela também gera desenvolvimento interno e bem-estar para indivíduos e grupos da sociedade. Deste modo, países ricos podem chegar a

investir cerca de 3 a 4% do PIB no investimento em defesa. Os grandes conflitos armados chegaram a mexer com as estruturas políticas e econômicas das relações internacionais, como ocorreu após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, que deram um novo mapa à Europa.

Nenhum Estado é indiferente à guerra, todos eles se apoiam na importância da preparação e da conduta dos conflitos armados e como eles constituem importantes atividades políticas para políticos e militares.

Tentar definir o conceito de guerra, é se deparar numa pluralidade, tais como:

> "guerra mundial, guerra econômica, guerra civil, guerra fria, violência física e simbólica, conflitos étnicos, guerra revolucionária, terrorismo, guerrilhas, conflitos regionais, conflitos identitários, guerra psicológica, guerra civil mundial e molecular, guerra limitada, guerra localizada, guerra dos nervos, guerra da informação, etc.". (CAPLOW; VENNESSON, 2000 p. 88. Tradução nossa)

São vastas as definições de guerra, e englobam muitos fenômenos, que não têm necessariamente uma relação de uns com os outros, eles podem ser muito distintos, indo do físico ao simbólico. Para os autores, esses conflitos fazem aguçar os argumentos, a cernir as realidades, a mudar as percepções e enriquecer a inteligência com o passar do tempo. A guerra desestabiliza, porém abre espaço para se pensar melhorias e avanços.

Mas, do que se faz uma guerra "justa"? Para os autores, primeiramente ela deve ser declarada por um "príncipe". Ela deve ser fundada no princípio de justiça, proporcional aos danos que ela vai causar. Ela também deve ser o último recurso do Estado, sendo essa a última via para se obter a justiça. E por último, ela deve ser conduzida de forma justa, e que se inicie preparando a volta da paz.

Indagações do autor: "Devemos falar de guerra ou de operações de manutenção da ordem? Se trata de terrorismo ou de uma guerra civil? Em que momento um conflito ético se torna uma guerra internacional, um genocídio?" (Caplow; Vennesson, 2000 p. 90 – tradução nossa)

No Contrato Social, Jean-Jacques Rousseau (1999) explica que a guerra não é um ato do homem contra o homem, mas sim, uma relação de Estado contra Estado, se tornam inimigos não em uma relação de indivíduos, mas sim como cidadãos, não mais como membros de uma pátria, mas como defensores (1762, livro I, capítulo IV).

O que diferencia a guerra, é a vontade das partes de recorrer a hostilidade, existe mesmo a exigência da declaração de guerra, conforme a convenção IV de Haia de 18 de outubro de 1907.

A finalidade da guerra pode variar entre a conquista, a defesa, a aplicação do direito, a liberação por meio de guerras revolucionárias, de independência nacional, independentemente das variantes, todas elas têm em comum o uso da força. Dificilmente os eventos evoluem rapidamente, como passar de uma represália para um conflito armado em tão pouco tempo, leva-se tempo.

Afinal, o que é a guerra? Como analisar a guerra? Quando classificar que um conflito é uma guerra ou uma operação de paz? Quando entender que se trata de terrorismo ou de uma guerra civil? Quando identificar que um conflito étnico se torna uma guerra internacional, ou até mesmo um genocídio? Essas são questões que implicam para o entendimento do conceito de guerra.

Outro ponto a se considerar, é a vontade dos atores (ou pelo menos por um deles) de se chegar em uma hostilidade, o que é uma condição da própria convenção IV de Haia de 18 de outubro de 1907. Determinar que um evento é uma guerra também implica em identificar os meios postos em prática, a origem das medidas tomadas pelos atores, como o uso da violência e o uso de armas sem limites de espaço ou de tempo.

Em último caso, a guerra pode ser definida por suas finalidades, pelos beligerantes, sobre se ela vai se tratar de uma conquista, ou de uma defesa, ou da aplicação do direito, ou mesmo da independência nacional. Independentemente de sua utilidade, todas elas estão ligadas à questão do uso da forca e a percepção de seus atores.

De acordo com Bull (2002), a guerra pode ser considerada como uma atividade política organizada por e em nome de unidades políticas. Essa violência deve ser dirigida a outra unidade política. Se tratando da violência do Estado para a execução de um indivíduo ou grupos criminosos, não se qualifica como guerra. A guerra se apresenta como uma hostilidade dentre estados.

Para Bull, os conflitos caracterizados como “guerra” são regidos por normal, que podem ser legais ou não, e existe um papel a ser desempenhado. Na perspectiva da sociedade internacional, “a guerra é um meio de implementar o direito internacional, de preservar o equilíbrio do poder e possivelmente de promover mudanças na lei consideradas, de modo geral, como justas (2002, p. 215).

1.8. A guerra: um conflito social?

Para levarmos a discussão para um ponto de vista sociológico, é possível identificar a guerra como “um conflito social entre organizações que possuem forças militares treinadas e disciplinadas, equipadas com armas mortais” (Caplow; Vennesson, 2000 p.91, tradução nossa). A guerra não é um fenômeno singular, portanto, não é caracterizada como um objeto de estudo como tal, mas apenas como um fato social a nível global.

Uma guerra pode englobar questões de racismo, que podem surgir ao mesmo tempo de uma população, de tomadores de decisão política e de militares, que pode vir a influenciar sobre como as operações serão realizadas. Até que ponto o ódio racial e as representações estereotipadas podem se impor nos conflitos e afetar as ações e as decisões. Nesses conflitos, é recorrente a identificação a desumanização do outro e como um afrontamento maniqueísta, tornando assim a população civil alvo de ataques convencias e nucleares. “O adversário se torna um inimigo, capaz de uma força e de uma brutalidade desumana” (Caplow; Vennesson, 2000 p.92, tradução nossa).

Para Clausewitz (1832, p. 51), “a guerra é um ato de violência destinado a coagir o adversário a executar sua vontade”. Para o autor, a guerra não se resume à violência, mas faz dela um meio, ou seja, a violência serve apenas para coagir o adversário. Para que exista guerra, precisa-se de no mínimo dois atores. Quando um deles recusa-se a lutar, o que seria uma guerra, pode se tornar um massacre. Ainda, segundo Clausewits (1832), uma guerra deve ser composta de duas forças vivas que se coalizam, deixando a entender que o temor e a tensão de ser abatido pelo adversário sempre estejam presentes. A ação deve ser recíproca.

Para Bull (2002), essa concepção de Clausewits foi a que sustentou a concepção de guerra que se predominou na Europa sob a doutrina da “razão do estado”, sobre o modo como as guerras deveriam ser conduzidas, mas não é uma descrição de como ela deveria ser praticada.

Podem ser presentes em conflitos e guerras, uma cooperação implícita, a partir de uma interação estratégica. Sempre o objetivo da violência física imediata será desarmar o inimigo e forçá-lo a se render. Neste sentido, não há limite para a aplicação da violência. Já Weber se interessou mais nas formas de coerção violenta organizada do que sobre os conflitos em si, em que ele afirma que a comunidade política domina um território por meio de força física (Weber, 1971).

No ponto de vista político e sociológico, interpretar a guerra como uma expressão da agressão humana nos traz algumas questões. O primeira é pensar que a guerra estaria entre uma impulsão agressiva e um fenômeno político-social, mas não parece existir uma ligação bem estabelecida entre os dois. Depois, é entendido que a guerra se dá a partir de uma decisão clara, consciente e calculada, ou seja, algo intencional e planejado, o que nos leva a pensar que toda guerra seria racional, sem deixar espaço para o irracional, o que causa dúvidas. E por fim, o problema central seria regular os instintos naturais do homem em campo de batalha, pela possível expressão de agressão e de ódio, mas o contrário disso, seria impedir outro instinto natural dos soldados: a fuga; que é um fenômeno mais comum no reino animal do que a agressão.

1.9. Guerra e tortura: o gozo da violência

No contexto da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, após a invasão russa, homens ucranianos civis e combatentes alegaram ter sido torturados pelo exército russo, incluindo denúncias de tortura sexual. Mas a final, o que é e como se caracteriza a tortura?

Segundo o art. 1º da Convenção contra a Tortura e outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes, implementada pela Organização das Nações Unidas em 28 de setembro de 1984, acordo com 153 Estados signatários, tortura é definido como:

> qualquer ato pelo qual dores ou sofrimentos agudos, físicos ou mentais, são infligidos intencionalmente a uma pessoa a fim de obter, dela ou de uma terceira pessoa, informações ou confissões; de castigá-la por ato que ela ou uma terceira pessoa tenha cometido ou seja suspeita de ter cometido; de

> intimidar ou coagir esta pessoa ou outras pessoas; ou por qualquer motivo baseado em discriminação de qualquer natureza; quando tais dores ou sofrimentos são infligidos por um funcionário público ou outra pessoa no exercício de funções públicas, ou por sua instigação, ou com o seu consentimento ou aquiescência. [17]

Portanto, a tortura é definida a partir de três elementos cruciais: 1) provocar dor e sofrimentos físicos e mentais de forma deliberada; 2) o ato deve ser por fins de obter informações, confissões, servir como castigo, configurar intimidação ou coerção etc.; 3) o executor do ato deve ser direta ou indiretamente vinculado ao Estado (Piovesan, 2013).

A tortura é considerada um crime grave na ordem internacional, pois constitui uma prática que revela as atrocidades do Estado, que deveria ser um garantidor de direitos, e passa a ser um violador por meio dos seus agentes.

A Convenção também evoca que além da proteção das formas de tortura, também é consagrado o direito de não ser extraditado para um país onde sofre risco de ser torturado, o direito à indenização caso seja torturado e que sua denúncia de tortura seja examinada de maneira imparcial e o direito de não ser torturado para fins de obtenção de prova ilícita. Além disso, a tortura configura uma violação do Direito Internacional e obriga os Estados signatários a punir os torturadores.

Ao ser concluído por parte do Comitê contra a Tortura, a violação a direito consagrado na Convenção, o Estado violador será convocado a dar informações, e assim, o Comitê decidirá tomar iniciativas que serão publicizadas. O Estado violador pode sofrer sansões tais como *power of shame* ou *power of embarrassment*.

Além disso, o Comitê contra a Tortura tem a autonomia de realizar suas próprias investigações, uma vez que ele recebe informações que possuam indicadores da existência da prática de tortura em um determinado Estado-parte.

No entanto, segundo o art. 5º do Estatuto de Roma, cabe ao Tribunal Penal Internacional a competência de julgar os crimes de genocídio, crimes contra a humanidade, crimes de guerra e crimes de agressão.[18]

---

[17] ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes*. Adotada em 28 de setembro de 1984. Disponível em: https://www.ohchr.org/. Acesso em: 5 de março de 2025].

[18] TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL. *Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional*. Art. 5º. Adoptado em 17 de julho de 1998. Disponível em: https://www.icc-cpi.int/resource-library/documents/rs-eng.pdf. Acesso em: 5 de março de 2025.

A tortura sexual se caracteriza, portanto, pelo uso da violência sexual. Agentes do Estado, por meio de violência sexual, torturam indivíduos para obter informações, para punir, intimidar ou coagir, provocando dor e sofrimentos físicos e mentais nas vítimas.

Apesar de configurar crime de guerra, a tortura é uma prática recorrente em conflitos armados, e a violência sexual pode ser utilizada como arma a partir de suas diferentes formas: estupro, esterilização forçada, violência genital etc.

A escolha pela violência sexual como método de tortura, tem como maior objetivo desafiar as regras culturais de masculinidade nessas culturas. Pôr em jogo a sexualidade dos homens, humilhá-los colocando-os no papel de vítima sexual, é usar a própria cultura da homofóbica e misógina contra eles.

No contexto da guerra do Iraque, os estado-unidenses também usaram a violência sexual como método de tortura, e Judith Butler (2018) faz uma análise dessa prática:

> Portanto, devemos entender os atos de tortura como ações de uma instituição homofóbica contra uma população que é construída e ao mesmo tempo escolhida como alvo por sua própria vergonha em relação à homossexualidade; ações de uma instituição misógina contra uma população na qual as mulheres desempenham papeis determinados por códigos de honra e de vergonha e, por conseguinte, não são “iguais” como as mulheres aparentemente são no ocidente. (Butler, 2018 p. 187)

Para Butler (2018), na cena da tortura sexual, é possível observar o encontro bem particular de homofobias e misoginias violentas que são usadas para explorar as homofobias e as misoginias das próprias vítimas.

Além disso, Butler (2018) descreve a tortura como uma expansão do poder estatal, que faz uso de mecanismos de violência e se coloca acima da lei. É a liberdade do Estado de estar livre das responsabilidades jurídicas.

No contexto das guerras das quais se faz presente o uso da violência sexual como método de tortura, vemos uma conexão entre violência e sexualidade, que compõem uma tese civilizacional que é resgatada nesses atos (Butler, 2018).

A tortura é um ato de violência cometida contra o corpo, que por meio da dor física, ela tem objetivos psicológicos claros: causar medo, pânico, sofrimento etc.

> A tortura busca, à custa do sofrimento corporal insustentável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre o corpo e a mente. E, mais do que isto: ela procura, a todo preço, semear a discórdia e a guerra entre o corpo e a mente. (...) O projeto da tortura implica numa negação total – e totalitária – da pessoa, enquanto ser encarnado. (...) o discurso que ela busca, através da intimidação e da violência, é a palavra aviltada de um sujeito que, nas mãos do torturador, se transforma em objeto. (Pellegrino apud. Ginzburg, 2010 p.139)

Como uma prática recorrente em contextos de guerra, a tortura usa da memória social do indivíduo para degradá-lo psicologicamente por meio do seu corpo físico. Face ao torturador, a vítima fica também frente a frente com os seus próprios preceitos de sua identidade, construída culturalmente e socialmente.

O torturador tem o objetivo de fazer – por muitas vezes – a vítima falar, confessar algo ou entregar alguma informação que seria estratégica, ou simplesmente, obter o gozo do sofrimento da vítima que faz parte do grupo inimigo. Ver um ucraniano sofrer, é sentir o prazer de ver um inimigo se degradando e sendo humilhado.

> Para que essa estratégia funcione, a degradação da memória social é um elemento decisivo. A tensão entre linguagem e silêncio, entre o que falar e o que calar, é uma das suas marcas. O cultivo do fascínio pelo horror, e a contemplação sem estranheza da violência sobre o outro, também interessam. (Ginzburg, 2010 p.140)

Como bem explica Ginzburg (2010), é por meio da memória social que a degradação acontece, a vítima se coloca o tempo todo em um dilema entre o falar o que sabe e manter o silêncio para proteger a si, aos outros e sua nação. Mas o objetivo pode ir além do objetivo de fazer a vítima falar, existe também a contemplação e do gozo pela violência sobre a vítima.

Como bem elucida María Díaz-Benítez (2015), existe prazer na espetacularização da violência. Se ostenta a derrota do adversário, pois se trata de "um exercício de poder e de abuso do outro: fracasso, punição e impotência contribuem também para configurar essa estética da humilhação" (p. 86).

Um dos métodos de violência sexual muito utilizados em torturas, são os choques elétricos. Neste capítulo, mencionamos alguns tipos de violências sexuais

quando definimos o conceito, mas não podemos ignorar o choque elétrico, uma vez que essa prática é usada de forma sistemática pelos russos contra os ucranianos, e há vários relatos entre os dados que coletamos de vítimas que foram submetidas a esse ato. Portanto, o choque elétrico é:

> a aplicação de descargas elétricas em várias partes do corpo torturado, preferencialmente nas partes mais sensíveis, como, por exemplo, no pênis e no ânus, amarrando-se um pólo no primeiro e introduzindo-se outro no segundo; ou amarrando-se um pólo nos testículos e outro no ouvido; ou, ainda, nos dedos de pés e mãos, na língua etc. (Quando se trata de presas políticas, os pólos costumam ser introduzidos na vagina e no ânus). (...) O choque queima partes sensíveis do corpo e leva o torturado a convulsões. (...) provoca grandes distúrbios na memória e sensível diminuição da capacidade de pensar e, às vezes, amnésia definitiva." (Nos porões do SNI, 67 apud. Ginzburg, 2010 p.141)

Portanto, nesta tese, reconhecemos que o choque elétrico configura um tipo de violência sexual, uma vez que configura uma agressão direta aos órgãos sexuais das vítimas. Além disso, também identificamos que, por meio da tortura e por objetivos específicos dela, é aplicado o método da violência sexual em suas diferentes formas que, além do choque elétrico, aparece por meio de nudez forçada, estupro e ameaça de estrupo, violência genital, masturbação forçada e esterilização forçada.

2. DO PERCURSO METODOLÓGIO À ANÁLISE DO DISCURSO: buscando o silêncio

"Menino, eu sou é homem

E como sou."

Ney Matogrosso, "Homem com H", 1981.

Um dos maiores desafios desta pesquisa, foi a coleta de dados, uma vez que ela pretende discutir um assunto que é subnotificado, tem muitas das vezes sua gravidade minimizada, é rodeada de estigmas e por isso, grande parte das vítimas acabam por preferir não falar de suas experiências.

Escolhi adotar a Análise do Discurso como base teórico-metodológica, pois é nela que encontramos meios para analisar o silêncio. No Brasil, temos uma analista de discurso que é referência em analisar o silêncio, e foi justamente à luz da obra *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* de Eni Orlandi, obra fundamental para a elaboração desta pesquisa, que encontramos as ferramentas para entender o silêncio como fundante, para além da ausência de palavras. Além disso, discutimos a ordem do discurso em Foucault. Vamos também nos debruçar sobre o conceito de *ethos* em Maingueneau, Charaudeau e Fiorin, até alcançar o que elaboro e proponho discutir como "*ethos* masculino".

2.1. A coleta de dados:

Estudar a violência sexual contra homens já é por si só um campo muito obscuro. Uma pesquisa que além disso se propõe a analisar tal violência como uma arma de guerra, nos afasta ainda mais dos possíveis dados empíricos. Deste modo, traçamos estratégias que pudessem tornar esse caminho menos distante.

Primeiramente, realizamos o recorte sobre: que conflito irei analisar? A ideia desta pesquisa nasce em 2021, em que as notícias sobre a guerra russo-ucraniana

estavam em alta, portanto, começamos a observá-la atentamente, principalmente no que se refere sobre os casos de violência sexual. Vimos os casos contra mulheres serem anunciados com uma certa frequência entre os meios de comunicação[19].

Logo, começaram a aparecer também nos meios de comunicação a existência de violência sexual contra homens, porém em jornais estrangeiros. E foi em 2024 que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos publica um relatório que traz os números sobre as denúncias de casos de violência sexual na guerra russo-ucraniana, em que mostra que a maioria das vítimas são homens. Assim, identificamos a importância de uma análise mais aprofundada do que está de fato acontecendo neste contexto. Se o número de denúncias feitas por homens é maior, por que vemos nos canais de comunicação um apelo maior para as vítimas mulheres? É interessante notar que a violência sexual é vista a partir de um recorte sexo-específico, e não como uma violência de gênero.

A partir daí, decidimos utilizar os meios de comunicação on-line para nos ajudar a coletar relatos de homens que vivenciaram tais violências. Para realizar a coleta desses dados, efetuamos pesquisas no Google em três idiomas: português, inglês e francês; com as palavras-chave: “violência sexual+homens+Ucrânia”, “estupro+homens+Ucrânia” e “tortura+homens+Ucrânia”.

Foram encontrados jornais de notícia que noticiavam de alguma forma os acontecimentos, mas me interessava descobrir se havia relatos das vítimas em discurso direto. Encontrei algumas entrevistas feitas com as vítimas, e um documentário audiovisual com relatos.

O único jornal que trouxe conteúdo sobre o tema em português, foi a *Euronews,* porém trata-se de uma tradução da versão em inglês. Em inglês, tivemos a *CNN World, o The Guardian* e a *Euronews*. Em francês, encontramos na *France 24*, na *Radio Canada*, também na *Euronews* (mais uma tradução do texto em inglês). Além desses, um documentário com entrevistas em ucraniano com legenda em inglês foi publicado pela *Organized Crime and Corruption Reporting Project* no *Youtube,* que também foi disponibilizado uma matéria escrita no site da organização.

---

[19] AMNESTY INTERNATIONAL. *Ukraine: Women face grave risks as Russia’s full-scale invasion enters its second year.*Amnesty International, 22 mar. 2023. Disponível em: https://www.amnesty.org/en/latest/news/2023/03/ukraine-women-face-grave-risks-as-russias-full-scale-invasion-enters-its-second-year /. Acesso em: 6 maio 2025.

Foi um total de 6 matérias de jornais analisadas, onde foi possível a coleta de 15 relatos de 13 homens (um dos homens realizou três entrevistas em três jornais distintos) que denunciaram formas de violência sexual por parte do exército russo. A coleta foi realizada até novembro de 2024.

Apesar do número elevado de casos de violência sexual contra homens estarem acontecendo na guerra russo-ucraniana, onde soldados russos capturam civis e combatentes ucranianos e os levam para salas de torturas para realizarem as agressões, encontramos, ainda assim, poucas notificações do crime relatados na internet que tenham relatos diretos de vítimas.

Visto a dificuldade de encontrar as vítimas diretamente ou de encontrar interações on-line entre elas, uma vez que não seria viável se deslocar até o campo de batalha ou ir ao território ucraniano para encontrá-las, decidimos analisar as entrevistas dadas, coletando os recortes de suas falas disponíveis nos jornais de notícia on-line. A língua ucraniana não foi incluída para efetuar as pesquisas, pois não a dominamos, por isso tememos depender de tradutores digitais, e se tratando de um tema tão delicado onde analisaremos as narrativas, não poderíamos arriscar por encontrar erros de tradução.

2.1.1. O contato direto a uma das vítimas

Dentre as vítimas que deram entrevista para os jornais nas matérias encontradas, um deles foi encontrado por mim na rede social digital Facebook. Decidi iniciar uma conversa em ucraniano (com ajuda de tradutor online) – não sabia se ele falava inglês ou não, me apresentei como pesquisador da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e expliquei que estava realizando uma pesquisa acadêmica e que eu tinha visto o nome dele em um jornal de notícias e decidi procurá-lo nas redes sociais para uma possível conversa.

Ele me respondeu educadamente, porém com poucas palavras. Eu propus a ele uma conversa por videochamada, mas ele recusou. Propus então que ele respondesse a um questionário, tomando muito cuidado com as minhas palavras, pois acredito que deve ser muito doloroso reviver a experiência e descrever o

acontecimento, além do mais creio que poderia haver algum temor por trás. A princípio, ele aceitou responder ao questionário.

Enviei o questionário em inglês – ele mesmo pediu que fosse em inglês. Posteriormente, ele me disse que iria ver com um tradutor da confiança dele para ver se ele realmente estava entendendo o teor das perguntas. Ele levou uma semana sem me mandar notícias.

Voltei a entrar em contato para perguntar se o preenchimento do formulário estava fluindo bem. Ele me respondeu questionando o título da pesquisa, e disse que não concordava com os termos que eu utilizei, pois segundo ele, o título da pesquisa (Violência sexual contra homens como arma de guerra) não seria compatível com a realidade que os homens ucranianos vivenciam. Eu disse que ele poderia colocar isso no questionário, e explicar melhor o posicionamento dele. Mas ele não respondeu mais a nenhuma mensagem enviada (foram três tentativas).

Esse foi um diálogo importante para a pesquisa, e trazer capturas de tela da conversa agregaria bastante nas análises, mas decidimos preservar a identidade da vítima, uma vez que se tratou de uma conversa informal via Facebook Messenger, e ele não nos autorizou a divulgar a conversa.

No entanto, esse fato será analisado aqui como uma experiência do pesquisador, que contribuirá para confirmar a nossa hipótese sobre o silenciamento da violência sexual contra homens como arma de guerra.

2.1.2. Organização dos dados

Após a identificação dos jornais que possuíam entrevistas com homens vítimas de violência sexual durante a guerra russo-ucraniana em discurso direto, cataloguei em quadros cada vítima encontrada. A organização dos dados é de suma importância para a realização da análise. A questão que norteia a análise de dados é saber como o silêncio aparece e é construído nesses discursos.

Para cada relato encontrado em discurso direto, organizei e cataloguei as informações encontradas. Aqui, podemos identificar o nome do jornal ou organização que publicou o relato, o título da matéria, a/o jornalista que realizou a matéria, o link

do site disponível na internet, o tipo de mídia, o nome verdadeiro ou fictício da vítima, foto, captura da tela se houver vídeo, descrição da edição da voz, o relato em discurso direto publicado na língua original da mídia, e uma tradução para o português dos relatos encontrados em inglês e em francês (feita pelo autor). Os quadros preenchidos com os dados das vítimas, encontram-se no apêndice.

Quadro 1 – Organização dos dados

Fonte (ano)	Nome do veículo de informação que disponibilizou o conteúdo e o ano.
Título	Título da matéria na língua original acompanhado da tradução.
Jornalista	Nome do jornalista da matéria, gênero e nacionalidade.
Link	Endereço eletrônico para acesso ao artigo e/ou mídia completos.
Tipo de mídia	Se contém texto, fotos, vídeos e áudio.
Nome	Nome da vítima (real ou fictício).
Foto	Se contém imagens da vítima (nítida, com sombreamento ou distorcida (para preservar sua identidade)).
Vídeo	Se tem vídeo da vítima (nítido, sombreado ou distorcido).
Voz	Se a vítima fala no vídeo (com sua própria voz ou com voz alterada para preservar sua identidade.
Relato	Recortes dos relatos das vítimas em discurso direto.
Tradução	Quando em língua estrangeira (inglês ou francês) realizamos tradução para o português.

Essas são características que julgamos importantes para realizar a análise dos dados, para além dos relatos encontrados, a forma como a vítima se apresenta e se disponibiliza para falar da experiência vivenciada. São pontos que nos ajudam a analisar suas narrativas e entender melhor sobre as discussões teóricas que realizamos em torno dos conceitos de masculinidade hegemônica, do mito do estupro, do estigma das vítimas, e do silenciamento dos casos de violência sexual contra homens.

2.2. Discurso das mídias: quem informa? quem relata?

Investigar quem informa em um conteúdo jornalístico, pode ser fundamental para identificarmos algumas questões que envolve o silêncio de homens vítimas de violência sexual. Patrick Charaudeau (2015) explica que:

> O crédito que se pode dar a uma informação depende tanto da posição social do informador, do papel que ele desempenha na situação de troca, de sua representatividade para com o grupo de que é porta-voz, quanto do grau de engajamento que manifesta com relação à informação transmitida. (Charaudeau, 2015 p. 52)

No intuito de conhecer mais sobre os informadores, investigamos alguns dados dos jornais e dos jornalistas das fontes dos dados, publicados entre os anos de 2023 e 2024. Os jornais foram:

Quadro 2 - Jornais

Jornal	**País e cidade-sede**
Euronews	Lyon – França
Organized Crime and Corruption Project	Washington D.C. – Estados Unidos
France 24	Issy-les-Moulineaux – França
CNN World	Atlanta – Estados Unidos
Radio Canada	Montreal – Canadá
The Guardian	Londres – Reino Unido

Como foram realizadas pesquisas em três idiomas (português, inglês e francês), tivemos a limitação linguística, no entanto, foi possível observar que apenas três jornais dessas línguas comunicaram tal violência que ocorre na Ucrânia. No que se refere da pesquisa em português, apenas foi encontrado a mesma entrevista da Euronews traduzida para o português. Decidimos utilizar a versão em inglês, uma vez que a repórter é de origem australiana.

Também coletamos algumas informações sobre os jornalistas responsáveis pelas matérias:

Quadro 3: Jornalistas

N	**Jornalista (jornal)**	**Nacionalidade**	**Sexo**
1	Angela Skujins (Euronews)	Australiana	Mulher
2	Yana Korniichuk (OCCP)	Ucraniana	Mulher
3	Anna Babinets (OCCP)	Ucraniana	Mulher
4	Ilya Lozovsky (OCCP)	Russo	Homem

5	Illioné Shultz (France 24)	Francesa	Mulher
6	Marine Courtade (France 24)	Francesa	Mulher
7	Ivana Kottasová (CNN World)	Tcheca	Mulher
8	Olga Voitovych (CNN World)	Ucraniana	Mulher
9	Sarah Lawrynuik (Radio Canada)	Canadense	Mulher
10	Emma Graham-Harrison (The Guardian)	Britânica	Mulher
11	Artem Mazhulin (The Guardian)	Ucraniano	Homem

Dos jornalistas, pudemos investigar que dos onze, nove são mulheres que cobriram as reportagens de homens que foram vítimas de violência sexual, informação ilustrada do Gráfico 1. Portanto, observamos uma maioria considerável de mulheres tratando de um assunto sexo-específico que atinge diretamente os homens, o que nos leva a questionar: por que jornalistas homens não são maioria em uma matéria que atinge diretamente outros homens? Por que jornalistas homens não falam de violência sexual contra homens?

Gráfico 1: Sexo dos jornalistas



Dentre as nacionalidades, como ilustrado no Gráfico 2, observamos quatro ucranianos, duas francesas, uma australiana, uma tcheca, uma canadense, e um russo. O que nos leva a uma nova reflexão: nos casos que estamos tratando, os perpetradores são russos e as vítimas ucranianos. Em resumo, dentre os jornalistas

homens, um é da mesma nacionalidade dos perpetradores e o outro da nacionalidade das vítimas.

Gráfico 2: Nacionalidade dos jornalistas



Sobre os entrevistados, podemos identificar as diversas formas que eles aparecem para fazer os relatos na posição de vítima, dentre os 15, quatro escolheram revelar completamente sua identidade, seis revelaram ao menos o nome, e quatro relataram de forma completamente anônima. Deve-se levar em consideração que a adoção de nomes falsos não foi explicitamente notificada nas matérias, mas cogitamos que alguns tenham adotado para preservar a identidade.

Para Charaudeau (2015), o a ato de testemunhar, o que o autor também entende na sua obra como relatar, é considerada uma forma de enunciação que confirma a existência de uma realidade pela qual o enunciador experenciou.

Testemunhar para Charaudeau (2015), aponta para o imaginário de algo verdadeiro. O autor acredita que sendo um enunciador anônimo, ele pode também transmitir a verdade, mas para que o testemunho participe do acontecimento midiático, ele deve testemunhar a respeito de si mesmo para ser validado por aqueles que pertencem da mesma categoria, sendo instituído em um arquétipo, por exemplo no que se refere a sua vida profissional, ou de um indivíduo que passou por algum sofrimento, ou por causa um comportamento notório (como ser herói por um dia). No caso dos homens que foram entrevistados, eles se enquadram como vítimas de

violência sexual. Para o autor, o telespectador/leitor atribuirá uma identidade psicológica ao sujeito que testemunha (se ele é sincero, se está blefando ou mentido).

A relação do entrevistador com a testemunha, segundo Charaudeau (2015) se dá de forma a considerar que:

> [O entrevistador] contribui para fragmentar ainda mais a entrevista, pois um bom testemunho deve ser breve. A entrevista de testemunho é um gênero que se presume confirmar a existência de fatos e despertar a emoção, trazendo uma prova de autenticidade pelo "visto-ouvido-declarado". (Charaudeau, 2015 p. 216)

Esse trecho de Charaudeau pode nos explicar a dinâmica da estrutura do discurso das mídias, apresentando os relatos de forma fragmentada: de um lado a testemunha que narra sua experiência em discurso direto, intercalado do jornalista que conta as experiências da própria vítima a fim de dar mais emoção e comoção ao material jornalístico.

2.3. Percurso metodológico

O percurso metodológico desta pesquisa seguiu uma ordem cronológica. Iniciando com uma pesquisa exploratória no Google a partir das palavras-chave em três línguas diferentes. Esse foi um momento em que me senti angustiado por causa da escassez de informações sobre um tema de tal gravidade. Me chocou o fato de eu não ter encontrado muitas informações publicadas em língua portuguesa. Me parece que em nosso universo lusófono, estamos ainda mais desconectados desse tema.

Em seguida, selecionei apenas as matérias que continham relatos no formato de discurso direto, ou seja, exatamente como foi dito pela vítima, e não uma interpretação do jornalista da matéria. Encontrei matérias que denunciavam e expunham os atos de violência, mas pouquíssimas continham uma entrevista direta com uma vítima.

Organizei todos os relatos em quadros, onde descrevo as informações da matéria, da vítima e dos relatos. Em seguida, realizei uma outra organização em

quadro sobre o jornal e os jornalistas. Esse foi um trabalho bastante manual, de separar as informações, principalmente identificar o que era reportado pelo jornalista e o que era de fato dito pela vítima. Os jornalistas deram informações bastante interessantes ao reportar os fatos, mas decidi ser fiel à análise do discurso direto.

Realizei e teorização dos temas centrais que norteiam essa pesquisa: violência sexual contra homens, masculinidades e análise do discurso, arcabouços teóricos necessários para a análise dos dados. A literatura constituiu para mim um outro desafio, uma vez que encontrei poucos textos científicos em português que falavam especificamente de homens adultos como vítimas de violência sexual. O recorte de contexto de guerra estreitou ainda mais as possibilidades, limitando bastante a o trabalho com autores brasileiros. Tive que recorrer a textos publicados principalmente em inglês e francês. Meu tempo de bolsa de doutorado sanduíche no Canadá foi importantíssimo para que eu descobrisse discussões mais amplas sobre o assunto, principalmente de autores canadenses, americanos, franceses e ingleses.

Contextualizei os dados, buscando entender o que está acontecendo na Ucrânia neste momento, e o porquê de termos escolhido esse conflito para ser analisado, e o porquê de a violência sexual contra homens estar acontecendo de forma mais acentuada neste conflito. Me aprofundar nesse tema no contexto do conflito russo-ucraniano, trouxe um dado importante para a pesquisa. Ao analisar o relatório da Organização das Nações Unidas publicado em 2024 sobre as denúncias de violência sexual, tomo consciência que há mais vítimas homens do que mulheres e crianças, e percebo o quanto esta pesquisa se faz urgente e necessária para trazer essa discussão em forma fundamentada para o meio acadêmico brasileiro.

E por fim, a análise dos dados à luz dos autores e dos conceitos para alcançarmos o objetivo de encontrar, observar e analisar o silenciamento dos casos de violência sexual contra homens no contexto da guerra russo-ucraniana. Essa etapa considero-a como a mais árdua para mim como pesquisador. Analisar palavra por palavra de cada relato, me fez, por muitas vezes, sentir um pouco da angústia das vítimas. Mergulhei de cabeça nos relatos para encontrar o silêncio, e assim, poder observá-lo e encontrar o seu sentido.

Em linhas mais diretas:

1- **Levantamento bibliográfico e coleta de dados**: Realização de buscas no Google utilizando palavras-chave em português, inglês e francês, a fim de identificar matérias relevantes sobre o tema.
2- **Critérios de seleção**: Identificação e seleção de matérias que contenham relatos em discurso direto, garantindo a autenticidade e a fidelidade dos testemunhos analisados.
3- **Sistematização dos dados**: Organização dos relatos coletados em um quadro comparativo, permitindo a visualização estruturada das informações.
4- **Classificação das fontes**: Organização das informações relativas aos jornais e jornalistas responsáveis pelas publicações, com o objetivo de avaliar a credibilidade e o contexto de produção das matérias.
5- **Teorização e fundamentação conceitual**: Articulação dos dados empíricos com os referenciais teóricos pertinentes, a fim de estabelecer uma base conceitual para a análise.
6- **Contextualização dos achados**: Inserção dos dados coletados no panorama histórico, político e social relevante, proporcionando uma compreensão mais ampla dos fenômenos investigados.
7- **Análise e interpretação**: Aplicação do quadro teórico-metodológico à interpretação dos dados, visando à identificação de padrões, discursos e significados subjacentes aos relatos estudados.

2.4. O *ethos* masculino

Vamos recorrer à Análise do Discurso para primeiramente entender o perfil discursivo desses homens. Qual é a construção socialmente atribuída ao homem e da qual ele mesmo se faz entender como sujeito que o torna incapaz de falar sobre traumas envolvendo violência sexual? O conceito de *ethos* nos permitirá traçar um perfil de identidade(s) que compõe(m) esses homens.

A noção de *ethos* é algo muito intuitivo, pois trata-se da ideia de que um interlocutor, a partir da fala, transmite certa representação de si mesmo a um destinatário, e isso faz com que isso influencie todo o ato enunciativo, uma medida

que de certo modo tenta causar uma boa impressão por meio da construção do discurso, além de ganhar a confiança dos receptores ao causar uma imagem de si (Maingueneau, 2008).

Retomando Roland Barthes, Maingueneau (2008) argumenta que o orador expõe sua personalidade aos receptores sem se importar com a sinceridade, pois o que realmente importaria, neste sentido, é transmitir uma boa impressão de si, tentando explicar o que ele é e no que ele não é, e aí está como o *ethos* se mostra eficaz, pelo "fato de ele se imiscuir em qualquer enunciação sem ser explicitamente enunciado" (p. 13).

Seria o *ethos,* portanto, diferente do que seriam os atributos reais do interlocutor? Maingueneau responde:

> Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é a fonte de enunciação, é do exterior que o *ethos* caracteriza esse locutor. O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer. (p.14)

Portanto, o *ethos* se torna o cruzamento do olhar do que o locutor quer construir de si com os traços que o destinatário produz do próprio locutor. O *ethos* é uma realidade intradiscursiva com traços de extradiscursividade (Maingueneau, 2008).

O *ethos* pode aparecer não só da fala, mas de todo um aspecto como o tom da voz, a escolha das palavras e dos argumentos, dos gestos e mímicas, do olhar e da postura, da aparência etc. As imagens psicológicas e sociológicas aparecem na enunciação por meio do orador (Declercq, 1992 p.48 apud Maingueneau, 2008 p. 14).

O *ethos* é feito do discurso que constrói um comportamento de articulação verbal e não verbal, de modo que o locutor provoque efeitos multi-sensoriais em seus destinatários. Ele estabelece uma imagem do locutor exterior a sua fala. Torna-se uma noção híbrida (sócio-discursiva), "um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica" (Maingueneau, 2008 p. 17).

O *ethos* pode implicar em uma forma de se estabelecer no espaço social, algo que o corpo apreendeu de um comportamento. Essas representações podem ser positivas ou negativas, criando até mesmo estereótipos enunciativos, postos para serem confrontados ou transformados: homem não chora, marido provedor, cara viril

etc. “As ‘ideias’ suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser” (Maingueneau, 2008 p. 30).

O *ethos* não aparece no enunciado, e sim na enunciação. Afirmar algo é explicitar uma imagem do enunciado, o que não leva a construção do *ethos* em si. O que realmente vai determinar, será as características da pessoa, como ela se porta etc. Ela vai demonstrando para afirmar não com as palavras, mas com tudo o que implica constituir um *ethos* (Fiorin, 2012).

Fiorin (2012, p. 139) afirma que “o *ethos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado”. O *ethos* é formado por um sujeito constituído por meio do discurso. Para o autor, “o *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito” (Fiorin, 2012 p. 139).

O *ethos*, por meio da enunciação, nos mostra a personalidade do enunciador, como traços do que Maingueneau chama de “caráter”, que “corresponde a uma gama de traços psicológicos”, da corporalidade, que vai em direção ao aspecto corporal, como “se vestir e se movimentar no espaço social” e da dimensão vocal (Maingueneau, 2013 p. 108). Portanto o *ethos* se dá a partir das expressões do caráter e da corporalidade.

> O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador”, que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (Maingueneau, 2013 p. 108)

No trecho acima, Maingueneau explica como a maneira de ser está intrinsicamente atrelada a maneira de dizer. É a partir da fala que o enunciador constrói a própria imagem de si, sua identidade, compatível com a realidade que ele deseja alcançar, constrói-se o *ethos*, uma conjuntura ideológica (Maingueneau, 2013).

Charaudeau (2017) nos explica que a formação do *ethos* se dá a partir da fusão de duas identidades: 1) primeiramente o falante mostra-se com sua identidade social como locutor, e com isso, a ele é atribuído o direito à palavra, fundando a sua legitimidade de se comunicar em função do papel social que a ele é atribuído em

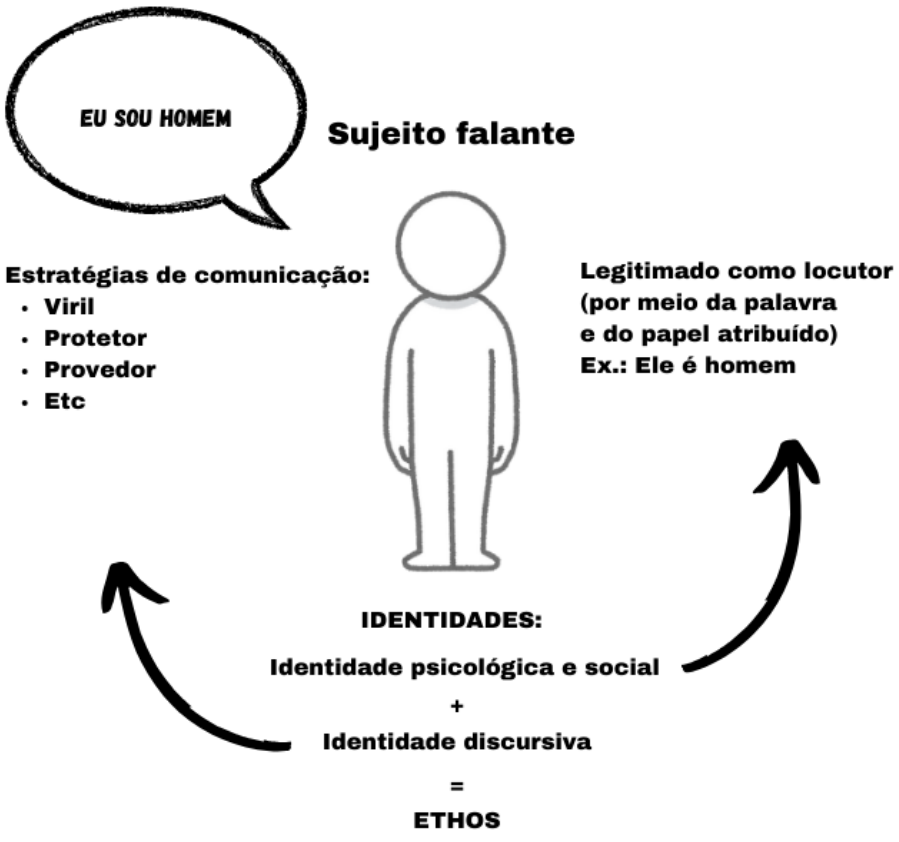
determinada situação; 2) o sujeito constrói a figura daquele que ele mesmo enuncia, e estabelece sua identidade discursiva, buscando cumprir os papeis que a ele foram atribuídos no ato de comunicação e elaborando as estratégias de comunicação.

Na Figura 3, elaboramos uma imagem que ilustra o processo de construção do *ethos* masculino. O locutor é legitimado tanto pela palavra quanto pelo papel socialmente atribuído a ele como "ser homem", o que corresponde à sua identidade psicológica e social. No entanto, essa identidade não se sustenta apenas no discurso; ela também se manifesta em suas características, ações, tom de voz, vestimentas e comportamentos.

Ou seja, não basta afirmar ser homem—é necessário adotar uma estratégia de comunicação que reforce essa identidade, demonstrando virilidade, agressividade, a posição de provedor da família, além da função de protetor da esposa e dos filhos. Dessa forma, ele consolida sua identidade discursiva.

Assim, podemos observar que o *ethos* masculino resulta da interseção entre a identidade social e psicológica do indivíduo e a maneira como ele a projeta discursivamente.

Figura 3 - **Fusão das identidades** *(Elaborado pelo autor, 2025)*

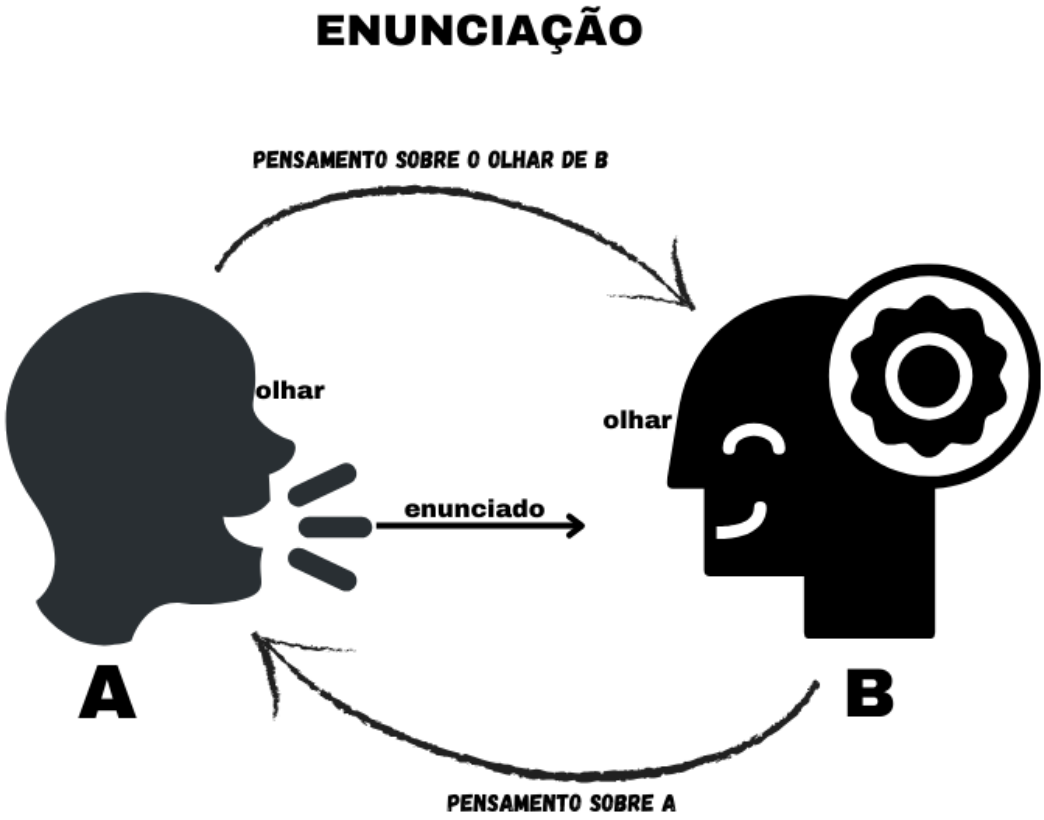


O sujeito se mostra ao outro por meio de sua identidade psicológica e social que a ele foram atribuídas, e simultaneamente, mostra sua identidade discursiva que ele mesmo constrói de si. A dinâmica em questão acontece quando cruzam o que se é com o que se diz ser. O *ethos*, portanto, é esse duo de identidades, fundidas em uma só (Charaudeau, 2017).

Patrick Charaudeau ainda explica que:

> O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato da linguagem. (Charaudeau, 2017 p. 115)
>
> Trata-se de uma concepção idealizada da existência do sujeito, que pode ser aplicada ao sujeito do discurso e que guia a comunicação social na qual se constrói o *ethos*. (Charaudeau, 2017 p. 116)

Figura 4 - **Enunciação e enunciado** *(Elaborado pelo autor, 2025*



Observamos na Figura 4 que B idealiza um olhar sobre A, e A constrói seu ***ethos*** a partir da percepção que tem desse olhar. Assim, ao afirmar-se por meio do enunciado, A também estrutura a enunciação por meio de uma estratégia comunicativa que reforça essa identidade.

Charaudeau (2017) nos traz a concepção de *ethos* coletivo, uma forma de enxergar a construção de uma identidade de um grupo, composto de indivíduos com comportamentos similares, e que pode acarretar o desenvolvimento de estereótipos.

Esse *ethos* está atrelado às percepções sociais. Deste modo, grupos julgam outros grupos, baseando-se na identidade de membros que partilham características similares, de um grupo que representa de certo modo uma entidade hegemônica. Reduz-se sua essência por um olhar que vem de fora, e estabelece-se estereótipos (Charaudeau, 2017).

Ao olharmos o grupo dos homens, que exerce um comportamento comum e hegemônico que é a masculinidade, é possível criar um estereótipo de que todos os homens são viris, provedores, agressivos etc. Portanto, o *ethos* masculino é coletivo, pois engloba o grupo dos homens e toda sua representação social do que é ser homem na sociedade.

O ethos coletivo é uma visão global, que forma uma identidade a partir de uma opinião coletiva em relação a um determinado grupo. Nesse sentido, para Charaudeau (2017, p.118) o *ethos* coletivo é “uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem”. E ele ainda argumenta que “é preciso acrescentar a recíproca, que diz que as maneiras de ser comandam as maneiras de dizer, portanto, as ideias” (Charaudeau, 2017 p.118).

Portanto, se considerarmos que a maneira de ser, orienta a maneira de dizer, e cria um ideal a ser alcançado, o *ethos* masculino se constrói a partir dos papéis de gênero socialmente estabelecidos. Assim, qualquer desvio dessa norma pode comprometer a identidade do indivíduo. Relatar um caso de violência sexual representa uma ruptura com a estratégia discursiva necessária para sustentar o *ethos* masculino, pois, socialmente, não se espera que um homem ocupe o lugar de vítima. Ele é comumente associado ao papel de agressor ou protetor, ao vilão ou ao herói – mas nunca à vítima.

Ser um homem vítima de violência sexual coloca o locutor em uma posição delicada, pois ele precisa equilibrar sua experiência com a necessidade de preservar

seu *ethos* masculino. Ao manter sua masculinidade intacta, ele evita colocar em risco sua posição social hegemônica. Nesse contexto, o silêncio emerge como estratégia para não comprometer nem a identidade discursiva, nem a identidade psicológica e social.

2.5. Buscando sentido no silêncio

O silêncio pode ser apreciado, mas também pode ser desprezado, a depender das circunstâncias. Ele pode ser conveniente. Há situações em que é realmente preciso falar, mas também há momentos que é melhor se calar (Barbet; Honoré, 2013).

Michel Foucault (2014) apresenta uma importante contribuição que traz à luz o que ele chama de apropriação social do discurso, e explica como o interlocutor é moldado a partir de uma ordem discursiva, que “cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância” (Foucault, 2014 p. 7).

Para Foucault (2014), os discursos são controlados socialmente, o indivíduo que se expressa (quem ele chama de “autor”), tem sua fala moldada de acordo com as normas sociais. O autor reproduz o que se é esperado dele, ou seja, em uma sociedade em que homens são ensinados que devem ser viris, fortes e nunca uma vítima, e que diz que “homem não chora”. Os que relatam ser agredidos sexualmente, ameaçam as normas discursivas.

> Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2014 p. 8 e 9)

E ainda acrescenta que certos temas são interditados, tratados como tabus, com o objetivo de proteger as estruturas de poder. O resultado disso é tornar invisível o sofrimento das vítimas e reforçar o estigma associado:

> Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (Foucault, 2014 p. 9)

Foucault (2014) aponta duas reflexões importantes: a primeira no que diz respeito ao que pode ser dito e o que deve ser silenciado, controlado por mecanismos de poder, em uma sociedade que se apropria socialmente do discurso; a segunda sobre como essa dinâmica se sobressai quando os temas são sexualidade e política. Portanto, quando o assunto é violência sexual contra homens em contexto de guerra, o silenciamento pode ser visto como parte de uma estrutura de poder, que atua para proteger normas de gênero e da masculinidade hegemônica, e assim, essas narrativas passam a não serem reconhecidas.

Neste contexto, o silêncio é sustentado por instituições militares, políticas, jurídicas, e pelas normas culturais, que juntos, protegem os ideais da masculinidade e rejeitam da vulnerabilidade masculina.

Para Foucault (2014), uma narrativa fora das normas sociais pode ser invalidada:

> Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (Foucault, 2014 p. 10)

Este trecho reforça como pode se dar o silenciamento, uma narrativa fora das normas sociais é uma narrativa sem importância, em diversas instâncias: políticas, jurídicas, religiosas etc.

Foucault (2014) ainda acrescenta: “se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece (2014 p. 13). Os “monstros” para o autor, são os perigos fora das normas, e a “razão” é o sistema normativo disciplinador. Portanto, as narrativas de violência sexual contra homens, podem ser vistas como os monstros que desafiam as normas hegemônicas de gênero, sendo assim, silenciadas. Para Foucault, o silêncio não é passivo, pelo contrário, ele é ativo e vigilante, ele separa e exclui. O “silêncio alerta”, no trecho, mantêm a separação do “normal” do “desviante”, o que reforça o poder das normas dominantes, uma vez que o que é silenciado, permanece marginalizado.

Foucault (2014) argumenta que toda sociedade, sem exceção, possui agentes reguladores das narrativas discursivas. Algo que foi dito uma vez, e é conservado, pois cria-se o imaginário de que existe nele um segredo, uma riqueza a ser preservada. Para o autor, nas sociedades, existem diferentes tipos de discursos: os que se dizem por si só, e os que já são ditos para além da sua formulação, e “nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de "literários"; em certa medida textos científicos” (Foucault, 2014 p. 21).

Neste sentido, Foucault ainda acrescenta:

> Ora, a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado, como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala formula um ou vários enunciados inassimiláveis; a heresia e a ortodoxia não derivam de um exagero fanático dos mecanismos doutrinários, elas lhes pertencem fundamentalmente. Mas, inversamente, a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia - pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, consequentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam. (Foucault, 2014 p. 41)

Em um contexto doutrinário, é preciso levar em consideração o que é dito e quem o diz, os dois pontos se relacionam. Neste sentido, não é suficiente examinar o

discurso isoladamente, é preciso considerar quem está falando e as condições que legitimam ou deslegitimam esse sujeito. A doutrina faz uso de meios que rejeitam e/ou censuram o indivíduo para proteger a sua coerência. Assim, aprisiona o sujeito a uma narrativa controlada pela doutrina, caso contrário ele será excluído ou rotulado.

Para Foucault (2014), a doutrina é estabelecida a partir de pertencimento social, político e cultural, sendo isenta de neutralidade, sendo vinculada a classes, status sociais, etnias, nacionalidades, interesses e lutas, não sendo, portanto, ideias abstratas, mas uma ferramenta de poder.

A doutrina, para Foucault (2014), dita aos indivíduos o que eles podem ou não dizer, restringindo formas de enunciação. Discursos são utilizados para reforçar laços dentro de um grupo e distinguir seus membros de outros. Ela organiza poder discursivo, regulando o que pode ser dito, quem pode dizer e em que circunstâncias, incluindo e excluindo, formando estruturas discursivas e de identidade dos sujeitos.

> O fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por eles reprimido e recalcado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim, a palavra. Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não dito ou um impensado que se deveria, enfim, articular ou pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. (p. 49 e 50)

Nesse sentido, Foucault (2014) argumenta que mesmo havendo a existência de sistemas de rarefação, ou seja, regulatório, que controlam as narrativas discursivas, ao realizar a análise desses discursos, é preciso olhar para o discurso por si só, sem imaginar nem criar suposições do que não foi dito, mas sim, encontrar sentido na palavra. Não se trata de encontrar o sentido do discurso, mas sim, no discurso. O discurso faz, ele não representa.

Elegemos a Análise do Discurso para tratar do silêncio justamente por acreditar que nele também há sentido, que ele é fundante e pode constituir uma narrativa discursiva. As palavras esbarram no silêncio, trazendo a dimensão do não-dito, o que não pode ser confundido com o implícito. A analista do discurso Eni Orlandi contribui de forma ímpar para entendermos as dinâmicas do silêncio, portanto se viu necessário trazermos aqui algumas reflexões da sua obra sobre as diferentes formas do silêncio.

Eni Orlandi (2007) argumenta que o que distingue o silêncio do implícito, é que o silêncio não é algo sobreposto às intenções do autor, nele há sentido. Dizer algo pode ter uma relação intrínseca com o não-dizer.

Dizer que o silêncio é fundante, é reconhecer uma faceta para além da ausência de ruído, de som, ou de palavras. O silêncio se encontra nas palavras, e ele tem o poder de "apagar sentidos, de silenciar e de produzir o não-sentido onde ele mostra algo que o ameaça" (Orlandi, 2007 p. 14).

Assim, dizer que há silêncio nas palavras, é reconhecer que as palavras podem ser atravessadas pelo silêncio, elas podem reproduzir silêncio, o silêncio pode "falar" por meio delas, elas têm o poder de silenciar. "As palavras são cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas" (Orlandi, 2007 p. 14).

Barbet e Honoré (2013) também argumentam que o silêncio não é privado de sentido, e pode estar, por exemplo, atrelado a sentimentos como o medo. A expressão "quem cala consente", que tenta interpretar o silêncio, pode não estar totalmente correta. Quem cala pode simplesmente estar recusando ou desaprovando. O silêncio também pode significar "confusão, respeito, timidez, impotência, desconforto, constrangimento ou embaraço" (tradução nossa - p. 8).

Muitas relações discursivas têm no silêncio seu ponto de sustentação. E "desse modo é que se pode considerar que todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras" (Orlandi, 2007 p. 15). Nesse sentido, analisar o silêncio é provocar reflexões com base do não-dito discursivamente. Para Orlandi (2007), o método para analisar o silêncio com as bases teóricas da Análise do Discurso, é a observação.

A Análise do Discurso se distingue de outros métodos como a Análise de Conteúdo e da Análise Linguística, uma vez que ela se propõe a buscar uma relação ideológica e histórica com a linguagem, e ela "trata no domínio do imaginário e dos efeitos da evidência, produzidos pelos mecanismos ideológicos" (Orlandi, 2007 p. 16), chegando finalmente ao domínio conceitual do "interdiscurso". Portando, é no discurso que língua e ideologia se cruzam. E "aí está a grande contribuição da análise do discurso: observar os modos de construção do imaginário necessário na produção dos sentidos" (Orlandi, 2007 p. 18).

É no discurso que a língua se materializa, e a ideologia se encontra justamente nessa materialidade da língua com a materialidade da história. Nesse sentido, é

importante trazer a noção de que o discurso não é fala, ele é autônomo à língua e é determinado pelas formações ideológicas. O silêncio é, portanto, o não-dito que habita o interior da linguagem, ele tem sentido, ele tem história, “ele tem significância própria” (Orlandi, 2007 p. 23).

Orlandi (2007) nos explica que a política do silêncio, em outras palavras, o silenciamento, constitui questões como: “tomar a palavra”, “tirar a palavra”, “obrigar a dizer”, “fazer calar”, “silenciar” etc. Para a autora, é preciso compreender o silêncio para além da sua dimensão política, e tratá-lo como fundante, como sendo o real discurso. “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política” (Orlandi, 2007 p. 53).

Ao invés de pensarmos o silêncio como falta, podemos pensá-lo como excesso, tematizado em expressões que se opõem, tais como (Orlandi, 2007 p. 31):

> Estar em silêncio / Romper o silêncio
> Guardar o silêncio / Tomar a palavra
> Ficar em silêncio / Apropriar-se da palavra

Isto é, fazer o outro dizer o que ele não diria, ou quando ele se vê coagido a dizer algo que não é, ou seja, renegar, essa é uma forma de silenciamento. “Dizer e silenciar andam juntos” (Orlandi, 2007 p. 53). “Na perspectiva que assumimos, o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (Orlandi, 2007 p. 31).

Para Orlandi, o método que possibilita tornar silêncio visível e observável, mesmo que indiretamente, é por meio dos métodos discursivos. Para ela, “é preciso aqui lembrar que pensamos a relação indireta entre o produto e sua “origem”, sua “causa”. Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio” (Orlandi, 2007 p. 45).

Quando o assunto é analisar o silêncio, não é possível identificar marcas formais, porém, conseguimos captá-lo a partir das pistas e dos traços que ele deixa, assim “quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam” (Orlandi, 2007 p. 47).

Para Barbet e Honoré (2013), o silêncio não é apenas parte de uma conjuntura conversacional, mas ele se auto significa, ele tem o seu próprio sentido, com substância semântica, integra um dispositivo paradigmático, e se torna parte do *ethos* do orador.

Não se interpreta o silêncio, se compreende. Compreender de que forma ele se significa. Não se trata de dar a ele um sentido metafórico, nem sobre "traduzir o silêncio", mas identificar o processo de significação posto em jogo por ele, e assimilar suas maneiras de significar (Orlandi, 2007).

Esta tese vem se propondo a analisar o silêncio, e Orlandi (2007) fala justamente da resistência em escolher um objeto que aparentemente é não-representável e sua observação pode se valer dos métodos correntes. É recorrente a dúvida sobre como é possível analisar o silêncio, e Orlandi responde que isso se dá por meio de uma ruptura.

O silêncio deve ser observado indiretamente, não apenas as "marcas" que foram os paradigmas da demonstração, mas nele também contém "pistas", ou seja, conjecturas. "Para analisar o silêncio é assim preciso fazer intervir a teoria enquanto crítica" (Orlandi, 2007 p. 55).

Deste modo, devemos nos basear no método histórico (ou discursivo), e invocar a interdiscursividade, para entender o que há nos entremeios, nos reflexos indiretos e nos efeitos.

Um primeiro passo dessa análise é reconhecer a noção de completude, uma vez que o silêncio não é tangível empiricamente, ele pode nos mostrar paradoxalmente os limites dos métodos formais. Dizer, é falar sobre algo (Orlandi, 2007).

Um segundo ponto seria identificar os momentos em que o silêncio se manifesta, adotando um deslocamento metodológico que permita sua análise (Orlandi, 2007). O silêncio, frequentemente inserido dentro de uma lógica retórica, pode ser observado, por exemplo, na maneira como a violência sexual contra homens é tratada com desdém pela sociedade. Esse fenômeno se reflete na negligência em relação às denúncias feitas por vítimas do sexo masculino, que muitas vezes são ignoradas ou até ridicularizadas.

E por último, é preciso pôr em relação a intertextualidade por meio das paráfrases. Narrar um acontecimento de forma a reformular o enunciado, porém manter o sentido original. Alterar as palavras usadas para reforçar ou atenuar

determinados sentidos (Orlandi, 2007). Por exemplo, identificar nas políticas de nomeação que “tortura sexual” em certos casos é usado para não se dizer “violência sexual”, pode ser uma forma de silenciamento.

O silêncio se materializa na história. Ele não é imediatamente visível e passível de interpretação. É preciso trabalhar na historicidade do tecido textual para torná-lo apreensível e compreensível. “O trabalho com o silêncio implica a consideração dessas suas características” (Orlandi, 2007 p. 58).

O “poder-dizer” é outro ponto central para entendermos as formas que o silêncio se apresenta. É no discurso que desdobramos como o silêncio fundador é compreendido na historicidade discursiva da construção do poder-dizer.

Na política do silêncio, entendemos que ao dizer algo, podemos apagar outros sentidos possíveis, trazendo um recordo do que se diz e do que não se diz, ou seja, se diz “x” para não se dizer “y” (Orlandi, 2007).

Ainda para Eni Orlandi, “podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras” (Orlandi, 2007 p. 74).

E o que há entre discurso, silêncio e poder? Orlandi (2007) argumenta que o poder tem seu exercício acompanhado de um certo silêncio, que segundo a autora, é o silêncio da opressão. De certo, o que analisamos aqui, é o silêncio de homens oprimidos. E o silêncio desses homens oprimidos não consiste em propriamente não dizer: consiste em não considerar esse dizer como uma possibilidade, pois ele não se inscreve no interdiscurso da história e da ideologia, quando se trata de masculinidades normativas.

Esse silêncio dos oprimidos é inscrito no que Eni Orlandi (2007) chama de Discurso de Resistência, que é considerado como uma forma de se opor ao poder, ou a um sistema de opressão.

Opressão, política e poder são palavras centrais que juntas podem causar o efeito de silenciamento. Vimos aqui que o discurso pode ser reproduzido de acordo com uma ordem.

Para Michel Foucault (2019), o poder seria, na verdade, o que cada indivíduo tem em si mesmo e poderia cedê-lo por completo ou parcialmente, para que, desta forma, seja possível constituir uma soberania ou um poder político. A constituição do

poder político, por exemplo, se dá a partir da operação de um modelo jurídico, que seria da ordem da troca contratual (Foucault, 2019).

Foucault (2019) afirma que o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce. Para o autor, não podemos considerar o poder como uma manutenção das relações econômicas, mas sim, como uma relação de força. Para ele, o poder é repressivo.

Ainda para Foucault (2019), a política pode ser considerada com um tipo de guerra prolongada por outros meios. Ele os classifica em três:

a) São as relações de poder nas sociedades. O poder político tenta impor a paz na sociedade civil, neutralizar desequilíbrios, reescrevendo a relação de força e aplicando o que o autor chama de “guerra silenciosa”. A política seria a sanção, reprodução de forças que seriam manifestadas durante as guerras.

b) Sobre o interior da “paz civil”, lutas políticas, confrontos por poder, com o poder e pelo poder, além das modificações das forças políticas, podem ser interpretados como a continuação da guerra.

c) Os mecanismos do poder seriam: repressivo e opressivo.

Desta forma, Foucault (2019) identifica pequenas fontes de poder presentes no cotidiano, como família, igreja, escola etc., em que também se inclui a sexualidade. O autor, diferentemente de Hobbes, não acredita que apenas o soberano exerce poder sobre o indivíduo, mas também, os pequenos influenciadores das atitudes humanas, que acabam deixando os homens aptos para o controle do Estado.

Deste modo, podemos elaborar as seguintes observações: a) os perpetradores russos usam a violência sexual contra homens combatentes e civis ucranianos, em território ucraniano, exercendo o poder de opressão que lhes é atribuído pelo Estado russo; b) devido à identidade psicológica e social atribuída aos homens e ao *ethos* masculino que eles reproduzem, a emasculação pode ser considerada como forma de se exercer poder sobre o inimigo; c) sendo a emasculação algo tão fatal para a formação do *ethos* masculino, ela teria como consequência: o silenciamento dos homens para que eles não percam o *status* que a eles fora socialmente atribuído.

3. MASCULINIDADES: do *phallus* à hegemonia

"Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer: 'Ai, meu Deus, como eu queria
Que essa cabra fosse homem.'"
Ney Matogrosso, "Homem com H", 1981.

Neste capítulo, abordaremos a história da masculinidade a partir da construção do *phallus* como símbolo de poder. Abordaremos a problemática que se desenvolve a partir da concepção do conceito da masculinidade, a dominação masculina e os papeis de gênero. E por fim, falaremos no conceito de masculinidade hegemônica, uma lente que nos possibilita analisar como a masculinidade é um ponto chave para entendermos de que maneira o homem assume até os dias de hoje uma posição de poder e dominação que configura todo o sistema patriarcal contemporâneo, e as duras consequências que recaem sobre eles mesmos.

3.1. O *phallus*

Na obra *O império do phallus* (Groux, J-J.; Zordan, L.; Dadoum, R., 2016), o *phallus* não é tratado em uma perspectiva psicanalítica freudiana ou lacaniana, e parte para um ponto político da dominação masculina e patriarcal da cultura ocidental, retomando termos como falocentrismo e falocracia, a partir do fim dos anos 1960 com o engajamento das militantes feministas.

Para entendermos melhor alguns princípios que norteiam o conceito de masculinidade, consideraremos alguns aspectos no contexto do Império Romano, marcado por uma dominação militar e colonial, foi a partir de Augusto (em 2 a.C.) que se começou a ouvir falar de "Imperator", que vem de *PATER PATRIA*, ou seja, pai da pátria. As moedas do império traziam a mensagem em torno de sua imagem: *DIVUS*

AUGUSTUS PATER PATRIA, que quer dizer “o imperador é divino”, tornando uma divindade a imagem do pai. Outros imperadores utilizavam apenas o P.P., de *Pater Patria* (GROUX, J-J.; ZORDAN, L.; DADOUM, R., 2016).

Este colocou a paternidade em um lugar central, simbolizando também o poder político, um poder imperial. A palavra “império” caiu em desuso com o passar do tempo, mas outros termos dentro da ciência política começaram a ser empregados em inglês graça a autores americanos, como Joseph Nye, nos apresentando os conceitos de *soft power*, *smart power* e *hard power*. O termo mudou, mas a ideia permanece a mesma.

Um império não se trata apenas de formar uma grande unidade territorial, mas dar ao imperador um papel central de comandar, dar ordens, instruções, dando sentido ao uso do tempo verbal “imperativo”. A premissa imperialista se moldou aos preceitos da democracia.

Podemos identificar determinadas concepções do *phallus* em diversas manifestações particularmente significativas na construção de poder, e trazer exemplos de contextos como: a família, os costumes, o direito, a teologia, a instituições políticas etc. Ver esse poder estender-se desde as grandes até as pequenas coisas da vida social, passando despercebido ou invisível a extensão da sua difusão. A concepção do *phallus* pode se mostrar de forma mais evidente nas instituições, nas coerções, nas violências contra as mulheres etc.

A expressão *“mis a nu”*, em francês, que significa esclarecer um rumor, revelar uma mentira, uma alucinação coletiva. A expressão se popularizou na França com o grito: “o Rei está nu”, e o que seria imaginar o monarca nu? Toda a estrutura fálica da realeza, do império, mostra de poder, a ereção, a elevação, a dominação e a ocupação se desfazer, o Rei nu, desfeito, tombado, decapitado: *“à mort le Roi!”*. Isso se alia aos itens do imperador: a espada, o cetro, o bastão, a coroa etc.[20]

---

[20] Na psicanálise também existe uma diferente abordagem do que seria o *phallus*. Nesse sentido, Lacan (1966) nos apresenta uma perspectiva que se diferencia do da interpretação que parte como fenômeno social e ideológica. Para Lacan, o *phallus* é o significante que dá sentido ao desejo, se inspirando nas teorias freudianas para elaborar a ideia. Esse não é o mesmo sentido que estamos tratando aqui. Apesar de não pretendermos nos aprofundar na teoria psicanalítica, julgamos importante trazer também essa outra perspectiva da concepção do *phallus*. Como foi dito, Lacan não teve a pretensão de apresentá-lo como órgão genital, e nem mesmo em sua representação social-ideológica, mas a ideia de sua teoria torna o *phallus* como um representativo da “falta”, indo do amor à angústia, o vazio. Lacan

Lattanzio (2020) nos dá mais clareza sobre a interpretação do *phallus* na concepção lacaniana, e explica que se diferencia do pênis concreto, como órgão genital, e assume a estrutura simbólica da “falta” e da “castração”, sendo essas funções determinantes para a constituição psíquica.

Nesta tese, o *phallus* se apresenta como símbolo da dominação masculina, ultrapassando a imagem do pênis, e passa a ganhar o ideal simbólico de poder e dominação do que representa a força impositiva, dominadora, da virilidade, atividade, esplendor e vigor.

3.2. Um problema de gênero

Abrimos esse subcapítulo com importantes contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998), que se dedicou a escrever sobre a dominação masculina, ou seja, a relação de poder que se impõe baseada em sexo e gênero, tendo o homem como dominante, e a mulher como dominada. Consideramos importante primeiramente entender como se dá a relação de poder entre homem e mulher, para posteriormente entendermos as dinâmicas de dominação que envolve a violência sexual contra homens, ou seja, quando o dominante se torna o dominado.

Primeiramente, Bourdieu (1998) discute sobre como o masculino se impõe como “neutro”, que segundo o autor, o masculino é uma máquina simbólica, que abrange campos distintos como a divisão sexual do trabalho, onde a assembleia e o mercado econômico tendem a ser o lugar dos homens e a casa é reservada às mulheres. Uma divisão social baseada na diferença anatômica. A virilidade física, a atestação de uma potência sexual, a capacidade de tirar a virgindade de uma mulher

---

nos explicada que essa falta surge quando a criança percebe que sua mãe não possui o *phallus*, e inicia-se o processo de castração. O desejo dessa criança passa a ser então, a construção do *phallus* para preencher o vazio da mãe e o seu próprio. Ora, a ausência do *phallus* da mãe representa uma falta. O desejo, que é o que move o ser humano psiquicamente, seria então provocado pela falta [do *phallus*]. Nos parece que a questão da teoria psicanalítica não está tão distante da questão social-ideológica que trazemos aqui, quando ainda assim damos poder ao *phallus* de alimentar o desejo, mesmo que seja por meio da falta.

(o que é esperado dos “homens de verdade”), faz com que o *phallus* esteja sempre presente metaforicamente.

Para o autor, as diferenças visíveis baseadas nos órgãos genitais são uma construção social sobre em uma lógica androcêntrica, em que ela mesma se baseia na divisão de status sociais designados a homens e mulheres. A vagina é construída como fúnebre, vazia, e como uma inversão negativa do *phallus*. O ato sexual em si também é tratado como uma relação de dominação, e todo o vocabulário que é praxe de uso: to fuck (em inglês), baiser (em francês), joder (em espanhol), foder (em português). O homem “fode” a mulher, palavra que beira variantes como: submeter ao poder, abusar, e no Brasil, apelidamos o *phallus* de uma arma: o cacete. Deste modo, Bourdieu (1998) explica que o ato sexual em si, constitui para o homem como um ato de dominação, de apropriação, de “possessão”. Desde novos, os meninos são incentivados a colocarem a sexualidade em um lugar de agressão, ato físico de conquista orientado pela penetração, assim, inclinados a ter atos sexuais de dominação por via da submissão ou pelo gozo obtido.

A relação de dominação é construída por meio de princípios fundamentais de divisão: por um lado o masculino como ativo, e do outro, o feminino como passivo, um princípio que organiza as lógicas de prazer e de desejo, dando ao homem o desejo de possuir e a mulher o desejo de ser possuída, neste sentido, erotizamos as relações de dominação.

No caso de relações homossexuais entre dois homens, Bourdieu (1998) considera que o papel de passivo pode ser interpretado como “feminizante”, e para ele, a pior humilhação para um homem, consiste em ser transformado em uma mulher, nesse ponto de vista que conecta sexualidade e poder. Feminizar um homem por meio de humilhações sexuais, e brincadeiras sobre a virilidade, acusações de homossexualidade etc., são torturas organizadas com fins de dominação.

Não é o *phallus* por si só que fundamenta essa lógica de divisão relacional de gênero, mas foi a visão de mundo construída sobre o *phallus* que o colocou nesse lugar de símbolo de virilidade, de honra do masculino. A diferença biológica centrada nos órgãos sexuais foram fundamentos objetivos do estabelecimento da diferença de sexo, e nas construções dos gêneros como duas essências sociais hierarquizadas.

A violência simbólica que é incorporada nessa relação de dominação faz parecer que ela seja natural, ou seja, naturaliza a relação dominador/dominado como outros preceitos (alto/baixo; masculino/feminino, branco/preto etc.), uma lógica de que

certos contrastes devem existir naturalmente. Isso incorpora a aceitação de “ser dominado”, levando a mulher da sociedade contemporânea a acreditar que sua fórmula de sucesso também consiste em ter como companheiro ou marido, um homem que tenha atributos socialmente relevantes, que vai do físico ao desempenho profissional e financeiro, como, por exemplo, almejar um homem mais alto, mais velho, com um melhor emprego e melhor salário que ela mesma. Foi naturalizado que uma mulher se sinta diminuída com um homem inferior a ela em algum aspecto. Isso permeia no pensamento das mulheres que elas só poderiam amar um único homem em toda vida delas, tendo em vista o papel de dominador que o homem exerce, com características que as ultrapassam em todos esses quesitos.

Para Bourdieu (1998), a violência simbólica se apresenta para as mulheres como uma referência de ordem social, como já foi dito aqui, naturalizada. Portanto, o autor afirma que a relação de dominação masculina e de submissão feminina, se apresenta paradoxalmente, pois é ao mesmo tempo espontânea e extorquida. Ou seja, para Bourdieu essa ordem social cria “disposições espontaneamente acordadas a esta ordem que são impostas a elas” (as mulheres) (1998, p. 59, tradução nossa).

Esse modelo de relação se reproduz não só nas relações amorosas, mas também nas parentais, por exemplo, ou qualquer outro tipo de relação em que o afeto fraternal, amoroso, filial, se apresente. As relações são concebidas desta forma, onde é possível ver o sentimento (amor e afeto) ou o dever, serem confundidos com o respeito e a dedicação afetiva.

Bourdieu (1998) afirma que o princípio de visão dominante é “um sistema de estruturas permanentemente inscritas nas coisas e no corpo”, e para ir mais longe, ele cita Nicole-Claude Mathieu, quando a autora fala em seu texto *“De la conscience dominée”*, onde faz uma crítica à noção de consentimento e faz um paralelo entre a responsabilidade do opressor e a culpabilidade do oprimido, quando para Bourdieu (1998), a autora não menciona de fato o quanto o consciente feminino é invadido pelo poder onipresente dos homens. Porém, é preciso se atentar para essa fala de Bourdieu, levando em consideração que ele também é um homem que é beneficiado por essa logica de dominação.

Para Bourdieu (1998), a violência simbólica se apresenta no conhecimento e no não conhecimento das práticas que vão além do consciente e da vontade, onde ele faz referência a um “poder hipnótico”, se manifestando em diversos âmbitos, tais como seduções, ameaças, ordens, lembretes de ordens, repreensões etc.

Sobre a definição de ordem social, Bourdieu (1998) explica que “as mulheres podem aparecer apenas como objeto ou, melhor, como símbolo cujo sentido é constituído fora delas e cuja função é de contribuir na perpetuação ou no aumento do capital simbólico detido pelos homens” (1998, p. 48, tradução nossa).

Bourdieu (1998) também explica como as mulheres servem de “instrumentos simbólicos da política masculina”, quando a partir da exemplificação do casamento, explica que a dominação da mulher faz parte do capital simbólico dos homens, elas se tornam objetos de troca e de aliança, no qual o autor menciona como “transação matrimonial”.

O autor explica que as mulheres não só constituem capital simbólico, mas também capital social, que a partir das alianças, os homens constroem aliados prestigiosos. O valor dessas alianças vai depender também das mulheres disponíveis para troca, dependendo, portanto, da reputação e da castidade delas, que constituem a reputação masculina (a honra do pai, do irmão etc.). Também como consequência, determinam a economia dos bens simbólicos a partir da reprodução biológica da gestação.

Bourdieu (1998) defende a tese de que os homens também são vítimas dessa representação dominante, pois devem sustentar um *ethos* que exige a manutenção de toda uma maneira de agir, sustentar a virilidade e tudo o que impõe a ele para se tornar e se manter como um “homem de verdade”. O autor define a virilidade como “capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como habilidade para o combate e para o exercício da violência, e antes de tudo, um fardo” (1998, p. 48, tradução nossa), contrariamente ao papel feminino de vulnerabilidade.

Bourdieu (1998) reafirma a tese de que a virilidade precisa ser validada pelos outros homens e pelo reconhecimento do pertencimento do grupo dos “homens de verdade”. O autor exemplifica com os rituais de instituições, ele cita a instituição militar. O autor afirma que essas instituições “comportam provas reais de virilidade orientadas e reforçam solidariedades viris" (1998, p. 65, tradução nossa). E traz exemplos como "práticas como certos estupros coletivos de grupos de adolescentes - uma variante da visita coletiva ao bordel (bar que oferece serviço de prostituição como recreação) […], como necessidade de afirmar diante dos outros a virilidade no seu real estado de violência” (1998, p. 67, tradução nossa). Isso demonstra a dependência gerada em torno de grupos viris.

A virilidade pode ser provada sob forma de “coragem”, ato comum no exército e na polícia. Para Bourdieu (1998), os homens se propõem a isso sob pena de perderem a estima ou a admiração do grupo de colegas, medo de serem adjetivados de características que constituam traços da feminilidade para o comportamento social, tais como “fraco”, “mulherzinha”, “mocinha”, “bicha”, etc. Para Bourdieu (1998) “o que chamam de “coragem” se enraíza também às vezes em forma de covardia: basta, para convencê-los, evocar todas as situações onde, para cometer atos como matar, torturar ou estuprar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão se apoiam no temor “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraqueza, dos que às vezes são chamados de “rudes”, porque eles são rudes para lidar com seus próprios sofrimentos e sobretudo com o sofrimento dos outros - assassinos, torturadores e pequenos chefes de todas as ditaduras e de todas as "instituições totalitárias”, mesmo as mais banais, como as prisões, as casernas ou os internatos […]”.

Deste modo, para Bourdieu (1998), a virilidade é “uma noção racional”, ela é constituída diante a para os outros homens e vai em contrapartida a feminilidade, ou seja, consiste no temor do feminino, e antes de tudo, dela mesma.

Daniel Welzer-Lang (2004) menciona o conceito de “alienação masculina”, de Maurice Godelier, que consiste em tratar a maneira cujo as violências que mais tarde serão exercidas sobre as mulheres, se amparem primeiramente nas violências contra o corpo dos homens (jovens), exercida por seus mais velhos ou por seus pares. O que o autor chama de “educação masculina”, se tratando de ritos de passagem para se tornarem “homens de verdade”.

Welzer-Lang traz fortes críticas a Pierre Bourdieu (1998). Diferentemente de Maurice Godelier que se implica como um conhecedor sexuado, como homem que tenta romper com o androcentrismo, Pierre Bourdieu (1998) propõe uma análise geral. A impressão que o autor teve ao ler Bourdieu (1998) foi que ele não estaria integrado como homem em suas análises. Pierre Bourdieu não é uma mulher. Essa seria uma acusação de que o famoso sociólogo francês estaria praticando *“mansplaining”*[21].

Para Welzer-Lang (2004), Bourdieu (1998) estaria culpando as mulheres de serem responsáveis pela sua própria exclusão. Segundo ele, para Bourdieu (1998), não são os homens que excluem as mulheres, mas elas mesmas se excluem.

[21] Quando um homem quer explicar a uma mulher algo que ela já sabe.

Bourdieu (1998) afirma em uma passagem que “o dominante também é dominado, mas pela sua dominação”, apontando os homens como também vítimas de suas próprias agressões e com as mulheres corroborando com os padrões sociais. Os homens, portanto, pagam um preço para terem acesso a esse privilégio masculino, o que Welzer-Lang chama de “alienação masculina”, se tratando da naturalização da dominação masculina, aceitando os papéis sociais traçados a partir do sexo e do gênero, entrando em um status que o autor classifica como “escravidão”, o que não parece ser o propósito de Bourdieu tratar o tema desta mesma forma. Essa aceitação das divisões sociais do sexo pode apresentar custos e benefícios, o que Marie-Claude Hurtig et Marie-France Pichevin chamam de “prisão do gênero”.

Outro ponto levantado por Welzer-Lang (2004) é que Bourdieu (1998) faz uma conexão entre a dominação masculina a libido e a erotização da dominação, uma vez que o sociólogo aponta que os homens gostam do jogo de poder, as mulheres gostam dos homens que jogam, tratando o carisma do homem como o charme do poder, a sedução da possessão do poder, sobre corpos onde a sexualidade é politicamente socializada, (parafraseando as palavras usando seus próprios termos). Para Welzer-Lang (2004), as propostas de Bourdieu (1998) são no mínimo contraditórias e paradoxais. Enquanto Nicole-Claude Mathieu defende que as mulheres não consentem, mas elas cedem, Monique Haicault critica Bourdieu afirmando que a "violência simbólica” consiste em forçar o consentimento, dando um senso normativo às práticas dos atores e as representações que elas carregam.

Para Welzer-Lang (2004), Bourdieu (1998) legitima sua visão de mundo como parte do grupo de dominantes, se apoiando numa visão de que essa é a única e correta a ser tratada: aceitar os papeis de dominado e dominante. Para Welzer-Lang, *“Là encore, Pierre Bourdieu est un modèle d’homme (encore) traditionnel”* (2003, p. 194)[22]. Deste modo, Bourdieu como homem, em sua posição como dominante, carrega em seu argumento um conformismo no que concerne as relações de poder que envolve homens e mulheres. No entanto, a dominação masculina é uma construção social, e é preciso desconstruir as normas que as impõem.

[22] Ainda aí, Pierre Bourdieu é um modelo de homem (ainda) tradicional. (tradução nossa)

3.3. Masculinidade hegemônica

Pinar Selek é uma socióloga turca, militante feminista e antimilitarista que foi perseguida e torturada por revelar os nomes das testemunhas que ela entrevistou para efetuar sua pesquisa (2023) sobre os casos de violência que ocorrem nos quartéis militares turcos, dos quais ela denuncia episódios traumáticos vivenciados por homens que foram obrigados a realizarem o alistamento militar. Na Turquia, o serviço militar é obrigatório para todos os homens (com exceção dos doentes, dos deficientes e dos homossexuais), formando requisito básico para a formação da masculinidade hegemônica na cultura turca.

A formação da masculinidade hegemônica turca está inteiramente ligada ao *phallus*, apresentando seis etapas capitais que constituem seu status de dominador: circuncisão, primeira experiência sexual, serviço militar, trabalho, casamento, paternidade.

Essa sequência nos apresenta um exemplo do *phallus* associado à agressão e à constituição da masculinidade. No caso do casamento, o homem deve ter uma noiva virgem, que após a cerimônia, existe o rito da lua de mel, que seria a transformação da menina em mulher, ela não seria mais uma senhorita, mas agora uma senhora, e é o pênis o responsável por essa passagem ritualística. Com o hímen rompido pela penetração, a menina perde sua “virgindade”, ato heteronormativo centrado na phallocracia, tendo a penetração como ato central da relação sexual, o *phallus* se caracteriza como um instrumento de destruição. A autora faz uma alusão do pênis como uma britadeira. O homem usa o pênis como uma arma, que deve fazer escorrer sangue da menina.

Para a autora,

> o serviço militar é um meio fechado […] com suas leis, costumes, hábitos e práticas particulares, mas todos têm o mesmo objetivo: concentrar e repartir os indivíduos ou os grupos no espaço, administrar as ações deles e compor as forças produtivas dos grupos sociais ou das comunidades, tal qual a nação. (Selek, 2023, p. 35 e 36, tradução nossa)

A autora explica que o quartel com todos os seus rituais e práticas, pode reforçar a identidade masculina, que já é constituída sem nenhuma escapatória subversiva possível. Eles “cozinham juntos” (sentido figurado), por isso a autora chama o quartel de “caldeirão”, sendo essa uma forma de anular suas subjetividades. E para se tornar “homem”, o rapaz deve se submeter ao que lhe é imposto, apesar dos absurdos. A autora fala da “hierarquia masculina”, que é aprendida no meio militar que se mostra essencial para compor uma sociedade homossocial, onde certos assuntos são tidos entre os homens com a frase clichê “é assunto de homem” para lidar com questões específicas, o que aponta para uma solidariedade masculina, porém hierarquizada.

“Fazer parte de um grande corpo masculino é alienante” (Selek, 2023, p. 39, tradução nossa), diz a autora. Os homens apresentam um certo conformismo face a um modelo imposto, sem nenhuma contestação, e ainda alegam vivenciar uma experiência transformadora no meio militar, ambiente de submissão física e psicológica.

Em um contexto militar masculino, a violência parece ser um recurso normalizado, visto pelos homens como método natural, visto até mesmo como obrigatório. A violência vinda do "mais forte” se legitima quando encarnam o poder do Estado, que é o único detentor do monopólio de violência. A capacidade desses homens fortes em serem violentos levam a uma admiração. É uma violência legitimada e monopolizada.

Comunidades homossociais exclusivamente masculinas como: o exército, equipes de futebol, internatos, organizações de máfias, todas elas consolidam a masculinidade, e segundo a autora “reorganizam o desequilíbrio entre os sexos e os espaços de luta de poder entre homens” (Selek, 2023, p. 66, tradução nossa). A violência faz parte de um jogo de poder e ela se estende como um meio de comunicação comum nesses contextos.

Compondo a masculinidade e a virilidade, algumas virtudes também são atribuídas a esses homens, pois é preciso ser belo, forte, protetor, contundente, sério e tranquilo, deve saber proteger e saber constranger alguém se necessário.

Em um contexto masculino-militar, é ensinado aos rapazes como matar e transar, que para a autora, essa é uma aliança inseparável. Nos exercícios que eles realizam durante suas atividades nos quarteis, eles aprendem a importância do *phallus* deles como símbolo de potência e instrumento de destruição. No contexto

turco, existe uma “pegadinha” que é feita com os recém-chegados aos quarteis, que consiste em amarrar um barbante nas partes íntimas dos novatos enquanto eles dormem, entre outras “brincadeiras”. Alguns relatam que a hora de dormir era angustiante (Selek, 2023).

Apesar da angústia, homens não denunciam as “brincadeiras”, eles simplesmente aceitam em silêncio. Na verdade, pode existir uma alternativa: revidar com mais violência para provar a masculinidade, do contrário, calar-se.

Durante conversas formais e informais, se faz recorrente a supervalorização do pênis em ereção, com o uso de palavras, expressões e gestos com conotações sexuais, em contextos que vão desde os treinamentos às sanções coletivas.

Para uma comunidade portadora de pênis, as mulheres representam apenas objeto de satisfação sexual, como por exemplo, por meio das revistas de “mulher pelada” que circulam nos quartos dos quarteis na Turquia (Selek, 2023).

A autora nos traz uma definição do que ela chama de “banalização do mal”:

> é a repetição assustadora dos mesmos clichês por homens de diferentes faixas etárias, profissões, e meios sociais, que reforça o sentimento da banalização e de perda de autonomia do julgamento, mas também o desejo do poder masculino que facilita a assimilação à Razão do poder. (Selek, 2023, p. 80 - tradução nossa).

Neste caso, na Turquia, a cidadania masculina se faz no uniforme militar. Isso põe a luz o lugar da masculinidade normativa na organização da violência política, e, a estruturação social da violência. Reproduzir a identidade masculina por meio de violência, serve para a militarização e a generalização da violência política por meio de corpos masculinos. Portanto, a construção social dos homens e a produção estrutural do poder estão inteiramente relacionadas.

Para bell hooks[23] (2021), a violência sexista existe porque o patriarcado exige que a dominação masculina seja feita por todos os meios necessários. Das violências sexistas, os maus tratos e os estupros são os mais denunciados por mulheres contra seus parceiros amorosos, e segundo a autora, é preciso também levar em consideração as violências cometidas dentro do lar por pais patriarcais, pois é esse

[23] A autora usa intencionalmente seu nome apenas com letras minúsculas. Ela mesma explicou que a grafia minúscula tem como objetivo descentralizar o “eu” autoral e dar mais importância à escrita do que à identidade pessoal.

tipo de violência que reforça um modelo de dominação, no qual o homem impõe sua autoridade e acaba sendo considerado o mestre de todos aqueles que não tem o mesmo poder, se tornando o “chef da casa”, o lar é seu reino, ele é o rei, e as práticas de assujeitamento, de suborno e de submissão se impõem.

Por outro lado, bell hooks argumenta que o patriarcado também impõe suas exigências aos homens, que se tornam “deficientes afetivos” (2021, p. 47), pois esse sistema tira dos homens o acesso à liberdade, e independentemente da sua classe social, para qualquer homem, é difícil se rebelar contra o patriarcado e se mostrar desleal face ao *“parent patriarcal”* (p.47), seja ele homem ou mulher.

A autora explica que as regras do patriarcado são tão ancoradas e enraizadas no inconsciente coletivo, que nem as cidadãs nem os cidadãos têm a coragem de mudar, pois o temor pelo sistema não é consciente.

Em uma cultura patriarcal, os meninos não são considerados dignos de amor, e apesar dos meninos saírem na frente e aproveitarem os privilégios do sistema patriarcal, quando o assunto é ser amado, eles não têm as mesmas recompensas. É a partir do nascimento de um homem que se começa o ataque do patriarcado contra ele, assim, bell hooks nos expõe casos em que bebês meninos são menos acariciados e cuidados quando choram, pois os pais temem que ele se torne “mariquinha” (2021, p. 55).

“A cultura patriarcal é um sistema social e político bem estabelecido, que determina nossa socialização e nos conduz todas e todos nesse país negligenciando a vida afetiva de meninos” (hooks, 2021, p. 57, tradução nossa).

Para a autora, a concepção de ser um “homem de verdade” para meninos, consiste em “impor respeito, ser inflexível, não falar de seus problemas e dominar as mulheres” (2021, p. 63, tradução nossa). Em um sistema patriarcal, os meninos aprenderam que expressando a raiva seria o caminho mais ideal para se aproximar da virilidade.

Bell hooks ainda explica que o primeiro ato de violência que é ensinado aos meninos, não é contra as meninas. O próprio patriarcado exige que os homens se automutilem psiquicamente, que eles exterminem o seu “eu” afetivo. Exigem dos meninos que eles se contenham em papeis mais rígidos e fechados, e são também punidos mais severamente quando se afastam desses papeis.

Judith Surkis (2007) nos explica que mesmo para a construção dos ideais feministas, se viu necessário levar em conta os direitos e os privilégios masculinos e

como eles foram historicamente construídos. Assim, seria compreender melhor as táticas discursivas e práticas que a feministas adotaram para desconstruí-los. Seria impossível descrever a história do gênero sem estudar a história da masculinidade.

Recorrer à história das masculinidades é identificar como a concepção da sexualidade não como uma expressão de um instinto natural ou essencial, mas como uma técnica de poder. Desta forma, é possível identificar a construção da sexualidade masculina como um problema social, pois esta teve um papel crucial para a sexualização das relações de poder.

A intersecção da história da sexualidade e do gênero foram de certa maneira a história das masculinidades. O poder político e social do homem se estabelece não somente como uma questão de honraria, mas também implicitamente ligado à sua potência sexual e sua posição como pai de família. Um comportamento passivo do homem pode ser visto como uma "desvirilização", e essa questão implica na degradação de seu papel político e social, sendo a masculinidade um elemento constitutivo das identidades sociais e políticas, sendo ela crucial em muitos grandes eventos da história, como, por exemplo, as guerras.

A virilidade se apresenta como uma característica que está em constante ameaça. Sua fragilidade em momentos de crise, como as guerras, pode parecer causar uma certa desordem, assim como a emancipação das mulheres. Isso se torna paradoxal. Ora, a masculinidade se apresenta como símbolo de autoridade, força, poder, potência, mas ao mesmo tempo parece tão frágil, estando em constante ameaça e posta em jogo.

Se pensarmos na perspectiva em que a masculinidade é também uma luta entre homens, esta também põe em jogo outros aspectos, tais como classe, raça, religião etc. Desta forma, a história das masculinidades deve ser escrita no plural.

Raewyn[24] Connell (2013) amplia o debate sobre a masculinidade hegemônica e argumenta que se trata da forma mais honrada de ser um homem, pois exige que outros homem se posicionem diante dela, além de legitimar a dominação dos homens sobre as mulheres.

Para serem homens, eles são muitas vezes subordinados a situações de risco, e agem com dificuldade para lidar até mesmo com suas próprias incapacidades e

[24] Robert Connell é o nome morto da autora, que ainda está presente em diversos de seus trabalhos científicos publicados antes de sua transição. No texto, usaremos apenas seu nome atual.

ferimentos. Segundo Connell (2013), o conceito de masculinidade hegemônica permeia essa subordinação e nos ajuda a compreender dessa exposição dos homens ao risco e suas tendências a ocultar dores e sofrimentos. Principalmente no âmbito da instituição militar, a autora afirma que é possível detectar padrões específicos da masculinidade hegemônica, e como ela se apresenta como dominante, e que, no entanto, vem revelando questões problemáticas para os debates atuais.

Connell (2013) nos traz um olhar amplo sobre a masculinidade, e argumenta que ela se apresenta na ação social e se diferencia diante das relações de gênero e do cenário social. A masculinidade não é incorporada fixamente aos indivíduos no que se refere a seus traços físicos e de personalidade, mas de acordo com suas práticas. O “ser um homem” se tornou ideológico, características constituídas popularmente.

Para Connell (2013), é plausível que nos questionemos o porquê dos homens se acomodarem e aceitarem as condições da masculinidade hegemônica, sendo alguns cúmplices, outros resistentes a esse ideal que parece inalcançável. Para a autora, a masculinidade hegemônica tem diferentes significados. Ela descreve:

> Os homens podem se esquivar dentre múltiplos significados de acordo com suas necessidades interacionais. Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas. (Connell, 2013 p. 257)

Dada a multiplicidade de masculinidades, é possível também se perguntar como homens com distintas histórias, culturas, formações psíquicas e visões diferentes do que é ser um “homem de verdade”, interagem com as diversas masculinidades. Trazendo para o contexto desta pesquisa, será que ser um homem russo seria o mesmo de ser um homem ucraniano? Qual seria o olhar do homem russo sobre o homem ucraniano, e vice-versa? Com esses questionamentos, podemos aprender como as masculinidades são construídas e usadas no discurso.

Deste modo, Connell (2013) ainda nos explica que o conceito de masculinidade hegemônica não é algo engessado e objetivo, mas histórico dinâmico no gênero do sujeito. Portanto, entender a história de vida se torna algo característico que a autora julga importante para os trabalhos sobre masculinidade hegemônica.

A masculinidade hegemônica pode ainda se aproveitar de outras masculinidades para dar continuidade à dominação, chamada por Connell (2013) de hierarquia das masculinidades, não sendo apenas um padrão de hegemonia baseado na força, afirmando que:

> O consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes. (Connell, 2013 p. 263)

De fato, o gênero é uma dinâmica relacional, e deste modo, os padrões de masculinidade vão sendo definidos socialmente em oposição a algum modelo, seja ele real ou imaginário, em detrimento da feminilidade. Padrões da masculinidade hegemônica vão se moldando de acordo com as representações étnicas/raciais, por deficiência física, pela desigualdade de classe ou pela sexualidade estigmatizada (Connell, 2013).

Connell (2013) ainda aponta que a masculinidade hegemônica pode existir empiricamente para ser analisada em um nível global, a partir das arenas das relações internacionais da política, mídia, comércio etc. alinhando estudos sobre masculinidade e globalização. Ela ainda afirma sobre a importância dessas análises a nível global: “Temos todas as razões para pensar que as interações envolvendo masculinidades globais irão se tornar cada vez mais importantes nas políticas de gênero e que essa é uma arena-chave para pesquisas futuras sobre hegemonia.” (2013 p. 268)

3.4. A violência sexual contra homens em contexto de guerra à luz das masculinidades: por que homem não fala?

É importante considerar que a invisibilidade e o silenciamento da violência sexual contra homens não é apenas um produto das teorias feministas, mas sim um reflexo das construções sociais sobre masculinidade que definem homens como poderosos, sexualmente dominantes e heterossexuais. O uso de violência sexual

contra homens em guerra envolve dominação masculina e poder, tal qual acontece contra as mulheres.

Aproximar o direito internacional a noção de gênero também se vê necessário para incluir a construção social da masculinidade e os privilégios do homem, mas que também afeta negativamente as mulheres, e os próprios homens. A masculinização das práticas e a construção da masculinidade em contexto de guerra foram uma base para entender como se dão as violências contra homens e mulheres. Para Vojdik (2014), para inserir os homens nas discussões, assim como as mulheres são integradas, é preciso “integrar teoria social construtivista que examine a intersecção de gênero, etnia, raça, nacionalismo e outras estruturas de subordinação” (Vojdik, 2014 p. 940, tradução nossa).

Compreender masculinidades pode ajudar a entender a violência sexual contra homens e mulheres em guerras como práticas de certos grupos. A masculinidade é uma prática social criada pelos homens para se opor a feminilidade. Se trata de um campo que afeta as relações de gênero. A teoria das masculinidades também aponta que a masculinidade é plural, ela pode variar de acordo com a cultura, o tempo e o lugar.

A masculinidade se constrói por e para os homens, e ao mesmo tempo, para se opor as mulheres. Como argumentado por Pierre Bourdieu (1998), a masculinidade precisa ser validada por outros homens, e muitas das vezes, se dá por meio da violência, para assim, ser considerado um “homem de verdade”.

Vodjik (2014) aponta que os treinos militares recrutam homens e mulheres para serem “masculinos”, ou seja, para conseguirem ser violentos o suficiente para serem capazes de matar caso preciso para protegerem a nação. Nesses contextos militares, são feitos testes para verificar a masculinidade e para provar sua identidade social, e muitos desses rituais incluem a hipersexualizão dos homens e a degradação da mulher.

A masculinidade é definida como heterossexual, e por esse motivo, é comum que em rituais militares a violência sexual entre homens seja empregada para construir a masculinidade dominante. A masculinização de soldados, sejam eles homens ou mulheres, podem levar ao estupro e as violências sexuais de homens, assim como aconteceu em no Iraque e em Serra Leoa, onde mulheres combatentes

violaram sexualmente e humilharam detentos muçulmanos (Gerecke, 2010; Cohen 2013).[25]

Para Vodik (2014), a violência sexual contra homens em contexto de guerra também se baseia na logica de feminilizar a vítima, e masculinizar o perpetrador. Segundo o autor, essa seria uma "castração simbólica", que tem o objetivo de emascular a vítima.

A violência sexual, tanto contra mulheres quanto contra homens, não se trata de desejo sexual, mas sim, um desejo de dominação. O objetivo é fazer o perpetrador homem, masculino, dominante e agressivo, e por outro lado, fazer da vítima mulher, feminino, fraco e frágil. Quando um homem é vítima de violência sexual, ele pode ser estereotipado como feminino e socialmente comparado como uma mulher (socialmente construída como vítima). A violência torna o homem uma vítima frágil, simbolicamente como uma mulher. Um homem estuprado, perde uma das suas atribuições mais básicas, que é proteger sua família e sua comunidade.

Homens vítimas sofrem o estigma por serem colocados em um lugar de mulher e por não terem tido sequer a capacidade de proteger a si mesmos de uma agressão de outros homens. Esse mesmo estigma faz com que esses homens prefiram ficar em silêncio e não denunciar, e nem procurar ajuda para tratar seus traumas físicos e mentais, pois temem a rejeição e o julgamento dos outros (Vodik, 2014).

Deste modo, justamente por causa das normas sociais da masculinidade, homens vítimas de violência sexual podem ser mais marginalizados do que as mulheres. A vítima acredita que a violência sofrida é incompatível com sua masculinidade. A incapacidade de proteger a si mesmo e a sua comunidade, cai como um fracasso pessoal.

Vodik (2014) nos explica que a violência sexual acontece para inverter construções de gênero sobre a logica protetor/protegido, deste modo, os perpetradores conseguem aterrorizar seus inimigos. Para o autor, é uma violência similar à dinâmica de dominação de gênero, porém empregada por um grupo contra outro, já a violência sexual contra uma mulher por um inimigo-combatente em conflito armado, significaria uma degradação simbólica de sua comunidade.

---

[25] Megan Gerecke. Explaning Sexual Violence in Conflict Situations, in Gender, War, and Militarism 138, 152 n.7 (Laursa Sjoberg & Sandra Via eds., 2010. e Dara Kay Cohen, Female Combatants and the Perpetration of Violence: Wartime Rape in the Sierra Leone Civil War, 65 World Politics 383, 383-85, 399 (2013).

Portanto, pensar que a violência sexual contra homens em conflitos armados seria um ato de dominação de um grupo contra o outro, podemos entender que se trata de conflitos que podem ser étnicos, religiosos, de estados ou nações, ou de grupos de identidades distintas. Diferentes formas de violência sexual como estupro em publico, tortura e a morte de um homem, podes ter o objetivo de enviar uma mensagem: a destruição daqueles que tentarem proteger a comunidade.

Como uma ferramenta de guerra com base em gênero, a violência sexual contra homens, assim como contra as mulheres, reforça a questão do poder da masculinidade e da dominação masculina.

Quando um homem vítima que não tem práticas homossexuais em sua vida normal, mas que acaba vivenciando uma violência sexual com alguém do mesmo sexo, ele pode temer falar sobre a sua experiencia traumática por medo de ser estigmatizado como gay. Portanto, falar de violência sexual com pessoas do mesmo sexo, também implica incluir nas discussões, questões ligadas a gênero, raça, etnias, orientação sexual, os outros sistemas que podem constituir diferenças entre as vítimas.

Ampliar o debate sobre violência sexual contra homens, não só significa reconhecê-lo como um problema de gênero que afeta ambos homens e mulheres, mas também entender a natureza da violência e seu objetivo de preservar a dominação masculina de determinados grupos de homens da nossa sociedade.

Ao invés de conceitualizar o fenômeno como uma violência de gênero, acaba-se invisibilizando-o por nomeá-lo de “tortura” ou naturalizá-lo como uma prática terrível de guerras contra militares combatentes e detentos, visto como uma consequência. O corpo do homem, assim como o corpo da mulher, é usado como um símbolo que dominado, representaria o domínio sobre uma comunidade. Deste modo, tanto o estupro de homens como o estupro de mulheres, pode ser considerado como uma arma de guerra.

Assim, vê-se necessário o desdobramento da teoria das masculinidades para melhor entendermos a dinâmica de uma violência que é de gênero, e que por meio dela, invisibiliza-se a violência sexual contra homens, reforçando a estrutura do corpo do homem como masculino e dominante, e em ambos os casos: durante a guerra e durante a paz.

3.5. Emasculação

A questão do poder e da dominação é conexa à masculinidade em contextos de violência sexual em conflitos armados, e o resultado disso é a emasculação. Os estereótipos de gênero determinam que homens não podem ser vítimas, eles podem ser apenas perpetradores.

Devemos considerar que quando um caso de violência sexual acontece contra um homem, é como se masculinidade fosse arrancada dele, ou seja, eles acabam sendo emasculados. Podemos considerar que um homem que foi penetrado, é visto como alguém que perdeu sua masculinidade, e que não poderia mais ser visto como um guerreiro ou como um chefe. Para a sociedade, um homem que foi vítima de violência sexual não poderia mais ser considerado como um “homem de verdade”, pois um “homem de verdade” nunca teria permitido que isso tivesse acontecido com ele.

Outrossim, além das vítimas serem consideradas emasculadas, elas acabem dando mais poder de dominação ao perpetrador. A emasculação pode ser representada de algumas maneiras, tal como dos explica Sivakumaran (2007):

1. **Feminização:** independentemente do gênero da vítima e do perpetrador, os papeis sempre serão já pré-determinados: a vítima sempre será feminizada e o perpetrador sempre será masculinizado. Em algumas culturas, mulheres vítimas de violência sexual são evitadas, ou mesmo consideradas “não castas”, e em outras culturas, os homens também podem sofrer as mesmas consequências. A intenção da violência sexual é diminuir o *status* social do homem, reduzindo-o como um homem “feminizado”, o que é considerado como o pior gênero dos tempos modernos. Teria uma alternativa mais eficaz do que um homem humilhar um outro homem, tornando-o uma fêmea por meio de uma crueldade sexual? O maior insulto para um homem, é se sentir como uma mulher.
2. **Homossexualização:** a masculinidade constrói a ideia de que é o homem heterossexual é um símbolo de poder. O caso da violência sexual entre dois homens, ou seja, por um ato homossexual, faz com que a vítima seja emasculada, ou seja, que tenha seu *status* social rebaixado. Eles podem se

sentir “sujos” com a homossexualidade. Pode ser que durante o estupro, algumas vítimas tenham ereção, o que as fazem questionar da sexualidade delas. Porém, se entendermos que o estupro nestes casos é dado por uma relação de poder e dominação, reconhecemos também que o agressor conserva seu *status* de heterossexual. Quando é o caso em que duas vítimas são forçadas a estuprarem um ao outro, os dois são emasculados, e a dinâmica de poder e dominação não se aplica. Ao questionar a sua masculinidade, uma vítima também, por conseguinte, começará a questionar sua sexualidade. Questionar a sexualidade explicaria o porquê de homens vítimas de violência sexual preferem ficar em silêncio, ou até mesmo negarem que foram agredidos. Em muitos casos, apenas anos depois e em processos terapêuticos, os homens conseguem falar de suas experiencias traumáticas.

3. **Prevenção de procriação:** a capacidade de procriar é muito importante para a ideia de masculinidade. Os perpetradores podem ter atitudes de depreciar as vítimas causando ferimentos que podem afetar a fertilidade, como agressões nos testículos, para que ele não tenha a capacidade de trazer novos descendentes da mesma etnia ao mundo, e quando a vítima é uma mulher, a ideia seria engravidá-la para que ela tenha um bebê da mesma etnia do perpetrador (gravidez forçada). O Estatuto de Roma define a esterilização forçada como um crime contra a humanidade, mas limita-se a incapacidade biológica de fazê-lo, como os casos de castração ou mutilação dos órgãos genitais.

Corpos de homens e de mulheres são simbolicamente construídos, e podem ser usados com um propósito. O ataque ao corpo da mulher, pode ser considerado com um ataque a cultura de uma comunidade, ou de um grupo étnico, racial ou religioso. Já o ataque ao corpo do homem, pode significar o desempoderamento nacional, racial, religioso ou étnico de um grupo. Emascular um homem por meio da castração, é despi-lo de seu poder, e pode representar a emasculação de uma comunidade inteira (Sivakumaran, 2007).

Mais particularmente, em um conflito étnico, a castração pode significar a apropriação da masculinidade de uma comunidade inteira. A humilhação de um

homem feita por um outro grupo étnico, pode representar que a etnia do homem violado é menor (Sivakumaran, 2007).

As noções de poder e dominação, podem, portanto, se dar por meio da emasculação, feminização, homossexualização e a prevenção de procriação. O homem heterossexual é considerado um “todo-poderoso”, e a violência sexual contra outros homens e contra mulheres, é uma prática que serve para reforçar isso.

3.6. Homem russo x Homem ucraniano

A Federação Russa tem um extenso histórico de guerras e conquistas. Foram os russos que derrotaram Napoleão, que junto aos aliados, venceram Hitler durante a Segunda Guerra Mundial e deteve o controle da Alemanha oriental. Já foi a grande União Soviética, berço do socialismo, sendo a principal frente do Pacto de Varsóvia[26]. Em um mundo bipolar, durante a Guerra Fria, protagonizou tensões políticas sendo a única grande potência que dividia a cena com os Estados Unidos. Um histórico imperioso que permite aos russos se orgulharem de sua origem nacional.

O homem russo é historicamente representado (dentro e fora da Rússia) como símbolo de força física, brutalidade, resistência ao sofrimento e poderio militar. Seu histórico de tradição militar comprova isso: do Império Russo, passando pela União Soviética e chegando à Rússia contemporânea. Além disso, podemos mencionar um certo culto ao sofrimento e ao sacrifício, quando eles decidem chamar a Segunda Guerra Mundial de “Grande Guerra Patriótica”. Exemplos de modelo de homens russos por centralização autoritária são Stalin e Putin, figuras que encarnam um ideal de virilidade, comando e controle, “homens fortes”.

Já a Ucrânia tem um histórico de ter sido um território muito invadido e fragmentado. Foi em 1991 que se tornou independente da União Soviética. Muitos ucranianos ainda falam russo. Uma população vista como camponesa e periférica. Sua identidade nacional também não é forte, sendo um país dividido internamente dentre suas próprias regiões.

[26] Aliança militar dos países do leste europeu do bloco socialista.

Portanto, embora a masculinidade ucraniana tenha influências do legado soviético, ela foi historicamente marginalizada e subalternizada (tanto pelos russos quanto pelos países ocidentais). Podemos identificar algumas características que corroboram com essa visão sobre essa visão: a Ucrânia ser considerada uma “periferia cultural” ou “quintal da Rússia”; sua fragmentação territorial e linguística; seu nacionalismo centrado na resistência, na identidade camponesa, na cultura popular e na ligação com a terra.

Deste modo, podemos traçar um perfil simbólico do que pode ser um homem russo e um homem ucraniano. Destacamos as seguintes características:

Quadro 4 – Homem russo x Homem ucraniano

Atributo	**Homem russo (ideal hegemônico)**	**Homem ucraniano (como inferiorizado)**
Força e virilidade	Forte, soldado, resistente, viril	Camponês, frágil, emocional
Domínio geopolítico	Imperial, conquistador, central	Submisso, periférico, rural
Identidade nacional	Sólida, unificada, expansionista	Fragmentada, ambígua, colonizada
Cultura simbólica	Rigor, sofrimento, estoicismo	Sensibilidade, identidade local

Fonte: elaborado pelo autor

De um lado, podemos identificar os russos como o ideal hegemônico, e do outro, os ucranianos como inferiorizados. A partir dos estudos aqui apresentados sobre os desdobramentos da masculinidade hegemônica, podemos observar que a masculinidade russa se encontra em como superior em detrimento da ucraniana, ou seja, o “ser homem russo” se encontra em uma posição hegemônica do “ser homem ucraniano”.

Deste modo, os ucranianos são representados como inferiores face aos russos, e isso é posto a prova por meio de invasão, captura, aprisionamento, humilhação, agressão física e psicológica, tortura, e violência sexual.

4. PERFORMANCES DO SILÊNCIO E DA DOMINAÇÃO: uma leitura discursiva dos relatos de guerra

"Eu sou homem com H
E com H sou muito homem
Se você quer duvidar
Olhe bem pelo meu nome."
Ney Matogrosso, "Homem com H", 1981.

Neste capítulo, fazemos uma análise dos discursos dos homens ucranianos vítimas de violência sexual durante a guerra. A metodologia aplicada é a Análise do Discurso de linha francesa, realizada dos trechos de entrevistas dadas por esses homens em discurso direto, retirados de jornais internacionais de língua francesa e inglesa[27].

O capítulo está organizado em quatro eixos principais de análise: o silêncio como apagamento e resistência; a crise do *phallus* e da virilidade; tortura sexual e performatividade de poder; além de fragmentos de resistência e deslocamento do *ethos* masculino. Neste sentido, seguindo a metodologia aplicada, aqui não se trata de ilustrar teorias, mas de produzir sentidos a partir da relação entre discurso, silêncio e masculinidade.

4.1. Análise discursiva

Apresentamos quatro eixos temáticos-discursivos, cada um com uma seção própria. Esses eixos surgem das leituras dos dados, e dialogam com os conceitos de silêncio, *ethos*, masculinidade hegemônica, poder, trauma etc.

Também são analisadas formações discursivas dos sujeitos que revelaram por meio de relatos nas mídias internacionais, como a masculinidade normativa produz

[27] Apresentação dos jornais no Capítulo 2 e os detalhes dos trechos no Apêndice.

efeitos de silenciamento. Neste sentido, as categorias discutidas aqui – como hegemonia, virilidade e invulnerabilidade – serão fundamentais para interpretar essas materialidades discursivas.

Nas abordagens mais clássicas e rigorosas da Análise do Discurso, os dados não servem como “comprovação” da teoria, mas como material que será interpretado à luz do arcabouço teórico e discursivo. O trabalho é de interpretação, não de ilustração da teoria com exemplos.

Colocar os dados empíricos nos capítulos teóricos poderia instrumentalizar a teoria para ilustrar evidências – uma lógica que dialoga mais com as ciências naturais ou com a sociologia positivista. No entanto, isso desrespeita a própria lógica da Análise do Discurso, que entende que o sentido se constrói na análise, e não previamente.

4.1.1. O silêncio como apagamento e como resistência

Esse eixo encontra-se dividido em duas partes: sobre a dificuldade de nomear as experiências; e a hesitação para não dizer e ser forçado a dizer o que não se quer. Aqui analisaremos como o silêncio aparece nos não-ditos, nas pausas, nas hesitações, nos desvios e supressões, principalmente à luz das teorias de Eni Orlandi (2007) e Michel Foucault (2014 e 2019). Também será mostrado como o *ethos* masculino impõe limites ao que pode ser dito.

4.1.1.1. Dificuldade em nomear as experiências: o silenciamento da violência sexual

Uma questão que consideramos importante destacar, é sobre o uso das nomenclaturas e os diferentes termos que as vítimas usaram nos relatos. Foram encontrados o uso de: Tortura física, tortura psicológica, tortura sexual, violência sexual, violação sexual, agressão sexual e estupro.

Conforme relatado no Capítulo 2, entramos em contato com uma das vítimas por meio do Facebook, mas ele se negou a responder ao questionário que enviamos por não concordar com o termo “violência sexual” usado no título da tese, muito embora o que ele relata ter vivenciado configura como um tipo de violência sexual, mas decidimos respeitar a perspectiva da vítima.

Com isso, podemos observar que negar o emprego do termo “violência sexual” e preferir apenas não nomear a experiência como consta em quatro dos 15 relatos que tivemos acesso, ou simplesmente nomear por termos mais genéricos, como “tortura”. Muitos homens podem se negar a reconhecer suas experiências como “violência sexual” por medo do estigma em torno de ser um homem vítima.

Em um dos relatos, identificamos na fala: “Fui submetido a **tortura física e psicológica**, incluindo **tortura sexual** (*Euronews*, 2024, identificado como Oleksiy Sivak)”. Em uma outra entrevista, esse mesmo homem descreve com mais precisão a experiência: “... depois moveram esses fios das minhas orelhas para meus genitais. Eles diziam, ‘vamos esterilizar você agora’ e coisas do tipo, enquanto eletrocutavam meus genitais. Quatro pessoas **me torturaram**, mas eles eram apenas os carrascos (*CNN World*, 2024, identificado como Oleksiy Sivak).

Podemos observar que ele usa o termo “tortura”, mas descreve uma violência sexual: o eletrochoque em seus órgãos genitais. Em outra entrevista, ele continua:

> Estamos em guerra desde 2014 [quando forças russas proxies ocuparam a Crimeia e partes do leste da Ucrânia], e ninguém sequer pensou nas vítimas masculinas de **violência sexual**. Eles geralmente usavam isso (eletrochoques nas genitais) nos piores estágios da **tortura**, por que o que poderia ser pior do que isso? (*The Guardian*, 2024, identificado como Oleksii Sivak)

Nesta entrevista, ele se queixa do fato de não haver atendimento especializado para homens vítimas de violência sexual, mas ao contar sua experiência subjetiva, ele apenas descreve como “tortura”. A violência sexual, nesse caso, é usada como método de tortura, mas ele prefere utilizar o termo mais amplo.

Como podemos identificar em outro relato, quando mencionado sobre a sua própria experiência, ele não sua nenhuma nomenclatura, mas diz que outros rapazes passaram pelo mesmo, “incluindo violência sexual”: “Percebi que não era o único – há muitos outros rapazes que passaram pelo mesmo que eu, incluindo a **violência**

sexual relacionada a conflitos (CRSV), e agora estamos juntos" (*Euronews,* 2024, identificado como Oleksandr Rechetov). Ele se isenta de ter sido uma vítima de violência sexual.

Em um outro relato, a vítima nomeou como "tortura", apesar de descrever uma violência sexual, e ainda diz "tentou me estuprar":

> Nem faziam muitas perguntas, só **me torturavam**. E, ainda nu, me colocaram na mesa. E **tentou me estuprar**. Ele esfregava seus genitais nas minhas nádegas, tentava me acariciar e coisas do tipo. E começou a me chutar nas nádegas, nos meus genitais, dizendo, 'Eu não consigo foder essa bunda preta.' Meu corpo inteiro ficou coberto de hematomas pretos. Depois o agressor pegou uma caneta esferográfica, enfiou no meu ânus, e usou o pé para empurrá-la para dentro. (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Oleg)

A violência sexual é narrada pela vítima, a princípio, como "tentativa de estupro", que aqui é interpretada com tentativa de penetração com o próprio órgão sexual do agressor, mas ele foi penetrado com uma caneta. Portanto, ele não teria sido "só" torturado, mas também estuprado, apesar de ter sido com um objeto. O "ser torturado" se apresenta no lugar do "ser estuprado". Mas ainda assim, o termo "violência sexual" não aparece na sua narrativa.

Como podemos ver neste próximo relato, a vítima considera o eletrochoque nos órgãos como "tortura", e diz que foi ameaçado de estupro: "Um está conectado aos seus testículos, o outro ao seu dedo, e eles simplesmente continuam aumentando a corrente. Eles riam enquanto **me torturavam**. Me ameaçaram com **estupro**" (*CNN World*, 2024, identificado como Roman Chernenko).

Neste último caso, a vítima teve seus testículos agredidos, mas a ameaça do estupro – que seria uma penetração anal – se apresenta como uma agressão maior, algo ainda mais temido pelos homens, uma violação que acarretaria mais sofrimento pelo seu corpo e teria mais impactos psicológicos ainda mais profundos para fazer a vítima falar, ser humilhada ou sofrer ainda mais.

No próximo relato, podemos ver o emprego de três nomenclaturas diferentes (violação sexual, agressão sexual e estupro):

> Eles usaram algum tipo de pinça ou algo assim. Eles apertaram meus genitais nelas, ameaçando cortá-los. E ameaçaram me **violar sexualmente** com uma caneta de uma maneira não natural. Eles constantemente ameaçavam

> **agressões sexuais**. Que iam me **estuprar**, ou me forçar a fazer sexo oral, ou me estuprar com uma caneta, ou com um cassetete. (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Volodymyr)

Neste caso, a vítima se mostra confusa em relação aos termos. Ele sofreu ameaças de estupro e de mutilação genital, mas a violência que ele narra ter de fato vivenciado foi ter tido seus órgãos apertados com uma pinça, o que constitui uma agressão sexual. Mas ele só consegue nomear os atos ameaçados, e não o sofrido.

Em alguns relatos, homens descreveram que testemunharam o estupro de colegas de cela: “Eu tinha companheiros de cela. Os soldados russos os levavam para o corredor, colocavam um preservativo no cassetete e os **estupravam**. Fomos forçados a assistir. Eles **torturavam** todo o centro” (*France 24*, 2023, identificado como Ivan). E ainda: “Não sei quem era esse homem e o que aconteceu com ele... ele foi levado para o corredor, onde foi **estuprado** com um bastão para que todos pudessem ouvir e ver” (*CNN World*, 2024, identificado como Andrii).

Quando a violência é testemunhada, ela aparece mais claramente “[ele] foi estuprado”. Mas, “eles (os russos) torturavam o centro”, uma fala que se aproxima mais da experiência subjetiva de quem está relatando. O silêncio se apresenta no distanciamento da testemunha das agressões.

Em apenas um relato, a vítima nomeou sua experiência como de fato um estupro: “Eram oito. Um por um, eles me **estupraram**[28]. Eles filmaram tudo com seus celulares” (*France 24*, 2023, identificado como Ilia). Ele foi vítima de estupro coletivo e ainda teve o ato registrado em vídeo.

E em um relato, a vítima fez uma diferenciação sobre sofrer uma tortura e uma violência sexual:

> Com a **tortura**, quando a dor acaba, está terminado. A **violência sexual** é sofrida não apenas pelo corpo, mas também pela mente. Ela sufoca o cérebro. Um eletrodo foi inserido no meu ânus. Eles começaram a me eletrocutar. Depois, o mesmo eletrodo foi colocado nos meus órgãos genitais e a corrente começou a passar da mesma maneira. (*Radio Canada*, 2024, identificado como Oleksii Holiko)

[28] A entrevista original foi dada em ucraniano e com legenda em francês. O verbo *“violer”* em francês pode significar “violar”, “violentar” ou “estuprar” em português.

Ele descreve a tortura como um ato que se detém na dor física, e a violência sexual com efeitos também psicológicos. Ele também foi submetido a eletrochoques em seus órgãos sexuais, e nomeia sua vivência como violência sexual, diferentemente dos relatos anteriores, que descreveram os eletrochoques apenas como tortura.

Deste modo, podemos observar uma tendência entre os relatos das vítimas terem dificuldade em nomear as experiências como estupro ou violência sexual, preferindo sobretudo um termo mais amplo: tortura. Vemos a hesitação em nomear a experiência vivida de fato como uma violência sexual, por mais que o termo (acompanhado de estupro e agressão sexual) se apresente nas ameaças. Dos 15 relatos, apenas em dois, as vítimas nomearam de fato o que vivenciaram como “violência sexual” ou “estupro”.

O silêncio aparece na hesitação em descrever uma violência sexual, e não conseguir nomeá-lo. Uma estratégia discursiva para preservar o *ethos* masculino do estigma de ser reconhecido como uma vítima, um homem que foi penetrado, dominado, que descumpriu com sua identidade social de agressor ou protetor.

Ele dá conta de ser torturado porque é homem, os homens dão conta disso, segundo as normas da masculinidade, isso reforça o *ethos* a seu respeito. Por outro lado, dizer que foi estuprado é dizer que ele se tornou menos homem, inviabiliza as chances de sua masculinidade hegemônica persistir.

4.1.1.2. Hesitar dizer e forçar a dizer o que não se quer: silenciando vozes

Em alguns relatos, também pudemos identificar seja a hesitação em falar do assunto e de assumir seu papel de vítima pelos homens, ou serem obrigado pelo agressor a dizer o que eles não diriam. Observemos o relato:

> É um país com esses valores, onde, para mostrar sua força, você tem que provar que pode forçar uma pessoa indefesa do mesmo gênero a realizar atos sexuais. É apenas um gulag completo. A história de como eles construíram seu país, é apenas uma prisão completa, com a mentalidade correspondente. É a Rússia. O que mais se pode dizer? (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Volodymyr)

Esse relato confirma a identidade masculina hegemônica russa, e como o **ethos** masculino é posto e praticado para exercer força e dominação sobre os homens ucranianos. No final, ele ainda questiona: “É a Rússia. O que mais se pode dizer?” Mas o que mais ele poderia dizer sobre os homens russos? Podemos identificar uma hesitação em dizer que eles seriam capazes, para demonstrarem sua força sobre o inimigo ucraniano, de fazerem da violência sexual uma arma de guerra.

Com a dominação e o uso da força contra o inimigo ucraniano por parte dos russos, eles podem exercer controle sobre o que deve ser dito. Observemos o relato:

> Cada vez que a porta da cela se abria, tínhamos que nos levantar e gritar: ‘Glória à Rússia, glória a Putin, glória ao Soyuz.’ Mas você continua pensando na sua família, na sua esposa, nos seus filhos. Você precisa resistir, você precisa sobreviver. Na verdade, isso me ajudou a não perder a coragem. (*France 24*, 2023, identificado como Serhii)

A submissão faz com que a vítima seja silenciada dizendo algo que ela não diria, como no relato, glorificar a Rússia e a Putin. Além disso, a vítima termina fazendo uso da segunda pessoa “você”, se distanciando da narrativa subjetiva que o envolve, em “você precisa resistir, você precisa sobreviver.” Ele renuncia ao emprego do “eu”, o que deixa mais margem para identificarmos o peso da sua identidade social de seu *ethos* masculino, em que o homem precisa resistir, sobreviver, e não perder a coragem, não por ele, mas para cumprir seu papel de protetor da sua família.

Em outro relato, observamos mais hesitações na narrativa:

> Quero dizer a todos, dizer à comunidade internacional, que não foi como se eles viessem, nos ocupassem, ficassem lá com metralhadoras e fossem embora. Não, não foi assim. E o mais terrível não é o que estou contando agora. O mais terrível é que isso está acontecendo agora nos territórios ocupados. (*CNN World*, 2024, identificado como Roman Shapovalenko)

Nesse relato, a vítima quer dizer algo à comunidade internacional, mas deixa muitas marcas de hesitação e não completa suas frases. “Não, não foi assim.” Mas ele não diz como foi. “E o mais terrível não é o que estou contando agora.” E o que é que foi o mais temível? Ele também não diz. “O mais terrível é que isso está acontecendo agora nos territórios ocupados.” Isso o quê? Ele não diz. Suas marcas

de hesitação revelam o silenciamento, a impossibilidade de falar abertamente da realidade dos cativeiros e dos casos de violência sexual como método de tortura.

Um dos homens, Oleksii Sivak é responsável pela criação de uma rede de apoio e acolhimento aos homens que vivenciaram violência sexual nas prisões russas, e ele diz: “Provavelmente, quase todo homem libertado do cativeiro faz parte da nossa rede. Eles só não sabem disso ainda” (*The Guardian*, 2024, identificado como Oleksii Sivak). Essa fala traz uma marca importante, da dificuldade e hesitação dos homens em reconhecerem que precisam de ajuda e que de fato vivenciaram uma experiência sexual traumática. Para procurar ajuda, primeiro é preciso se reconhecer como uma vítima que precisa de ajuda, e esse é o impasse.

4.1.2. Da crise do *phallus* e da virilidade à ruptura do *ethos* masculino: a emasculação

Neste eixo, trazemos análises de trechos em que os homens expressam vergonha, sensação de perda de identidade ou de masculinidade. Analisaremos principalmente à luz de Bourdieu (1998) e Connell (2013).

Seguimos como uma análise dos pontos que encontrados nos relatos que identificamos uma crise do *phallus* e da virilidade, causando uma ruptura no *ethos* masculino, pois em alguns momentos, percebemos que ele não se sustenta face a violência sexual, que ameaça sua identidade social e psicológica e sua identidade discursiva do “ser homem”.

No relato a seguir, apresentamos algumas tendências nas narrativas contadas, como a forma como os agressores intimidavam as vítimas: “Eles tiraram meus shorts e começaram a cutucar minhas nádegas com, eu não sei, um cassetete de borracha ou algo assim (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Viktor Soldatov). Tocar as nádegas coloca a vítima no lugar de passivo, do feminino, pois insinua a penetração anal, ainda mais quando são usados objetos de formas fálicas como cassetetes e canetas. A ameaça da penetração põe o seu *ethos* masculino em jogo. A chamada “ameaça de estupro”, já é um ato de violência sexual.

Em outro relato, identificamos um tipo de “brincadeira” que os soldados russos realizaram com um civil ucraniano. Ele relata:

> Peço água — eles me dão vodca. Esse recipiente de cinco litros, ele só pega o recipiente, coloca debaixo do meu chapéu, e empurra onde está minha boca, derramando esse líquido. Achei que fosse água, mas era vodca. Nem mesmo vodca, mas álcool diluído. Estou lá, sem roupas, e então eles pegam um cassetete e começam a tentar enfiá-lo no meu ânus. Disse: 'Estou gritando, claro. Está tudo saindo do meu nariz, saliva, lágrimas.' (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Chudinovich)

Como discutimos no Capítulo 3, a masculinidade é posta a prova o tempo todo. Nessa "brincadeira", o civil pede água, e é oferecido vodca (ao álcool puro) e ele é forçado a beber. Na lógica da virilidade masculina, um homem deveria ser capaz de beber álcool sem questionamentos, deveria ser forte o suficiente para suportar. Além disso, o civil estava em um contexto de nudez forçada e sendo ameaçado de ser penetrado por meio de um objeto fálico, o cassetete.

No relato a seguir, podemos fazer algumas observações que claramente refletem uma relação de poder pautada na masculinidade hegemônica:

> Depois, chamaram um dos seus terroristas, que eles chamavam simplesmente de 'O Pervertido'. Ele entrou na sala, um cara realmente excêntrico e rude. Imediatamente me chamou de sua prostituta, e coisas assim. Sua garota. E tentou me estuprar. Ele esfregava seus genitais nas minhas nádegas, tentava me acariciar e coisas do tipo. Por cerca de 15 minutos, ele tentou. E então ficou com raiva por não conseguir. E começou a me chutar nas nádegas, nos meus genitais, dizendo, 'Eu não consigo foder essa bunda preta.' Meu corpo inteiro ficou coberto de hematomas pretos. [Meu] agressor pegou uma caneta esferográfica, enfiou no meu ânus, e usou o pé para empurrá-la para dentro. (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Oleg)

"O pervertido" é o cara totalmente excêntrico que a vítima descreve em seu relato, que o chamava de "prostituta" e "minha garota". De um lado, observamos o agressor, com características ativas e masculinas, viril, chamado de pervertido, um homem disposto a ter relações sexuais a qualquer momento e com qualquer um. Do outro lado, a vítima. Colocada como passiva, sendo tratada como mulher: prostituta, garota. O *ethos* masculino da vítima se rompe, ele não é mais identificado como um homem nesse local. O agressor russo faz uso de sua masculinidade hegemônica em relação ao ucraniano para humilhá-lo e emasculá-lo, privando-o de seu lugar como

sujeito homem, rompendo seu *ethos* masculino. Ele nomeia como “tentativa de estupro”, mas a narrativa é de um estupro, mesmo que não haja penetração.

Neste mesmo relato, em seguida, ele fala sobre a penetração: o agressor não conseguiu penetrá-lo com o próprio pênis, e teve que recorrer ao uso de um objeto fálico: a caneta. Mas antes disso, o agressor russo o espanca, justamente por não conseguir a performance que esperavam. Sua frustração se eleva em sua raiva, o pervertido não conseguiu penetrar. Ele não cumpriu com uma certa expectativa, mas nem por isso, deixou de agredir ou de estuprar. A violência sexual se mostra não sobre prazer sexual, mas sobre poder e dominação. Humilhar e emascular a vítima é o objetivo.

No relato seguinte, observamos a ameaça da castração, cortar o pênis de outro homem pode ser a maior forma de emasculá-lo, e retirar dele o que o torna homem, o símbolo principal da masculinidade:

> Eles usaram algum tipo de pinça ou algo assim. Eles apertaram meus genitais nelas, ameaçando cortá-los. E ameaçaram me violar sexualmente com uma caneta de uma maneira não natural. Eles constantemente ameaçavam agressões sexuais. Que iam me estuprar, ou me forçar a fazer sexo oral, ou me estuprar com uma caneta, ou com um cassetete. (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Volodymyr)

A vítima relatou sobre a “ameaça da castração”, e “a ameaça de estupro”, do uso de objetos fálicos (caneta e cassetete) para penetrá-lo. Uma emasculação simbólica: fazer do homem de passivo sexual, penetrado. Todas essas chamadas “ameaças” também constituem violência sexual, apesar de não ser nomeado pela vítima.

Outro relato mostra como o uso de objetos fálicos para agredir as costas, nádegas e pernas já demonstra uma ameaça ao *ethos* masculino:

> Por cerca de 20 minutos, eles me bateram com tasers e cassetetes nas costas, nas nádegas e nas pernas. Eu caí, e eles gritaram: ‘Levante-se!’, me insultando e dizendo: ‘Então, você está esperando o exército ucraniano? Tome isso!’ (*France 24*, 2023, identificado como Serhii)

A vítima fica a espera do exército ucraniano, e isso é usado para encorajá-lo a ficar de pé, enquanto é agredido pelos russos, uma forma de zombaria ao poder militar

ucraniano, colocando mais uma vez o exército (ou os homens) russo em uma posição hegemônica de poder e dominância.

Em outro relato, é possível observar um ato muito simbólico: fazer a vítima mastigar o preservativo que foi usado em um objeto fálico para estuprá-lo:

> Eu tinha companheiros de cela. Os soldados russos os levavam para o corredor, colocavam um preservativo no cassetete e os estupravam. Fomos forçados a assistir. Depois, eles lhe deram o preservativo com o qual ele havia sido estuprado, e quando entraram em nossa cela, ele teve que tirá-lo do bolso e mastigá-lo de pé, na frente deles. (*France 24*, 2023, identificado como Ivan)

Nesse caso, além de estuprar a vítima, quiseram continuar a humilhação, forçando a vítima a mastigar o preservativo usado. Esse é mais um ato que comprova que a violência sexual é sobre dominação. Mastigar o preservativo é um ato simbólico, de se impor hegemonicamente face ao outro.

Em outro relato, além de ter sofrido violência com eletrochoque, a vítima foi ameaçada de esterilização:

> Primeiro, colocaram os grampos nas minhas orelhas e, enquanto me eletrocutavam, também me batiam com um bastão, me chutavam e me davam socos ... depois moveram esses fios das minhas orelhas para meus genitais. Eles diziam, 'vamos esterilizar você agora' e coisas do tipo, enquanto eletrocutavam meus genitais. Eles queriam me humilhar. É óbvio. O que você faz para causar mais dor a um homem? Você machuca a esposa dele ou seus genitais. É todo um sistema. (*CNN World*, 2024, identificado como Oleksiy Sivak)

A esterilização tomaria do homem sua capacidade de se reproduzir, de engravidar uma mulher e de compor uma família em um formato heteronormativo por meios naturais. E a vítima ainda questiona: "O que fazer para causar mais dor a um homem?" e ele mesmo responde: "você machuca a esposa dele ou seus genitais". Ou seja, o que tem de mais precioso por um homem: ferir sua masculinidade agredindo seu pênis ou causando mal a quem ele deveria proteger: sua família, principalmente membros femininos como esposas, mães e filhas. Vai da castração à emasculação.

O mesmo homem ainda relatou em outra entrevista:

> Antes disso, meu objetivo na vida era apenas formar uma família. Nunca me importei com política. Eles geralmente usavam isso (eletrochoques nas genitais) nos piores estágios da tortura, por que o que poderia ser pior do que isso? (*The Guardian*, 2024, identificado como Oleksii Sivak)

O eletrochoque quando usado nas partes genitais de um homem, principalmente em contexto de tortura, pode levar a esterilização e infertilidade, à impotência sexual e a necrose do órgão sexual. A vítima relata que não tem mais o objetivo de formar uma família após a violência. Não sabemos se ele teve sequelas físicas que o tornasse infértil ou sexualmente impotente, mas o trauma e as possíveis sequelas já foram o suficiente para que ele abandonasse seu desejo de formar uma família, de atuar como homem protetor. Podemos observar rupturas no seu *ethos* masculino, a emasculação, parte de sua identidade social e psicológica e sua identidade discursiva foi abandonada após a violência.

Outro homem relata que foi ameaçado com tortura psicológica no que se referia sua mãe: “Eles riam enquanto me torturavam... me disseram que minha mãe estava sendo estuprada por chechenos.” (*CNN World*, 2024, identificado como Roman Chernenko) Mais uma vez, o homem se sente impossibilitado de atuar de acordo com seu *ethos* masculino de homem viril e protetor.

Em um outro relato, a vítima descreve um certo “fetichismo” dos russos por genitálias: “Parecia que eles tinham um fetiche por genitália. Às vezes, a porta se abria e eles diziam: 'Vamos tirar nossos cassetetes e vamos estuprar todo mundo aqui.'” (*CNN World*, 2024, identificado como Roman Shapovalenko)

O fetichismo por genitálias não algo exclusivo dos russos, mas atua como uma forte marca da masculinidade e do falocentrismo, principalmente em contexto majoritariamente masculinos como as forças armadas. Também no Capítulo 3, quando apresentamos os estudos de Pinar Selek (2023) sobre os quartéis militares turcos e de como atua a masculinidade hegemônica nesse contexto, até mesmo em forma de “brincadeiras” como amarrar barbantes nos pênis dos novatos enquanto eles dormiam, são dados que mostram como a masculinidade precisa se apegar ao símbolo do pênis para se hegemonizar.

4.1.3. Violência sexual e performatividade do poder: o gozo do agressor

Neste eixo, realizamos a análise dos discursos que mostram como a violência sexual é usada para humilhar, dominar, performar poder nacional e masculino russo sobre o corpo do outro, articulando a discussão sobre a figura do “homem russo” vs “homem ucraniano”. Aqui, utilizaremos principalmente as teorias trazidas por Daniel Welzer-Lang (1988).

Tradando-se de violência sexual, e reafirmando que se trata de uma dinâmica que envolve poder e dominação do agressor sobre a vítima, o prazer do perpetrador está centrada no sofrimento, na humilhação e na submissão da vítima. A partir dos relatos coletados, podemos observar que o gozo do agressor vem do processo da violência, não tratando-se, portanto, de prazeres sexuais.

No relato a seguir, podemos observar essa dinâmica de dominação:

> Eu estava em um estado tão sombrio que não conseguia entender mais nada. Você sabe o que vamos fazer com você? [eles disseram]. Todos nós juntos, e cada um individualmente? Eles não estavam interessados nas minhas respostas às perguntas. O que quer que o eu respondesse, não tinha nenhuma influência no resultado. O que importava para eles era o próprio processo. (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Viktor Soldatov)

A tortura é feita, a princípio, para se obter alguma informação do prisioneiro. Neste último relato, a vítima explica que pouco importava se ele respondia às perguntas, responder não fazia o processo de violência para, para os russos, era o processo que importava, encontravam prazer no ato na violência.

Em outro relato, a vítima conta: “Eles continuam girando até que a pessoa diga o que precisam. Eles riam enquanto me torturavam...” (*CNN World*, 2024, identificado como Roman Chernenko).

Os russos riam durante o processo de violência, o que confirma que o gozo do agressor está na dominação de sua vítima. Em um outro relato, um ucraniano testemunha: “Não sei quem era esse homem e o que aconteceu com ele... ele foi levado para o corredor, onde foi estuprado com um bastão para que todos pudessem

ouvir e ver. Eles se divertiam. Estavam se divertindo.” (*CNN World*, 2024, identificado como Andrii)

Podemos observar que para os russos, o uso da violência sexual como método de tortura, constitui uma forma de diversão. Como mencionamos anteriormente, o “fetichismo” pelas genitálias, as “brincadeiras” de homem, normalizam a violência sexual como um espetáculo cômico. Desde pequenos, meninos são condicionados ou a revidarem com mais violência, ou guardarem o silêncio, e muitas vezes passam a ansiar pelo desejo de estar no lugar de agressor, assumindo uma posição hegemônica face a outros meninos/homens. Essa é uma prática que constitui as identidades sociais e psicológicas do *ethos* masculino.

Em outro relato, a vítima ainda conta: “Eles chamavam de ‘detector de mentiras’ e obviamente se divertiam girando o dínamo, me perguntando ‘você quer ligar para Zelensky?’.” (*CNN World*, 2024, identificado como Oleksiy Sivak) O “detector de mentiras” é, na verdade, o eletrochoque. Enquanto os agressores se divertiam, eles perguntavam se a vítima gostaria de ligar para o Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, uma forma de continuar a zombaria sobre o poderio miliar ucraniano incapaz de proteger seus civis, pondo em questão o *ethos* masculino ucraniano.

Em um relato, a vítima conta que os russos negam que estejam cometendo atos de violência: “Eles estão mentindo para todos, que nada acontece com as pessoas que acabam nas prisões deles. Quando dizem que suas ‘medidas de filtragem’ não envolvem violência? Elas envolvem (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Chudinovich). Para os russos, suas medidas de filtragem não envolvem violência, pois reconhecer que “brincadeiras” de homens envolvendo agressões sexuais, não seriam necessariamente violência sexual. Como a violência sexual entre pessoas do mesmo sexo é invisibilizada, isso reflete no silenciamento dos casos, no não reconhecimento da violência, da normalização da violência, e das impunidades.

As consequências aparecem em marcas profundas no estado mental das vítimas. Em outro relato, podemos ver como os impactos psicológicos as atravessam: “Me quebraram psicologicamente, e eu ainda não consigo ser a mesma pessoa que era. Eu continuo tendo pesadelos onde estou sendo perseguido por pessoas de uniforme e máscaras.” (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Oleg) Com seu *ethos* masculino rompido, a vítima não se reconhece mais, e uma das saídas para este conflito interno, seria ressignificar a experiência.

4.1.4. Fragmentos de resistência e deslocamento de *ethos* masculino: a ressignificação

Neste eixo, analisamos enunciados que sugerem ressignificação, tentativas de reapropriação da narrativa, ou resistências discursivas. Aqui, mostramos fissuras no silêncio e na hegemonia da masculinidade normativa.

De fato, existe uma grave dinâmica do silenciamento dos homens que foram vítimas de violência sexual. Em um dos relatos, a vítima confirma: “A maioria dos homens que viveu essa experiência tem medo e se cala. Eles não falam com ninguém, porque temem que seu julgamento faça as pessoas se afastarem deles. E eles têm razão em ter medo, pois é isso que acontece.” (*Radio Canada*, 2014, identificado como Oleksii Holiko)

O estigma e o tabu são causados principalmente pela ruptura da identidade social que constitui seu *ethos* masculino. Homens vítimas de violência sexual são socialmente emasculados. Viver com o silêncio se torna uma saída para não enfrentar os julgamentos da sociedade. Como relatado pela vítima, as pessoas se afastam, e os homens têm medo do julgamento e do isolamento. Seu papel de gênero socialmente construído como masculino, viril e protetor, é posto em questão, e isso afeta seu convívio social, seus sonhos e suas perspectivas para o futuro.

No entanto, ainda assim, as vítimas que relataram suas experiências na mídia, decidem, de alguma forma, quebrar o silêncio. Como relata: “E eu sou uma testemunha... Esta é uma informação dos meus próprios lábios. Eu sou uma fonte. Que as pessoas saibam. Eu quero que elas saibam (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Chudinovich). A vítima se considera uma fonte, uma testemunha dos crimes, e ele diz que quer que as pessoas saibam.

Outra vítima usa a sua voz para incentivar outros prisioneiros violentados também tenham a coragem de falar, e diz: “E outro motivo pelo qual estou explicando em tanto detalhe o que aconteceu comigo: quero que outros que também passaram por algo assim... falem também. Porque isso fortalece nossas vozes (Organized Crime and Corruption Reporting Project, 2024, identificado como Oleg).

Ele convida outros homens a romperem o silêncio, a denunciarem, e se unirem para que suas vozes sejam fortalecidas, mesmo fazendo uso de aposiopese[29] quando marca uma hesitação no seu discurso em “quero que outros que também passaram por algo assim... falem também”.

O reconhecimento dos atos de violência sexual contra homens é um fator importante pela busca de justiça e punição, como no caso de Ilia: “Tenho certeza de que o Tribunal Penal Internacional não ficará em silêncio.” (*France 24*, 2023, identificado como Ilia)

O apelo da vítima é para o Tribunal Penal Internacional. Um homem decidir romper o silêncio, e espera o mesmo das autoridades e da jurisprudência internacional. Esses homens buscam visibilidade, reivindicam seus direitos e lutam por acolhimento.

Em um dos relatos, a vítima se queixa da falta de profissionais especializados para acolherem homens vítimas de violência sexual, como a ausência de médicos urologistas: “Eu perguntei a eles: ‘Eu deveria procurar um ginecologista?’ Fiquei chocado. Estamos em guerra desde 2014 [quando forças russas proxies ocuparam a Crimeia e partes do leste da Ucrânia], e ninguém sequer pensou nas vítimas masculinas de violência sexual (*The Guardian*, 2024, identificado como Oleksii Sivak).

No mesmo relato, Oleksii Sivak conta sobre o motivo de criar uma organização de acolhimento a homens que foram detidos nos cativeiros russos:

> Um dos objetivos desta organização é abrir um caminho onde antes não existia, para que possamos ser guias para outros. Se eu ficar em silêncio, é como se isso nunca tivesse acontecido, e isso significa que não está acontecendo agora. A realidade é que muitos homens ainda estão em porões. Se eu não usar minha voz, como aqueles que não são livres serão ouvidos? A associação de ex-alunos (alumni) e torturados da Ucrânia. Dizemos que somos formados sem diplomas, nossa experiência está gravada em nossos corpos e nossas almas. (*The Guardian*, 2024, identificado como Oleksii Sivak)

[29] Segundo o dicionário do Google, aposiopese é a “interrupção intencional de um enunciado com um silêncio brusco, seguido ou não de um anacoluto, querendo significar que se resolveu calar o que se ia dizer [A aposiopese ger. é representada graficamente pelas reticências.]. Origem ETIM(1664)
grego aposiṓpēsis 'interrupção da fala, silêncio'.”

Em busca de justiça e acolhimento, Oleksii Sivak criou a Associação Alumni. Foi uma forma que ele encontrou de unir as vozes dos homens e de prestar algum tipo de ajuda a outros que vivenciaram a mesma experiência – ou experiências semelhantes – que ele.

No entanto, mesmo que seu intuito seja romper o silenciamento, podemos encontrar marcas dos significantes do silêncio em sua narrativa. O próprio nome da associação “Alumni”, que em inglês significa “ex-estudante”, aparece para significar “homens vítimas de violência sexual” e torturados. Ele diz que são formados sem diploma, pois a experiência está gravada nos corpos e almas. Ou seja, que carregam uma experiência traumática com sequelas físicas e mentais.

Oleksii Sivak continua em outro relato:

> Ajudamos as pessoas a encontrar um novo caminho em suas vidas – não apagando o que lhes aconteceu, mas aceitando e levando essa experiência em consideração. Estamos fazendo tudo isso por nós mesmos, por nossos irmãos e, especialmente, por aqueles que estão sendo mantidos em cativeiro e torturados neste exato momento. Não posso mudar o passado, mas cada um de nós se esforça para fazer o melhor possível para tornar o presente suportável e o futuro feliz para todos que foram e continuam sendo torturados. (*Euronews,* 2024, identificado como Oleksiy Sivak)

O não apagamento, mas a aceitação da experiência, demonstram a vontade de ressignificar o que foi vivido. A associação Alumni foi formada por um sobrevivente para acolher vítimas que vivenciaram o trauma da violência sexual nos cativeiros russos, e criando um espaço de identificação, chamam-se de “irmãos”. Nesse sentido, cria-se um lugar seguro para que mais homens se juntem. Ele admite que não pode mudar o passado, mas que quer tornar o presente suportável e o futuro feliz para as vítimas. Essa é uma importante narrativa que mais uma vez representa o desejo de ressignificação dos traumas.

A seguir, temos o relato de um homem que foi acolhido pela associação Alumni. Na matéria jornalística, foi explicado que ele desenvolveu alcoolismo após ser liberto dos cativeiros russos:

> A guerra me fez valorizar o que tenho. Fui tratado não como uma vítima, mas como um melhor amigo. Senti que estava entre os meus. Embora todos fossem diferentes, havia algo que nos unia: expressávamos uns aos outros nossos sentimentos e experiências. Percebi que não era o único – há muitos outros rapazes que passaram pelo mesmo que eu, incluindo a violência sexual relacionada a conflitos (CRSV), e agora estamos juntos. Para prevenir

> tais crimes, deve haver punição adequada. Em inglês, **"Alumni"** significa um graduado ou ex-aluno sem diploma, mas, ao mesmo tempo, às vezes também se refere a ex-prisioneiros. Certa vez, ao me encontrar com um grupo de ex-colegas de cela na rua, começamos uma conversa e alguém chamou nosso encontro de **"reunião de ex-alunos"**... Quando fomos libertados, não paramos de nos comunicar. (*Euronews*, 2024, identificado como Oleksandr Rechetov)

Observamos aqui um importante relato, quando ele afirma “fui tratado não como uma vítima, mas como melhor amigo. Senti que estava entre os meus”. No acolhimento da Alumni, os homens não se sentem vitimizados, ou seja, não são colocados em um lugar não masculino, são diferentes, mas unidos pela experiência traumática. Ao decidir romper o silêncio, ele percebe que não é o único, que não está sozinho, que outros homens também vivenciaram a violência sexual e que agora podem se unir, não só em busca de acolhimento, mas em busca de justiça.

Neste último relato, também observamos que eles mesmos se autoidentificaram como “ex-alunos”, e com a identificação, criaram uma rede em que pudessem conversar, se comunicar, romper o silêncio, em um espaço sem julgamentos ou vitimizações, onde pudesse sentir que seu *ethos* masculino não estava ameaçado. Um espaço livre de estigmas ou tabus.

Averiguamos a página da associação Alumni no Facebook, e encontramos alguns dados que reforçam as narrativas dadas nas entrevistas. Observamos a foto de perfil da página, o que parece ser a identidade visual da associação:

Figura 5: identidade visual da associação Alumni



Fonte: Página oficial da Alumni no Facebook, acesso em 6 de março de 2025[30]

Na figura, observamos duas mãos dadas, porém uma está com algemas de prisioneiro, e outra com uma pulseira azul e amarela, cores da bandeira da Ucrânia, símbolo nacionalista. A imagem contém um texto em ucraniano, que traduzido para o português, significa: "Rede de homens da Ucrânia que sobreviveram ao cativeiro e à tortura". Ainda não existe qualquer menção ao termo “violência sexual” ou similar, preferindo o uso do termo mais abrangente “tortura”.

Ainda na página da associação no Facebook, observamos a descrição que aparece no perfil:

Figura 6: descrição do perfil da Alumni no Facebook



Fonte: Página oficial da Alumni no Facebook, acesso em 6 de março de 2025[31]

O texto em ucraniano traduzido para o português, significa: “**Rede de homens da Ucrânia que sobreviveram ao cativeiro e à tortura...”** “União de homens da Ucrânia que sobreviveram ao cativeiro e à tortura para se ajudarem mutuamente. E para serem a voz daqueles que ainda estão em cativeiro.”

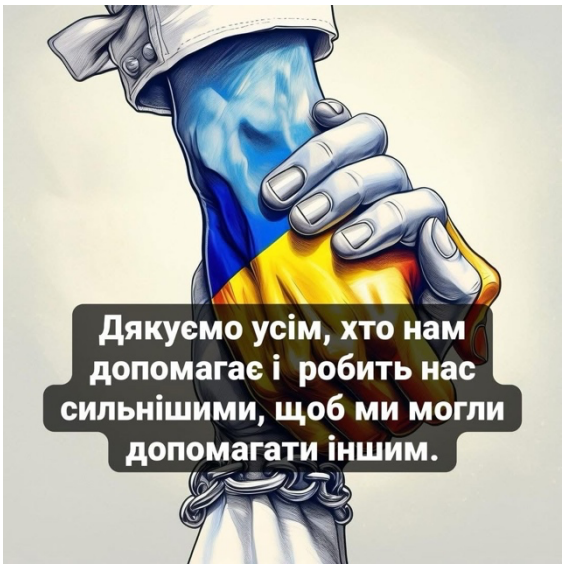
A descrição do perfil traz os objetivos da associação: unir os homens para se ajudarem mutuamente, e para que eles sejam a voz dos que ainda estão detentos. A Alumni demonstra mais uma vez a vontade dos homens de se comunicarem, de poderem se abrir, romper o silêncio entre eles mesmos, e ainda conseguirem dar visibilidade ao tema para ajudar os que se encontram atualmente em cativeiro. Mesmo que as marcas do silêncio estejam presentes no nome da associação e na sua

[30] Fonte: https://www.facebook.com/share/1CcDSPWbT6/?mibextid=wwXIfr
[31] Fonte: https://www.facebook.com/share/1CcDSPWbT6/?mibextid=wwXIfr

descrição, ela consegue encontrar um meio termo para preservar o *ethos* masculino dos homens (para não os afastar e criar um espaço seguro de acolhimento) e tentarem trazer a luz as violências que acontecem nas prisões russas.

Ao percorrer o perfil da Alumni no Facebook, gostaríamos de destacar ao menos uma publicação da página:

Figura 7: Imagem publicada na página da Alumni no Facebook



Fonte: Página oficial da Alumni no Facebook, acesso em 6 de março de 2025[32]

O texto em ucraniano traduzido para o português, significa: "Agradecemos a todos que nos ajudam e nos tornam mais fortes, para que possamos ajudar os outros." Nesta figura de agradecimento ao apoio dos que ajudam a associação, eles colocam mais uma vez duas mãos dadas. A mão nacionalista com as cores da bandeira da Ucrânia, puxa para cima a mão com as corres, ou seja, demonstram a ajuda aos homens que ainda estão prisioneiros nos cativeiros russos.

4.2. Considerações parciais

[32] Fonte: https://www.facebook.com/share/p/1C7LZ7Shs6/?mibextid=wwXIfr

Neste capítulo, perpassamos por quatro eixos centrais das análises dos discursos encontrados nos relatos dos homens vítimas de violência sexual na guerra russo-ucraniana. Identificamos dinâmicas de silenciamento que apareceram em formato de apagamento e resistência dos relatos.

Também identificamos que diante da violência sexual, os homens passam por uma crise de identidade masculina causada pela ruptura do *ethos* masculino, e sentem vergonha por causa do estigma gerado em função do descumprimento de seu papel social masculino, o que acaba culminando em mais silêncio.

Além disso, discutimos sobre violência sexual, performance de poder e gozo do agressor centralizado não em quesitos sexuais, mas na dominação. E ainda, debatemos as posições masculinas hegemônicas do que é ser um “homem russo” e um “homem ucraniano”.

E, por fim, analisamos como os fragmentos de resistência e o deslocamento do *ethos* masculino enunciam a ressignificação e a tentativa de reapropriação da narrativa em relação ao trauma. Neste eixo, também identificamos os buracos no silêncio e na hegemonia da masculinidade normativa.

A partir das análises, retomamos conceitos teóricos que desdobramos nos capítulos anteriores. Trouxemos os impactos da violência sexual masculina em contexto de guerra, elaboramos reflexões sobre o *phallus* e a dominação masculina, discutimos a masculinidade hegemônica, e a relação de dominação. Também identificamos nos discursos o silêncio com base nas relações de poder, e elaboramos o *ethos* masculino e como ele atua nas dinâmicas de silenciamento.

Este capítulo final apresenta dados como fonte de material empírico com fortes relatos sobre as experiências traumáticas de homens que vivenciaram a violência sexual em contexto de guerra que nos serviram para realizar a análise. As narrativas contadas em detalhes nos serviram para realizar desdobramentos essenciais à luz de um arcabouço teórico-metodológico.

CONCLUSÃO

“Mamãe, aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou.”
Ney Matogrosso, “Homem com H”, 1981.

Esta pesquisa de tese propõe uma discussão em torno do porquê os casos de violência sexual contra homens no conflito russo-ucraniano, iniciado em 2022, permanecem amplamente silenciados, e como o uso do corpo masculino como arma de guerra desafia as narrativas tradicionais sobre violência de gênero em cenários de conflito armado. Com isso, o principal objetivo foi analisar o silêncio que envolve os casos de violência sexual contra homens no conflito, compreendendo o uso da violência sexual como uma arma de guerra, à luz das teorias sobre masculinidade hegemônica e a análise do discurso.

Por meio da Análise do Discurso de linha francesa, foram examinados relatos publicados pela imprensa internacional, abordando o modo como o corpo masculino é instrumentalizado como campo de disputa simbólica, política e bélica. Os dados analisados revelam que o corpo do homem em cativeiro é submetido a práticas sistemáticas de violência sexual como método de tortura. Essas práticas visam não apenas ferir fisicamente, mas também desestabilizar o *ethos* masculino, ferindo a honra, a virilidade e o pertencimento nacional da vítima. O discurso das vítimas carrega marcas de silêncio, ruptura e desidentificação, revelando os efeitos subjetivos da violência e da expectativa social de masculinidade.

No decorrer das discussões teóricas, encontramos uma relação entre masculinidade e silêncio, tendo o *ethos* masculino como estrutura de impossibilidade de fala. O silêncio nem sempre é ausência, ele pode aparecer como gesto discursivo, ele é significante. Assim, sendo o trauma moldado pela normativa de gênero, o silêncio se torna presente para preservar a masculinidade.

O silêncio funciona discursivamente não como ausência de fala, mas como forma de resistência, trauma e exclusão. A pesquisa revela que mesmo sendo vítimas,

os homens têm dificuldade de se reconhecer enquanto tais, pois a posição de vítima contraria os fundamentos da masculinidade (associado à força, ao controle e à invulnerabilidade).

É importante retomar o fato do contato direto a um dos sobreviventes ucranianos, que se recusou a responder a algumas perguntas por meio de formulário pela justificativa de não concordar com o título da tese, por conter a expressão "violência sexual". A recusa revela traços importantes da impossibilidade de nomeação da experiência, do homem não se identificar como uma vítima de violência sexual, de evitar a todo custo o rompimento do *ethos* masculino, de sua identidade socialmente atribuída, e optar por manter a estrutura que ordena as narrativas discursivas.

Esta pesquisa apresentou dados importantes publicados no relatório do Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, onde constatou que no ano de 2024, que relatou que dos 342 casos de violência sexual denunciados no conflito russo-ucraniano, 236 foram de homens e 10 de meninos. Uma maioria absoluta em relação às mulheres e meninas. E, no entanto, trouxemos aqui o relato de um sobrevivente que denuncia a falta de atendimento médico especializado para homens vítimas de violência sexual, havendo apenas ginecologistas a serviço nos postos de atendimento. Esse dado aponto diretamente para um silenciamento sistêmico dos casos de violência sexual contra homens.

Outro ponto de extrema relevância que essa tese pode analisar é a preferência dos homens em dizer que sofreram "tortura", ao invés de nomear a experiência como "violência sexual". Apesar da narrativa trazer claramente fatos que se caracterizam como violência sexual, esses homens optam por nomear de outra forma, mais uma vez entregando o silenciamento que atravessa as suas palavras, pela não possibilidade de reconhecer que homens podem ser vítimas de violência sexual. Socialmente o papel de vítima não é atribuída aos homens, o estupro e tudo que sabemos sobre ele, é associado às mulheres. O que torna o "estupro masculino" como algo inominável, impossível de ser dito.

A pesquisa buscou trazer importantes contribuições no avanço teórico sobre a masculinidade em contextos bélicos, além de incorporar os homes como sujeitos possíveis de violência sexual. A proposta metodológica de análise discursiva do silêncio permitiu trazer um estudo mais aprofundado sobre as dinâmicas de silenciamento em torno do tema.

Este trabalho encontrou algumas limitações metodológicas, como a falta de acesso direto às vítimas, tendo que se restringir ao corpus jornalístico. Esse não foi um fator que comprometesse a qualidade dos dados empíricos, uma vez que esses se mostraram mais do que suficientes para responder ao problema e atingir os objetivos da pesquisa.

A pesquisa também indica para alguns caminhos para a realização de análises comparativas com outros conflitos. Além disso, reconhecemos a importância de que o debate seja ampliado para análise de discursos institucionais, como a Organização das Nações Unidas e de governos. E por fim, o campo de investigação também pode ser mais explorado com análises interseccionais sobre idade, orientação sexual etc.

Conclui-se que, embora os relatos tragam à tona práticas de violência sexual que atingem diretamente os corpos e subjetividades masculinas, persiste uma lógica discursiva que os mantém à margem do reconhecimento jurídico, institucional e social. Esta tese, portanto, busca não apenas lançar luz sobre uma dimensão silenciada da guerra contemporânea, mas também contribuir para a ampliação das categorias de análise da violência sexual e das masculinidades na produção acadêmica e nos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

BARBET, D.; HONORÉ, J-P. **Ce que se taire veut dire :** Expressions et usages politiques du silence. Mots. Les langues du politique, 103. p. 7-21, 2013

BEAUCHESNE, Émilie. **Permis de tuer ? Masculinité, culture d'agression et armée :** le cas du colonel Russell Williams, violeur en série et tueur. M Éditeur : Saint-Joseph-du-Lac, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine.** Éditions du Seuil : Paris, 1998.

BULL, Heddley. **A sociedade anárquica.** Trad. Sérgio Bath (1ª edição). Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2002.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5ª ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2018.

CANADÁ. **Criminal Code**, 1892. Art. 143, revogado em 1983.

CAPLOW, Theodore ; VENNESSON, Pascal. **Sociologie militaire :** armée, guerre et paix. Paris : Armand Colin, 2000.

CLAUSEWITZ, Carl von. **De la guerre***.* Paris : Dumaine, 1832. p. 51.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** Trad. Angela M. C. Corrêa. 2 ed, 3ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político.** Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. – 2. Ed., 3ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2017.

CNN. **Russia accused of sexual violence in occupied Ukraine.** 30 maio 2024. Disponível em: https://edition.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd. Acesso em: 6 maio 2025.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade.** MANA, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 65-90, 2015.
DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p065.

DORAIS, Michel. **Ça arrive aussi aux garçons :** l'abus sexuel au masculin. Éditions TYPO : Montréal, 1997.

EURONEWS. **'Now we are together': Ukrainian men try to recover from Russia's campaign of sexual violence.**

05 ago. 2024. Disponível em: https://www.euronews.com/2024/08/05/now-we-are-together-ukrainian-men-try-to-recover-from-russias-campaign-of-sexual-violence. Acesso em: 6 maio 2025.

FERREIRA, Denis Gonçalves et al. **Violência sexual contra homens no Brasil:** subnotificação, prevalência e fatores associados. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 57, p. 1–14, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004523. Acesso em: 30 de abril de 2025.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido:** estudos discursivos. 2 ed. – São Paulo : Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24 ed. – São Paulo : Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** – 9ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GINZBURG, Jaime. **Escritas da Tortura.** In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Orgs.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 133-150.

GROUX, J-J. ; ZORDAN, L. ; DADOUM, R. ; **L'impérialisme du phallus.** Paris : Des femmes-Antoinette Fouque, 2016

HAIA. **Convenção IV** relativa às leis e costumes da guerra terrestre, de 18 de outubro de 1907. Disponível em: https://ihl-databases.icrc.org/ihl/INTRO/195. Acesso em: 3 out. 2024.

HOOKS, bell. **La volonté de changer :** les hommes, la masculinité et l'amour. Paris : Divergences, 2021.

LACAN, Jacques. **Écrits II.** Edition du Seuil : Paris, 1966.

LACERTE-LAMONTAGNE, Célyne ; LAMONTAGNE, Yves. **Le viol :** acte de pouvoir et de colère. La Presse : Montréal, 1980.

LATTANZIO, Felipe. **Une approche continuiste de la psychanalytique a la lumière de la théorie de la séduction généralisée.** In : TESSIER, H; DEJOURS, C. Narcissisme et "sexual" dans l'œuvre de Jean Laplanche. PUF : Paris, 2020.

LE GOAZIOU, Véronique. **Le viol, aspects sociologiques d'un crime.** La documentation Française : Paris, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos.** In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivos.* São Paulo : Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Trad.: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. – 6 ed. Ampl. – São Paulo : Cortez, 2013.

OCCRP. **Rape, electric shocks and threats of castration: what four Ukrainian men endured under Russian occupation.** 2024.
Disponível em: https://www.occrp.org/em/feature/rape-electric-shocks-and-threats-of-castration-what-four-ukrainian-men-endured-under-russian-occupation. Acesso em: 6 maio 2025.

OHCHR. **Report on the human rights situation in Ukraine, 1 June to 31 August 2024: 40th periodic report.** Genebra: Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights, 2024. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/documents/country-reports/report-human-rights-situation-ukraine-1-june-31-august-2024 . Acesso em: 30 abr. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6ª ed. – Campinas : Editora da Unicamp, 2007.

GREY; SHEPHERD, **"Stop Rape Now?"**: Masculinity, Responsibility, and Conflict-Related Sexual Violence, 16 MEN & MASCULINITIES 115, 116 (2012) ("[W]hile some (not enough) global attention has been paid to female survivors/victims of violence, considerably less has been directed at their male counterparts. . .. Male victims/survivors of sexual violence remain a marginal concern to international policy . . .."), 2007.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos humanos e o direito constitucional internacional.** – 14 ed. – São Paulo : Saraiva, 2013.

POULIN, Richard. **Une culture d'agression :** masculinités, industries du sexe, meurtres en série et de masse. M Éditeur : Gatineau, 2017.

RADIO-CANADA. **En Ukraine, les violences sexuelles comme arme de guerre.** 2024. Disponível em: https://ici.radio-canada.ca/nouvelle/2056062/guerre-ukraine-russie-violences-sexuelles-torture. Acesso em: 6 maio 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social.** Tradução de Lourdes Santos Machado. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth. **Introdução: A Síndrome do Pequeno Poder**. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989. p. 13-21.

SELEK, Pinar. **Le chaudron militaire turc :** un exemple de production de la violence masculine. Des femmes-Antoinette Fouque : Paris, 2023.

SIVAKUMARAN, Sandesh, **Sexual Violence Against Men in Armed Conflict**, 18 EUR. J. INT'L L. 253, 253–55. See also Valerie Oosterveld, The Gender Jurisprudence of the Special Court for Sierra Leone : Progress in the Revolutionary United Front Judgments, 44 CORNELL INT'L L.J. 49, 53 (2011) (gender-based violence against men has been marginalized in international criminal jurisprudence), 2007.

SURKIS, Judith. **Histoire des hommes et des masculinités :** passé et avenir. Hommes et masculinités de 1789 à nos jours : Contributions à l`histoire du genre et de la sexualité en France. Org. : Regis Revenin. Paris : Autrement, 2007.

THE GUARDIAN. **‘Carved on bodies and souls’: Russia’s use of male sexual torture in Ukraine.** 29 out. 2024. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2024/oct/29/carved-on-bodies-and-souls-russias-use-of-male-sexual-torture-in-ukraine. Acesso em: 6 maio 2025.

VOJDIK, VALORIE K. (2014) **"Sexual Violence Against Men and Women in War:** A Masculinities Approach," *Nevada Law Journal*: Vol. 14: Iss. 3, Article 15. Available at: https://scholars.law.unlv.edu/nlj/vol14/iss3/15

WALTZ, Kenneth N. **O homem, o estado e a guerra :** uma análise teórica. Tradução : Adail Ubirajara Sobral.- 2a Ed. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2022.

WEBER, Max. **Économie et société.** Traduction de Julien Freund. Paris : Plon, 1971.

WELZER-LANG, Daniel. **Le viol au masculin.** L’Harmattan : Paris, 1988.

WELZER-LANG, Daniel. **Les hommes et le masculin.** Éditions Payot & Rivages : Paris, 2004.

WOMEN’S REFUGEE COMMISSION. **Service barriers faced by male survivors of sexual violence in Ukraine.** Nova York: WRC; Inter-Agency Working Group on Reproductive Health in Crises; Gender-Based Violence Area of Responsibility Ukraine Protection Cluster, dez. 2023. Disponível em: https://reliefweb.int/report/ukraine/service-barriers-faced-male-survivors-sexual-violence-ukraine-enuk . Acesso em: 30 abr. 2025.

YOUTUBE. **VIOLS EN UKRAINE:** documenter l’horreur : France 24, 2023. 1 vídeo (17:03 min). Publicado em: 10 de março de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jaH4fEqCO1U Acesso em 6 de maio de 2025.

APÊNDICE

Quadro 5: relato 1

1) Fonte	Euronews (2024)
Título	‘Now we are together’: Ukrainian men try to heal from Russia’s campaign of sexual violence Tradução: "Agora estamos juntos": homens ucranianos tentam se recuperar da violência sexual promovida pela Rússia.
Jornalista	Angela Skujins (mulher, australiana)
Link	https://www.euronews.com/2024/08/05/now-we-are-together-ukrainian-men-try-to-recover-from-russias-campaign-of-sexual-violence
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Oleksiy Sivak
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	But the invasion put an end to my work and my career. I was subjected to physical and psychological torture, including sexual torture. During the liberation of Kherson our invaders fled the city. I was luckier than the others, as there was not enough room for me in the car in which the prisoners were transported (elsewhere) by Russians and I was simply released, without documents, but still I was able to return home. Everything started in captivity. Their jokes, sympathy, kind words, and even a look was our only lifeline. We help people find a new path in their lives. Not by erasing what happened to them, but by accepting and taking into account this experience. We are doing all this for ourselves, our brothers, and especially for those who are being held captive and tortured right now. I cannot change the past, but each of us strives to do our best to make the present tolerable and the future happy for all those who have been and are being tortured.

Tradução	(Contexto: Oleksiy Sivak vivenciou as agressões e fundou uma organização de apoio de homens que passaram pela mesma experiência) Mas a invasão pôs fim ao meu trabalho e à minha carreira. Fui submetido a tortura física e psicológica, incluindo tortura sexual. Durante a libertação de Kherson, nossos invasores fugiram da cidade. Tive mais sorte do que os outros, pois não havia espaço suficiente para mim no carro em que os prisioneiros foram transportados para outro local pelos russos, e simplesmente fui libertado – sem documentos, mas ainda assim consegui voltar para casa. Tudo começou no cativeiro. As piadas deles, a simpatia, as palavras gentis e até mesmo um olhar eram nossa única tábua de salvação. Ajudamos as pessoas a encontrar um novo caminho em suas vidas – não apagando o que lhes aconteceu, mas aceitando e levando essa experiência em consideração. Estamos fazendo tudo isso por nós mesmos, por nossos irmãos e, especialmente, por aqueles que estão sendo mantidos em cativeiro e torturados neste exato momento. Não posso mudar o passado, mas cada um de nós se esforça para fazer o melhor possível para tornar o presente suportável e o futuro feliz para todos que foram e continuam sendo torturados.

Quadro 6: relato 2

2) Fonte	Euronews
Título	‘Now we are together’: Ukrainian men try to heal from Russia’s campaign of sexual violence Tradução: "Agora estamos juntos": homens ucranianos tentam se recuperar da violência sexual promovida pela Rússia.
Jornalista	Angela Skujins (mulher, australiana)
Link	https://www.euronews.com/2024/08/05/now-we-are-together-ukrainian-men-try-to-recover-from-russias-campaign-of-sexual-violence
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Oleksandr Rechetov
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	This city means so much to me. My life after the war has changed so much. The war made me appreciate what I have. I was treated not as a victim, but as a best friend. I felt among my own. Although everyone was different, we had only one thing in common: we expressed ourselves to each other. I realised that I was not the only one and there are many guys who went through the same thing as me, including the CRSV, and now we are together. To prevent such crimes, there must be appropriate punishment. In English, (Alumni) means a graduate or a former student without a diploma, but at the same time it sometimes means former prisoners. Once when meeting with a group of former cellmates just on the street, a conversation started, and someone called our meeting a reunion … When we were released, we did not stop talking.
Tradução	(Contexto: Oleksandr Rechetov declarou que desenvolveu alcoolismo após vivenciar as agressões e relata sua experiência no grupo de apoio para homens fundado por Oleksiy Sivak) Esta cidade significa muito para mim. Minha vida após a guerra mudou profundamente. A guerra me fez valorizar o que tenho. Fui tratado não como uma vítima, mas como um melhor amigo. Senti que estava entre os meus. Embora todos fossem diferentes, havia algo que nos unia: expressávamos uns aos outros nossos sentimentos e experiências. Percebi que não era o único – há muitos outros rapazes que passaram pelo mesmo que eu, incluindo a violência sexual relacionada a conflitos (CRSV), e agora estamos juntos. Para prevenir tais crimes, deve haver punição adequada. Em inglês, **"Alumni"** significa um graduado ou ex-aluno sem diploma, mas, ao mesmo tempo, às vezes também se refere a ex-prisioneiros. Certa vez, ao me encontrar com um grupo de ex-colegas de cela na rua, começamos uma conversa e

	alguém chamou nosso encontro de **"reunião de ex-alunos"**... Quando fomos libertados, não paramos de nos comunicar.

Quadro 7: relato 3

3) Fonte	Organized Crime and Corruption Reporting Project
Título	Rape, Electric Shocks, and Threats of Castration: What Four Ukrainian Men Endured Under Russian Occupation Tradução: Estupro, choques elétricos e ameaças de castração: o que quatro homens ucranianos sofreram sob a ocupação russa.
Jornalistas	Yana Korniichuk (mulher ucraniana), Anna Babinets (mulher ucraniana), and Ilya Lozovsky (homem russo)
Link	https://www.occrp.org/em/feature/rape-electric-shocks-and-threats-of-castration-what-four-ukrainian-men-endured-under-russian-occupation
Tipo de mídia	Escrita/vídeo
Nome	Viktor Soldatov
Foto	
Vídeo	sim
Voz	sim
Relato	They threw me on the table, spread me apart. Four of them held me — two by my arms, two by my legs. They pulled my shorts off and started prodding my buttocks with, I don't know, a rubber truncheon or something. I was in such a dark state that I didn't understand anything anymore. 'Do you know what we're going to do to you?,' [they said]. 'All of us together, and each one individually?'" "They weren't interested in my answers to their questions," says Viktor Soldatov. "Whatever I answered, it didn't have any influence on the outcome. What they cared about was the process itself."
Tradução	Eles me jogaram na mesa, me abriram. Quatro deles me seguraram — dois pelos braços, dois pelas pernas. Eles tiraram meus shorts e começaram a cutucar minhas nádegas com, eu não sei, um cassetete de borracha ou algo assim. Eu estava em um estado tão sombrio que não conseguia entender mais nada. Você sabe o que vamos fazer com você? [eles disseram]. Todos nós juntos, e cada um individualmente? Eles não estavam interessados nas minhas respostas às perguntas. O que quer que o eu respondesse, não tinha

	nenhuma influência no resultado. O que importava para eles era o próprio processo.

Quadro 7: relato 4

4) Fonte	Organized Crime and Corruption Reporting Project
Título	Rape, Electric Shocks, and Threats of Castration: What Four Ukrainian Men Endured Under Russian Occupation Tradução: Estupro, choques elétricos e ameaças de castração: o que quatro homens ucranianos sofreram sob a ocupação russa.
Jornalista	Yana Korniichuk (mulher ucraniana), Anna Babinets (mulher ucraniana), and Ilya Lozovsky (homem russo)
Link	https://www.occrp.org/em/feature/rape-electric-shocks-and-threats-of-castration-what-four-ukrainian-men-endured-under-russian-occupation
Tipo de mídia	Escruta/vídeo
Nome	Chudinovich
Foto	
Vídeo	Sim
Voz	sim
Relato	The church turned into a place of exchange for everything: Food, services, medicines, fuel, I had no guns in the church and there could never be any. But we did things that they consider too dangerous. … The Ukrainian priest motivates the Ukrainian soldier." "'Isn't it good to do good?'" Chudinovich says they asked him. "Well, I'm a Christian priest, how can I say it's not good to do good? I said, of course it's good. … They said, let's record a video, let's do some good, the people are hungry." "I'm nodding," he says, "But I'm not agreeing. … I said, 'Even if I record such a video, no one will believe me.' Maybe I shouldn't have said that. After that, it got harsher." "I ask for water — they give me vodka. This five-liter container, he just takes his container under my hat, and shoves it there, where my mouth is, and pours this liquid. I thought it was water, but it was vodka. Not even vodka, but diluted alcohol." "I'm standing there without clothes, and then they take a baton and start trying to shove It in my anus," he says. "I'm screaming, of course. It's all flowing out of my nose, spit, tears."

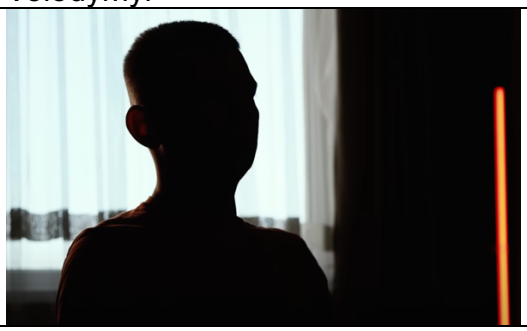
	“Well, they almost tore a part of my body, when one of them managed to say: ‘Will you sign a paper of cooperation?’ I said, yes, yes, I’ll sign.” “As soon as I hear the Russian language, my heart rate goes up,” Chudinovich says. “They’re lying to everyone, that nothing happens to the people who land in their jails,” says Serhiy Chudinovich, a priest with the Ukrainian Orthodox Church who was detained and tortured in March 2022. “When they say that their ‘filtration measures’ don’t involve violence? They do. And I’m a witness. … This is information from my own lips. I’m a source. Let the people know. I want them to know.”
Tradução	A igreja se transformou em um lugar de troca para tudo: comida, serviços, remédios, combustível. Eu não tinha armas na igreja e nunca poderia haver. Mas fizemos coisas que eles consideram perigosas demais... O padre ucraniano motiva o soldado ucraniano. Não é bom fazer o bem? Chudinovich diz que eles lhe perguntaram. ‘Bem, eu sou um padre cristão, como posso dizer que não é bom fazer o bem? Eu disse, claro que é bom... Eles disseram, vamos gravar um vídeo, vamos fazer algo bom, o povo está com fome.’ ‘Estou assentindo,’ ele diz, ‘mas não estou concordando... Eu disse: ‘Mesmo que eu grave um vídeo assim, ninguém vai acreditar em mim.’ Talvez eu não devesse ter dito isso. Depois disso, ficou mais severo.’ ‘Peço água — eles me dão vodca. Esse recipiente de cinco litros, ele só pega o recipiente, coloca debaixo do meu chapéu, e empurra onde está minha boca, derramando esse líquido. Achei que fosse água, mas era vodca. Nem mesmo vodca, mas álcool diluído.’ ‘Estou lá, sem roupas, e então eles pegam um cassetete e começam a tentar enfiá-lo no meu ânus. Disse: ‘Estou gritando, claro. Está tudo saindo do meu nariz, saliva, lágrimas.’ ‘Bem, eles quase arrancaram uma parte do meu corpo, quando um deles conseguiu dizer: ‘Você vai assinar um documento de cooperação?’ Eu disse, sim, sim, eu vou assinar.’ Assim que ouço a língua russa, minha frequência cardíaca sobe. Eles estão mentindo para todos, que nada acontece com as pessoas que acabam nas prisões deles. Quando dizem que suas ‘medidas de filtragem’ não envolvem violência? Elas envolvem. E eu sou uma testemunha... Esta é uma informação dos meus próprios lábios. Eu sou uma fonte. Que as pessoas saibam. Eu quero que elas saibam.

Quadro 8: relato 5

5) Fonte	Organized Crime and Corruption Reporting Project (2024)
Título	Rape, Electric Shocks, and Threats of Castration: What Four Ukrainian Men Endured Under Russian Occupation Tradução: Estupro, choques elétricos e ameaças de castração: o que quatro homens ucranianos sofreram sob a ocupação russa.
Jornalista	Yana Korniichuk (mulher ucraniana), Anna Babinets (mulher ucraniana), and Ilya Lozovsky (homem russo)
Link	https://www.occrp.org/en/feature/rape-electric-shocks-and-threats-of-castration-what-four-ukrainian-men-endured-under-russian-occupation
Tipo de mídia	Escrita/vídeo
Nome	Oleg
Foto	
Vídeo	sim
Voz	sim
Relato	“I kept screaming that … I didn’t know anyone, and I really didn’t,” he says. “I asked them to let me go home, because I had a little child. And I asked them to keep my car as a ransom.” “They also kept threatening that they would throw my little son into the Dnipro River. Or put him in a Russian orphanage.” “They didn’t even really ask questions, just tortured me,” he says. “And then they threw me off that chair. And, still naked, they put me on the table. … Then they called in one of their terrorists, who they called simply ‘The Pervert.’ He flew into the room, this really eccentric, rude guy.” “He immediately called me his whore, and things like that. His girl. And he tried to rape me. He moved his genitals around by my buttocks, tried to pet me and things like that. This was all accompanied by laughter. His, and everyone else. For about 15 minutes he tried to do it. And then he got angry that he couldn’t do it. And just started kicking me on the buttocks, on my genitals, saying, ‘I can’t fuck this black ass.’ My whole body was covered in black bruises.” Then, Oleg says, his abuser took a ballpoint pen, shoved it into his anus, and used his foot to jam it inside. “After that they just threw me off that table and dragged me into my cell.” “They broke me psychologically, and I still can’t be the same person I was,” he says. “I keep having

	nightmares where I'm being chased by people in uniforms and masks." "And another reason why I'm explaining what happened to me in such detail: I want others who also lived through something like this … to speak up as well. Because it makes our voices stronger."
Tradução	Eu continuei gritando que... Eu não conhecia ninguém, e realmente não conhecia. Pedi para me deixarem ir para casa, porque eu tinha uma criança pequena. E pedi para que ficassem com meu carro como resgate. Eles também continuavam ameaçando que jogariam meu filho pequeno no rio Dnipro. Ou o colocariam em um orfanato russo. Nem faziam muitas perguntas, só me torturavam. E então me jogaram daquela cadeira. E, ainda nu, me colocaram na mesa... Depois, chamaram um dos seus terroristas, que eles chamavam simplesmente de 'O Pervertido'. Ele entrou na sala, um cara realmente excêntrico e rude. Imediatamente me chamou de sua prostituta, e coisas assim. Sua garota. E tentou me estuprar. Ele esfregava seus genitais nas minhas nádegas, tentava me acariciar e coisas do tipo. Tudo isso acompanhado de risos. Dele e de todos os outros. Por cerca de 15 minutos, ele tentou. E então ficou com raiva por não conseguir. E começou a me chutar nas nádegas, nos meus genitais, dizendo, 'Eu não consigo foder essa bunda preta.' Meu corpo inteiro ficou coberto de hematomas pretos. Depois, Oleg diz, seu agressor pegou uma caneta esferográfica, enfiou no seu ânus, e usou o pé para empurrá-la para dentro. "Depois disso, eles simplesmente me jogaram daquela mesa e me arrastaram de volta para minha cela. Me quebraram psicologicamente, e eu ainda não consigo ser a mesma pessoa que era. Eu continuo tendo pesadelos onde estou sendo perseguido por pessoas de uniforme e máscaras. E outro motivo pelo qual estou explicando em tanto detalhe o que aconteceu comigo: quero que outros que também passaram por algo assim... falem também. Porque isso fortalece nossas vozes.

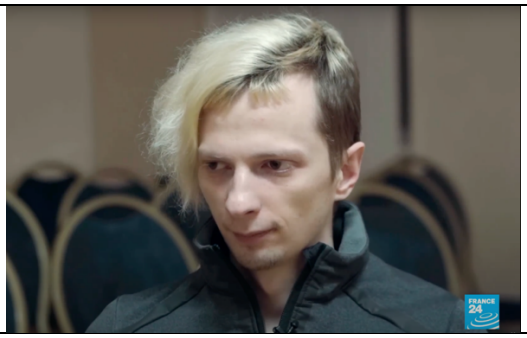
Quadro 9: relato 6

6) Fonte	Organized Crime and Corruption Reporting Project
Título	Rape, Electric Shocks, and Threats of Castration: What Four Ukrainian Men Endured Under Russian Occupation Tradução: Estupro, choques elétricos e ameaças de castração: o que quatro homens ucranianos sofreram sob a ocupação russa.
Jornalista	Yana Korniichuk (mulher ucraniana), Anna Babinets (mulher ucraniana), and Ilya Lozovsky (homem russo)
Link	https://www.occrp.org/en/feature/rape-electric-shocks-and-threats-of-castration-what-four-ukrainian-men-endured-under-russian-occupation
Tipo de mídia	Escrita/vídeo
Nome	Volodymyr
Foto	
Vídeo	Sim
Voz	Sim
Relato	They used some kind of forceps or something. They squeezed my genitals in them, threatening to cut them off. And they threatened to use a pen to sexually violate me in an unnatural way. Using criminal jargon the whole time. That was in Kherson, in the first days after my detention. In the first hours, even." "They constantly threatened sexual assault. That they'll rape you, or force you to perform oral sex, or rape you with a pen, or with a truncheon," he said. "It was so widespread that it happened almost every day." "It's a country with these values, where in order to show your toughness, you have to show that you can make a helpless person of the same gender perform sex acts. It's just a complete gulag. The history of how they built their country, it's just a complete prison, with the corresponding mentality." "It's Russia," he says. "What can you say?"
Tradução	Eles usaram algum tipo de pinça ou algo assim. Eles apertaram meus genitais nelas, ameaçando cortá-los. E ameaçaram me violar sexualmente com uma caneta de uma maneira não natural. Usando jargão criminal o tempo todo. Isso foi em Kherson, nos primeiros dias após minha detenção. Nas primeiras horas, até.

	Eles constantemente ameaçavam agressões sexuais. Que iam me estuprar, ou me forçar a fazer sexo oral, ou me estuprar com uma caneta, ou com um cassetete. Era tão comum que acontecia quase todos os dias. É um país com esses valores, onde, para mostrar sua força, você tem que provar que pode forçar uma pessoa indefesa do mesmo gênero a realizar atos sexuais. É apenas um gulag completo. A história de como eles construíram seu país, é apenas uma prisão completa, com a mentalidade correspondente. É a Rússia. O que mais se pode dizer?

Quadro 10: relato 6

Quadro 11: relato 7

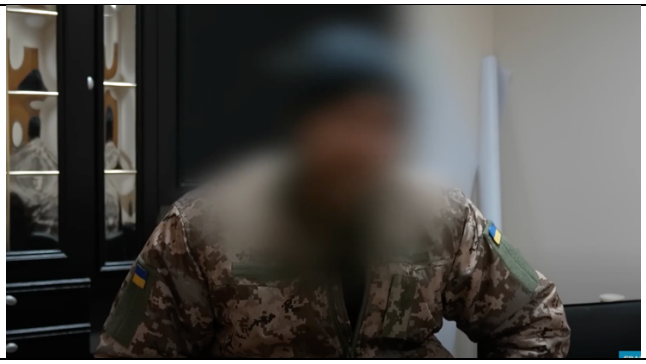
7) Fonte	France 24
Título	Viols en Ukraine : documenter l'horreur Tradução: Estupros na Ucrânia: documentar o horror
Jornalista	Illioné Shultz (mulher, francesa) e Marine Courtade (mulher francesa)
Link	https://youtu.be/jaH4fEqCO1U?si=tqx6PPxIfMKBkf_d
Tipo de mídia	Vídeo
Nome	Ilia
Foto	
Vídeo	Sim
Voz	Sim
Relato	Ils étaient huit. Ils m'ont poussé sur le sol. Chacun leur tour, ils m'ont frappé à la tête et dans le dos. Ils m'ont violé chacun leur tour. Plus tard, j'ai réalisé que cela avait duré 8 heures. Ils ont tout filmé avec leurs téléphones. Je me souviens de leurs visages et même du nom de plusieurs d'entre eux. Je les entendais parler entre eux. Je pense que celui qui commandait ces salauds s'appellait Rahim. Je suis sûr que la Cour Internationale Pénale de Justice ne restera pas silencieuse.
Tradução	Eram oito. Eles me empurraram no chão. Um por um, me bateram na cabeça e nas costas. Um por um, eles me violentaram. Mais tarde, percebi que aquilo durou 8 horas. Eles filmaram tudo com seus celulares. Lembro-me de seus rostos e até do nome de vários deles. Eu os ouvia conversando entre si. Acho que o líder desses desgraçados se chamava Rahim. Tenho certeza de que o Tribunal Penal Internacional não ficará em silêncio.

Quadro 12: relato 8

8) Fonte	France 24
Título	Viols em Ukraine : documenter l'horreur Tradução: Estupros na Ucrânia: documentar o horror
Jornalista	Illioné Shultz (mulher, francesa) e Marine COURTADE (mulher francesa)
Link	https://www.youtube.com/watch?v=HXKE5lB5W44&t=166s
Tipo de mídia	Vídeo
Nome	Serhii
Foto	
Vídeo	Sim
Voz	Sim
Relato	Pendant environ 20 minutes ils m'ont battu avec des tasers et des matraques sur le dos les fesses et les jambés. Je suis tombé et ils ont crié relève-toi en m'insultant en me disant alors tu attends l'armée ukrainienne prends ça avec un coup d'électrochoc. Ils m'ont attaché des électrodes aux parties génitales à la chair et au scrotum. Ils ont 145emme145ce à faire tourner la poignée pour générer de l'électricité et mes mains ont été attachées par derrière avec la même arme en plastique et ils ont tourné la manivelle, plus ils tournaient vite, il y avait d'électricité et plus la douleur était forte. À chaque fois que la porte de la cellule s'ouvrait, on devait se lever et crier : « gloire à la Russie, gloire à Poutine, gloire à soyou. Mais tu penses toujours à ta famille, à ta 145emme, à tes enfants. Tu dois t'em sortir, tu dois survivre em fait ça m'a aidé à ne pas perdre courage.
Tradução	Por cerca de 20 minutos, eles me bateram com tasers e cassetetes nas costas, nas nádegas e nas pernas. Eu caí, e eles gritaram: 'Levante-se!', me insultando e dizendo: 'Então, você está esperando o exército ucraniano? Tome isso!', junto com um choque elétrico. Eles prenderam eletrodos nas minhas partes genitais, na pele e no escroto. Eles começaram a girar a manivela para gerar eletricidade, e minhas mãos estavam amarradas atrás com a mesma arma de plástico. Quanto mais rápido eles giravam, mais eletricidade havia e maior era a dor. Cada vez que a porta da cela se abria, tínhamos que nos levantar e gritar: 'Glória à Rússia, glória a Putin, glória ao Soyuz.' Mas você continua pensando na sua família, na sua esposa, nos seus filhos. Você precisa resistir,

	você precisa sobreviver. Na verdade, isso me ajudou a não perder a coragem.

Quadro 13: relato 9

9) Fonte	France 24 (2023)
Título	Viols en Ukraine : documenter l'horreur Tradução: Estupros na Ucrânia: documentar o horror
Jornalista	Illioné Shultz (mulher, francesa) e Marine COURTADE (mulher francesa)
Link	https://www.youtube.com/watch?v=HXKE5lB5W44&t=166s
Tipo de mídia	Vídeo
Nome	Ivan
Foto	
Vídeo	Sim
Voz	Sim
Relato	J'avais des compagnons de cellules. Les soldats russes les emmenaient dans le couloir, mettaient un préservatif sur la matraque et les violaient en disant : « vous serez les prochains si vous ne me dites pas où se trouve l'entrepôt d'armes, où sont vos frères, où sont les partisans et les groupes de sabotage. On a été forcés de regarder. Mon compagnon de cellule y a été 146asti pendant deux jours. Ensuite, ils lui ont donné le préservatif avec lequel il a été 146asti et quand ils sont entrés dans notre cellule, il a dû le sortir de sa poche et le mâcher debout devant eux. On nous sortait parfois, on voyait leur visage sans cagoule pendant trois jours. Ils les emmenaient au sous-sol de 22h à 4h du matin. Il torturait tout le centre. Les cris… impossible de dormir.
Tradução	Eu tinha companheiros de cela. Os soldados russos os levavam para o corredor, colocavam um preservativo no cassetete e os estupravam, dizendo: 'Vocês serão os próximos se não me disserem onde está o depósito de armas, onde estão seus irmãos, onde estão os partidários e os grupos de sabotagem.' Fomos forçados a assistir. Meu companheiro de cela foi estuprado por dois dias. Depois, eles lhe deram o preservativo com o qual ele havia sido estuprado, e quando entraram em nossa cela, ele teve que tirá-lo do bolso e mastigá-lo de pé, na frente deles. Às vezes, éramos levados para fora, víamos seus rostos sem capuzes por três dias. Eles

	os levavam para o porão das 22h às 4h da manhã. Eles torturavam todo o centro. Os gritos… impossível dormir.

Quadro 14: relato 10

10) Fonte	CNN World (2024)
Título	Survivors say Russia is waging a war of sexual violence in occupied areas of Ukraine. Men are often the victims Tradução: Sobreviventes afirmam que a Rússia está travando uma guerra de violência sexual nas áreas ocupadas da Ucrânia. Os homens são frequentemente as vítimas.
Jornalista	Ivana Kottasová (mulher tcheca) e Olga Voitovych (mulher ucraniana)
Link	https://edition.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Oleksiy Sivak
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	We already knew about these torture rooms; we knew that people do not return from there. I went to deliver soup, warned the people I was helping, cut off all contacts and came home to wait for them. They called it 'the lie detector' and they were obviously having fun when spinning the dynamo, asking me 'do you want to call Zelensky? First, they put the clamps on my ears and while they were shocking me, they were also beating me with a stick, kicking me, and hitting me with their hands … then they moved these wires from my ears to my genitals. They said, 'we're going to sterilize you now' and things like that, while they were electrocuting my genitals. They wanted to humiliate me. It's obvious. What do you do to cause a man the most pain? You hurt his wife or his genitals. It's a whole system. Four people (tortured me) but they were just the hatchet men. Yes, they have no brains, yes, they are animals, but even if they are imprisoned, what about their bosses? Someone was managing them; someone was giving them orders.
Tradução	(Contexto: Oleksiy Sivak vivenciou as agressões e fundou uma organização de apoio a homens que passaram pela mesma experiência) Já sabíamos sobre essas salas de tortura; sabíamos que as pessoas não voltavam de lá. Fui entregar sopa, avisei as pessoas que estava ajudando, cortei todos os contatos e voltei para casa para esperá-los. Eles chamavam de 'detector de mentiras' e obviamente se divertiam girando o dínamo, me

	perguntando ‘você quer ligar para Zelensky?’. Primeiro, colocaram os grampos nas minhas orelhas e, enquanto me eletrocutavam, também me batiam com um bastão, me chutavam e me davam socos ... depois moveram esses fios das minhas orelhas para meus genitais. Eles diziam, ‘vamos esterilizar você agora’ e coisas do tipo, enquanto eletrocutavam meus genitais. Eles queriam me humilhar. É óbvio. O que você faz para causar mais dor a um homem? Você machuca a esposa dele ou seus genitais. É todo um sistema. Quatro pessoas me torturaram, mas eles eram apenas os carrascos. Sim, eles não têm cérebro, sim, são animais, mas mesmo que eles sejam presos, e os chefes deles? Alguém os estava gerenciando; alguém estava dando as ordens.

Quadro 15: relato 11

11) Fonte	CNN World
Título	Survivors say Russia is waging a war of sexual violence in occupied areas of Ukraine. Men are often the victims Tradução: Sobreviventes afirmam que a Rússia está travando uma guerra de violência sexual nas áreas ocupadas da Ucrânia. Os homens são frequentemente as vítimas.
Jornalista	Ivana Kottasová (mulher tcheca) Olga Voitovych (mulher ucraniana)
Link	https://edition.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd/index.html
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Roman Shapovalenko
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	They seemed to have a fetish for genitalia. Sometimes the door would open, and they would say: ‘We’re going to take out our batons and we’re going to rape everyone here. I made a little joke, and they didn’t like it. I got punched for that. I want to tell everyone, tell the international community, that it is not like they came, occupied us, stood there with machine guns and left. No, it wasn’t like that. And the most terrible thing is not what I am telling you now. The most terrible thing is that it is happening now in the occupied territories.
Tradução	Parecia que eles tinham um fetiche por genitália. Às vezes, a porta se abria e eles diziam: 'Vamos tirar nossos cassetetes e vamos estuprar todo mundo aqui.' Eu fiz uma pequena piada, e eles não gostaram. Levei um soco por isso. Quero dizer a todos, dizer à comunidade internacional, que não foi como se eles viessem, nos ocupassem, ficassem lá com metralhadoras e fossem embora. Não, não foi assim. E o mais terrível não é o que estou contando agora. O mais terrível é que isso está acontecendo agora nos territórios ocupados.

Quadro 16: relato 12

12) Fonte	CNN World
Título	Survivors say Russia is waging a war of sexual violence in occupied areas of Ukraine. Men are often the victims Tradução: Sobreviventes afirmam que a Rússia está travando uma guerra de violência sexual nas áreas ocupadas da Ucrânia. Os homens são frequentemente as vítimas.
Jornalista	Ivana Kottasová (mulher tcheca) Olga Voitovych (mulher ucraniana)
Link	https://edition.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd/index.html
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Roman Chernenko
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	Tapik is a military phone with two wires. One is connected to your balls, the other to your finger, and they just keep turning the current up. They just keep twisting it until the person tells them what they need. They laughed when they tortured me … they told me that my mother was being f**ked by Chechens. They took me to be shot twice, they threatened me with rape.
Tradução	Tapik é um telefone militar com dois fios. Um está conectado aos seus testículos, o outro ao seu dedo, e eles simplesmente continuam aumentando a corrente. Eles continuam girando até que a pessoa diga o que precisam. Eles riam enquanto me torturavam... me disseram que minha mãe estava sendo estuprada por chechenos. Me levaram para ser fuzilado duas vezes, me ameaçaram com estupro.

Quadro 17 - relato 13

13) Fonte	CNN World
Título	Survivors say Russia is waging a war of sexual violence in occupied areas of Ukraine. Men are often the victims Tradução: Sobreviventes afirmam que a Rússia está travando uma guerra de violência sexual nas áreas ocupadas da Ucrânia. Os homens são frequentemente as vítimas.
Jornalista	Ivana Kottasová (mulher tcheca) Olga Voitovych (mulher ucraniana)
Link	https://edition.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd/index.html
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Andrii
Foto	Não
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	We were kept in the basement of an office building. It was a small room with no furniture, we slept on cardboard and used a bucket to go to the toilet. I was the last one to be taken in for interrogation, so I could hear them all being tortured in the next room. I couldn't hear the conversations, only the screams and the moans. It was impossible to sleep because of these screams. I don't know who this man was and what happened to him … he was taken out into the corridor, where he was raped with a baton so that everyone could hear and see him. They enjoyed it. They were having fun.
Tradução	Ficamos no porão de um edifício de escritórios. Era uma sala pequena, sem móveis, dormíamos em papelão e usávamos um balde como banheiro. Fui o último a ser levado para interrogatório, então podia ouvir todos sendo torturados na sala ao lado. Não conseguia ouvir as conversas, apenas os gritos e os gemidos. Era impossível dormir por causa desses gritos. Não sei quem era esse homem e o que aconteceu com ele... ele foi levado para o corredor, onde foi estuprado com um bastão para que todos pudessem ouvir e ver. Eles se divertiam. Estavam se divertindo.

Quadro 18 – relato 14

14) Fonte	Radio Canada (2014)
Título	Crimes sexuels et tortures en Ukraine : la difficile collecte de preuves Tradução: Crimes sexuais e torturas na Ucrânia: a difícil coleta de provas
Jornalista	Sarah Lawrynuik (mulher canadense)
Link	https://ici.radio-canada.ca/nouvelle/2056062/guerre-ukraine-russie-violences-sexuelles-torture
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Oleksii Holiko
Foto	
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	Avec la torture, quand la douleur s'arrête, c'est fini. La violence sexuelle est subie non seulement par le corps mais aussi par l'esprit. Elle étouffe le cerveau. Une électrode a été insérée dans mon anus, relate M. Holikov. Ils ont commencé à m'électrocuter. Puis, la même électrode a été placée sur mes parties génitales et le courant a commencé à circuler de la même manière. Je me suis évanoui, mais mes oreilles saignaient déjà. La plupart des hommes qui ont vécu cette expérience ont peur et se taisent. Ils n'en parlent à personne, parce qu'ils ont peur que leur jugement amène les gens à se détourner d'eux. Et ils ont raison d'avoir peur, car c'est ce qui se passe.
Tradução	Com a tortura, quando a dor acaba, está terminado. A violência sexual é sofrida não apenas pelo corpo, mas também pela mente. Ela sufoca o cérebro. Um eletrodo foi inserido no meu ânus. Eles começaram a me eletrocutar. Depois, o mesmo eletrodo foi colocado nos meus órgãos genitais e a corrente começou a passar da mesma maneira. Eu desmaiei, mas meus ouvidos já estavam sangrando. A maioria dos homens que viveu essa experiência tem medo e se cala. Eles não falam com ninguém, porque temem que seu julgamento faça as pessoas se afastarem deles. E eles têm razão em ter medo, pois é isso que acontece.

Quadro 19 – relato 15

15) Fonte	The Guardian (2024)
Título	Carved on bodies and souls': Ukrainian men face 'systemic' sexual torture in Russian detention centres Tradução: "Gravado em corpos e almas": homens ucranianos enfrentam tortura sexual "sistêmica" em centros de detenção russos
Jornalista	Emma Graham-Harrison (britânica) Artem Mazhulin (ucraniano)
Link	https://www.theguardian.com/world/2024/oct/29/carved-on-bodies-and-souls-russias-use-of-male-sexual-torture-in-ukraine?utm_source=chatgpt.com
Tipo de mídia	Escrita
Nome	Oleksii Sivak
Foto	 
Vídeo	Não
Voz	Não
Relato	I asked them: 'Am I meant to see a gynaecologist?' I was shocked. We've had a war since 2014 [when Russian proxy forces occupied Crimea and parts of eastern Ukraine] and no one had even thought about male victims of sexual violence. One of the aims of this organisation is to make a path where one didn't exist before, so we can be guides along it for others. If I am silent, it's like it never happened, and that means it is not happening now. The reality is that many men are still in basements. If I don't use my voice, how will those who are not free be heard? The Alumni association for men of Ukraine who have been detained and tortured. We say we are graduates without diplomas, our experience is carved on our bodies and our souls. My activism started with the full-scale invasion. Before that my goal in life was just to create a family. I never cared about politics. They would usually use it in the worst stages of torture, because what could be worse than this. Probably almost every man freed from captivity is part of our network. They just aren't all aware of it.
Tradução	Eu perguntei a eles: "Eu deveria procurar um ginecologista?" Fiquei chocado. Estamos em guerra desde 2014 [quando forças russas proxies ocuparam a Crimeia e partes do leste da Ucrânia], e ninguém sequer pensou nas vítimas masculinas de violência sexual. Um dos objetivos desta organização é abrir um caminho onde antes não existia, para que possamos ser guias para outros. Se eu ficar em silêncio, é como se isso nunca tivesse acontecido, e isso significa que não está

	acontecendo agora. A realidade é que muitos homens ainda estão em porões. Se eu não usar minha voz, como aqueles que não são livres serão ouvidos? A associação de ex-alunos (alumni) e torturados da Ucrânia. Dizemos que somos formados sem diplomas, nossa experiência está gravada em nossos corpos e nossas almas. Meu ativismo começou com a invasão em grande escala. Antes disso, meu objetivo na vida era apenas formar uma família. Nunca me importei com política. Eles geralmente usavam isso (eletrochoques nas genitais) nos piores estágios da tortura, por que o que poderia ser pior do que isso? Provavelmente, quase todo homem libertado do cativeiro faz parte da nossa rede. Eles só não sabem disso ainda.